A Morte de Ivan Ilitch
O Senhor dos Anéis

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA **VOLUME 1**

A Morte de Ivan Ilitch

O Senhor dos Anéis

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesvendável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

O legado de um intelectual extraordinário

Uma obra singular

A Volvo entende que a formação de suas lideranças passa por algo mais amplo do que o conhecimento de negócios, relacional ou cognitivo. Passa também pela formação cultural de alto nível e ampla. Foi assim que, por mais de cinco anos, os líderes Volvo tiveram o privilégio de apreender, refletir, re-pensar temas profundos com o Mestre José Monir Nasser, um intelectual ímpar do cenário paranaense que tinha o dom de transformar aulas de literatura em experiências únicas num expedição cultural sem precedentes.

Foram dezenas de obras estudadas. Obras clássicas da literatura mundial. Dramas, comédias, textos filosóficos e teatrais, que permitiram aos participantes uma visão refinada e diferenciada da evolução do pensamento humano, cada vez mais relevante para enfrentarmos os dilemas modernos.

Ao patrocinar o livro do Mestre José Monir Nasser, o Grupo Volvo no Brasil faz uma homenagem à dedicação ímpar que ele sempre teve em compartilhar seu conhecimento ao longo dos anos, sua escolha por ser representante da "Primeira Casta". Traduzir, comentar, resumir e revelar as chaves que permitem entender a essência das grandes obras ajudou a construir histórias, memórias e referências. Na Volvo, os encontros literários eram convites abertos, voluntários, para participar de uma programação cultural elevada. Mais de 30 líderes fizeram desses momentos uma vivência cujo valor é incalculável. Valor do saber, do conhecimento e da troca de experiências.

Além da saudade do "Mestre", fica aqui o legado de sua obra. É uma forma de continuar embebecido pelo belo, pelo profundo, pelo eterno, que nos faz entender o quanto a formação cultural pode fazer diferença na vida pessoal e profissional de um verdadeiro líder.

O primor desta edição nos dá a oportunidade de resgatar esses saberes e momentos. É um privilégio para quem o conheceu de perto. E uma oportunidade valiosa para aqueles que agora serão apresentados à sua obra.

Programa de **Desenvolvimento de Lideranças Volvo**

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de 'trainees' da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. 'Lia de tudo', dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', liderava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Tríade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: "Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo". Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: "É proibido não entender!" Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu "apenas" 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavaí, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

A Morte de Ivan Ilitch

Palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba em 24 de maio de 2008. Os trechos transcritos são da 1ª. edição de A Morte de Ivan Ilitch da editora 34, 2006, São Paulo, tradução de Boris Schnaiderman.

A Morte de Ivan Ilitch

PROF. MONIR: Este livro é uma novela. Nós aqui temos dificuldade em ler esta palavra, porque em espanhol a palavra romance diz-se novela. A estrutura do romance é a mais complexa de todas as formas literárias. É um conjunto paralelo de histórias que se interpenetram, com diversos núcleos de ação que têm ligação entre si. Isso é um romance.

A novela, em português, como este livro *A Morte de Ivan Ilitch*, é a narrativa centrada numa única ação. Portanto, a novela tende a ser menor do que o romance. De modo geral, são. Não que não possa haver exceções. Um romance pequeno pode às vezes ser menor do que uma novela longa. Mas isso não é comum. O normal é que a novela seja uma história curta, centrada numa única ação, do começo até o fim, enquanto o romance é centrado em diversas ações que se interpenetram. É por isso que essa dramaturgia popular chamada de novela de televisão é, na verdade, tecnicamente um tele-romance. E a razão pela qual inventamos esse nome é porque copiamos

dos espanhóis que já tinham isso lá, e copiamos o nome sem saber o que estávamos copiando. Então, telenovela, em princípio, não tem muito cabimento, mas o próprio produto também não tem, quer dizer, nada mais adequado do que o roto casando com o esfarrapado.

Temos poucas novelas aqui no nosso programa. Consigo me lembrar aqui, à primeira vista, apenas de *O Coração das Trevas* e de *O Estrangeiro*, acho que só. Tivemos apenas estas duas novelas até agora. Uma novela é sempre uma história muito mais simples, muito mais simplificada, porque não contrapõe planos de ação, não estabelece coisas que são independentes entre si.

A Morte de Ivan Ilitch tem no mercado duas traduções. Uma é essa aqui feita pelo Boris Schnaiderman e uma outra editada pela LPM, feita pela Vera Karam. Qualquer uma das duas que você tenha escolhido vai estar muito boa. Não há nenhum problema nas duas, são traduções boas. O Bruno Tolentino, que morreu há pouco tempo – era quase o maior poeta brasileiro vivo – dizia que você sabe quando uma tradução é boa quando você não consegue reconhecer a língua a partir da qual ela foi feita. Que essa era a única medida prática, pragmática, concreta de medir qualidade de tradução. Essas, tanto uma quanto a outra – eu li ambas – são de boa qualidade, não têm nenhum problema, então aqueles que pretendem ler o livro em seguida irão ter sucesso de um jeito ou de outro.

Quanto a este indivíduo chamado Lev Tolstói, já há uma polêmica logo de início, porque Lev em russo significa Leão e, por alguma estranha razão, tudo quanto é nome Tolstói escrito por aí vem precedido de um castelhano "Leon", que não parece ser justificado de modo nenhum. Então, todo mundo chama o homem de Leon Tolstói, sem nenhum sentido. Porque, afinal de

contas, ou chamamos pelo nome russo Lev, que é leão, ou chamamos pelo Leão português, já que temos a palavra Leão. Leão Tolstói é raro. De modo geral, quando se tenta traduzir do russo, escreve-se Leon Tolstói.

Muito bem! Este escritor é contemporâneo de Dostoievski. Cansei de dizer para vocês que se vocês quiserem estudar literatura russa, basta estudar os escritores do século XIX, porque a maior parte dos escritores russos que têm realmente valor são do século XIX: Turgueniev, Gogol, Tolstói, Dostoievski. Entre esses autores, Lev Tolstói é uma personagem extraordinariamente única. Vocês receberam uma pequena cronologia, queria passar os olhos nela com vocês. Não dá para a gente debater muito Tolstói agora, porque senão não teremos tempo de estudar o livro. Mas no final, no nosso encontro de hoje, queria muito considerar com vocês alguns aspectos de Tolstói muito importantes, sobretudo porque estes aspectos que serão levantados aqui já são uma preparação para o livro *Confissões* de Santo Agostinho, que é nosso próximo livro. Há um casamento, uma interação, entre o livro de hoje e o próximo livro chamado *Confissões*. De modo geral, tenta-se fazer isso. Nem sempre é possível, porque às vezes as interações só aparecem na última hora. Mas nesse caso aí, vai ser possível discutir Tolstói em comparação com Santo Agostinho, porque eles têm alguma coisa muito semelhante e alguma coisa muito dessemelhante.

Lev Tolstói | Cronologia

Então, olhando para o nosso autor, ele nasce em 1828. É um pouquinho mais novo do que Dostoievski, sete anos mais jovem.

"Nasce Lev Nikolaievitch Tolstói." Todo mundo sabe o nome do pai dele, não é? Como é que é chama o pai dele? Nicolau, muito bem! Todo mundo aqui aprendeu a falar russo, essa é uma das virtudes, um dos efeitos colaterais desse curso aqui. Nasceu em Iasnáia-Poliana, propriedade da família na região de Tula, centro da Rússia. A cidade mais importante ali deve ser Kazan, provavelmente.

"É o quarto filho da condessa Maria Volkonsky e do conde Nicolai Tolstói, que havia recebido comenda da Ordem de São Vladimir por heroísmo." São Vladimir é o homem que cristianizou a Rússia, no ano 1000, mais ou menos. Esse Vladimir foi um governante que virou santo. São Vladimir, por favor, no critério do cristianismo ortodoxo. Não esquecer que o cristianismo que está o tempo todo presente nesta história não é o nosso cristianismo católico, nem o protestante – é o ortodoxo. Significa que há várias diferenças em relação ao nosso cristianismo. É cristianismo também, mas não é exatamente a mesma coisa.

Ele "teria tido quatro irmãos legítimos: Nikolai (que tem o nome do pai), Sergei, Dimitri e Maria, e um ilegítimo, Michenka", que é um diminutivo. Michel certamente é o nome do Michenka.

"O ambiente familiar é culto: havia uma biblioteca com vinte mil livros em várias línguas." Não sei se vocês imaginam quanto isso representa um patrimônio extraordinário. Quantas pessoas que vocês conhecem têm vinte mil livros? Hoje em dia ninguém mantém biblioteca nenhuma. Esse homem tinha vinte mil, o pai do Tolstói, quando os livros eram caríssimos. Hoje os livros são caros, mas acessíveis. Mas no tempo de Tolstói os livros eram caríssimos, porque eram todos encadernados com algum luxo; o papel era muito caro.

Então, é preciso entender isso aqui como sinal de um enorme gosto por cultura, e em várias línguas. Quer dizer, era uma família poliglota.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Devia haver pouquíssima gente na Rússia naquela época que tivesse vinte mil livros. E esses livros estão conservados. Essa propriedade onde nasceu Tolstói é hoje uma espécie de parque nacional, e lá existe a biblioteca intacta.

"O pai de Lev o fazia decorar poesias de Pushkin", que era o maior poeta da Rússia, "e era generoso com os servos." Ainda nesta época existia um sistema de servidão, que na prática era um sistema de escravidão. Ele era absolutamente generoso com os servos, não os castigava. Um sujeito de um nível muito alto, este pai do Tolstói.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: O pai do Dostoievski parecia ser o contrário. Tanto é que foi morto pelos servos, por ser um sujeito com oscilação de humor. Hoje os psicólogos o chamariam de bipolar. O pai de Dostoievski bebia muito e fazia coisas terríveis. E esse aqui é o contrário.

Em 1830 morre a mãe de Leão Tolstói, "Maria Volkonski, seis meses depois do parto de Maria, a última filha. Lev, com menos de dois anos, nunca se lembraria da mãe."

Em 1837 "a família muda-se para Moscou, para as crianças poderem estudar", e morre o pai, subitamente, muito jovem ainda, de derrame. "É enterrado em Tula. Lev passa aos cuidados de sua tia Aleksandra", apelidada de Aline.

Em 1941 morre Aline, a sua tutora, e "Tolstói muda-se para Kazan, onde fica sob a guarda dos tios Yuskof." Ele, jovem, com 16 anos, alguma coisa assim, "entra na universidade de Kazan para estudar literatura turco-árabe, tendo se preparado intensamente, aprendendo árabe, turco, latim, alemão, inglês e francês, além de história."

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Tolstói era poliglota. Tinha uma facilidade enorme com as línguas. Em 1847, a experiência universitária já não deu certo. Ele não gostava do regime universitário, não se adaptava àquilo e "deixa a universidade sem completar o curso. Recebe como parte da herança quatro mil acres e trezentos e cinquenta servos na propriedade de Iasnáia-Poliana." Trezentas e cinquenta "almas", como se dizia naquela época. Os servos eram parte da propriedade. Não eram escravos como eram os escravos aqui, mas não podiam se destacar da propriedade. Então os servos, os ditos "almas", eram sempre herdados ou vendidos com a propriedade. É como se fosse assim um plantel de cabeças de gado, de galinha, do que for.

Em 1848 Tolstói "começa uma vida mundana entre Moscou e São Petersburgo, viciando-se em jogo, comprometendo o patrimônio e andando em más companhias."

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É a mesma coisa. Aliás, ambos são viciados em jogo. Tolstói não era alcoólatra; Dostoievski era alcoólatra também. Em 1850 sua herança está praticamente comprometida com dívidas de jogo.

Em 1851 o seu irmão Nikolai, mais velho que ele, está no exército, e ele então "adere ao exército do Cáucaso e participa da Guerra da Crimeia", uma guerra contra os turcos.

Em 1852 escreve a primeira obra, *Infância*, publicada numa revista, como era muito comum naquela época – naquela época se publicavam em revistas e jornais, aos capítulos, as obras que depois viravam livros.

Em 1853, escreve o segundo livro, *Adolescência*.

Em 1855, "na Revista Contemporânea, publica Narrativas de Sebastopol, onde narra as batalhas que presenciou e vivenciou, como o cerco à cidade de Sebastopol."

Em 1855 "demite-se do exército chateado com a profissão das armas" e em 1856 "morre de tuberculose o seu irmão Dimitri." Escreve o terceiro e último pedaço da trilogia *Juventude*.

Em 1858 "é quase morto por um urso numa caçada."

Em 1859 "tem um filho ilegítimo com Axínia Bazikin, uma camponesa casada que se tornou sua amante." Faz parte ainda da vida mundana de Tolstói, porque ele passou uma época de desregramento absoluto.

Em 1861 há a data quase mais importante da história da Rússia, que é a libertação dos servos no dia 19 de fevereiro pelo czar Alexandre II.

Em 1862 Tolstói dá a primeira endireitada na cabeça, casando-se com uma moça muito mais jovem que ele, Sófia Andréievna Bers. Essa Sófia também é às vezes chamada de Marsha, tinha esse apelido – e esse é um problema dos livros russos, porque cada personagem tem uns 12 apelidos, e nenhum dos 12 tem muita ligação com o nome original. E têm 12 filhos, que estão aí citados. Então, não vamos ler[1]. Desses filhos, cinco morreram ainda crianças. Então teve 12 filhos com esta mulher, além daquele filho ilegítimo, que teve antes, o mais velho.

Em 1863, para pagar uma dívida de jogo, ele entrega a obra *Os Cossacos* para publicação no *Mensageiro Russo*.

Em 1864 começam os cinco anos que levou escrevendo *Guerra e Paz*, a sua obra mais importante, que narra a guerra napoleônica – a invasão de Napoleão na primeira guerra napoleônica, que ele fez logo depois de tornar-se imperador. Depois fez uma segunda, quando fugiu de Elba e retomou o poder, com a ajuda do general Ney.

---

1 Nota do transcritor - O trecho da cronologia omitido na leitura em voz alta é o seguinte: 1862 Tolstói casa-se com Sófia (Sônia) Andréievna Bers, com quem terá doze filhos: Serguei (1863), Tatiana (1864), Ilia (1866), Leo (1869), Maria (1871), Pétia (1872), Nicolas (1874), uma menina sem nome que morreu após o parto, Andrei (1877), Alexis (1881), Alexandra (1884) e Ivan (1895).

Então ele faz uma segunda tentativa de conquistar a Europa. A primeira vez, de 1812 – a tentativa de conquistar a Rússia – é o episódio militar contado por Tolstói em *Guerra e Paz*.

Em 1869 "começa a publicação no ***Mensageiro Russo*** de ***Guerra e Paz*** (***Voina i Mir,*** em russo), um romance histórico narrando o destino de três famílias aristocráticas durante o confronto entre o exército de Napoleão com o exército de Alexandre I, em 1812". Nenhum livro de Tolstói é tão famoso quanto este. É um livro quase ilegível porque é enorme, tem três volumes, alguma coisa como 1.600-1.700 páginas. Sofre do mesmo mal de *À la recherche du temps perdu*, com a diferença de que o livro de Proust é um conjunto de livros separados. Você pode ler um por um, mesmo em épocas muito espaçadas, que irá entender o conjunto. Esse não; é uma história completa que é difícil de ler na prática – pouquíssima gente leu *Guerra e Paz* inteiro. Há uma possibilidade de ele entrar aqui no programa, não sei. O que está garantido no programa é *Ana Karênina*, para o ano que vem. Mas este, não sei se dá para fazer o resumo do livro na prática, mesmo. Então, está em estudo.

Em 1869, nesse mesmo ano, "Tolstói vivencia a famosa 'noite de Arzamas'". Aqui começa a modificação espiritual de Tolstói. Ele até então era um aristocrata de pai e mãe, com propriedades, dono de um monte de gente, que frequentava os lugares mais glamurosos, que jogava a sua fortuna fora e que tinha uma vida muito desregrada... De repente, ele já famoso por ter publicado um livro, vai comprar terras em um lugar chamado Arzamas, e tem uma espécie de transe místico. Ele depois tentou explicar, num livro que escreveu e não conseguiu editar. Diz ele que foi atingido por uma "estranha ansiedade, um medo, um terror", que nunca antes havia experimentado. Essa vivência mística mudou completamente a vida de Tolstói. Em seguida começa a

escrever o romance *Ana Karênina*, que é inspirado em Flaubert, nitidamente em *Madame Bovary*. E ele termina dois anos depois, e quando termina vai pela primeira vez ao monastério de Optina, que é um lugar sagrado para o cristianismo ortodoxo – também Dostoievski andou por lá. Há uma boa chance de que aquela personagem dos irmãos Karamázov, chamada *staretz* Zózima seja inspirada num velhinho - *staretz* significa ancião, mas não um ancião qualquer; é um ancião com uma sabedoria excepcional, uma espécie de guia espiritual de quem ele aceitar. Esse ancião, que é Santo Ambrósio – hoje se chama Santo Ambrósio, é um santo da igreja oriental, não da igreja ocidental –, Tolstói conheceu muito bem. Era o principal ancião lá daquele mosteiro. Ele também foi visitado por Dostoievski em 1878 e Gógol já fizera a mesma visita em 1850. Quer dizer, certamente esse senhor não aguentava mais a romaria de literários e escritores que iam lá o tempo todo para ver se pediam conselhos a ele. É uma dessas figuras espirituais extraordinárias e diz aqui: "Em Optina, Tolstói conhece o staretz Amvrosi". Amvrosi é Ambrósio em russo. Então Amvrosi é Santo Ambrósio, que foi canonizado pelo cristianismo oriental.

Em 1878, "Tolstói publica ***Ana Karênina***, sua segunda obra mais conhecida depois de ***Guerra e Paz***."

Em 1879 "conclui que apenas 'os perseguidos estão na verdade' e resolve aliar-se aos 'hereges e adversários da Igreja'. Neste ano, numa missa, antes da comunhão, vira as costas e sai da Igreja para nunca mais voltar. Tolstói vê nisso a sua conversão ao 'verdadeiro cristianismo'". Começa aí uma existência absolutamente original, essa que Tolstói terá daí para a frente. De um sujeito aristocrático e mundano, tem aquela experiência mística durante aquela viagem e vai a um mosteiro. Começa então, aos pouquinhos, a contradizer,

ou pelo menos a não aceitar mais a religiosidade tal como expressa na religião ortodoxa. Não que ele gostasse de outra – também nenhuma outra servia. Tolstói vai criando um cristianismo para si próprio, que ele chama de cristianismo fundamental, cristianismo básico ou simples. Ele vai criando uma espécie de seita, muito parecido com o que fizeram os protestantes no renascimento. Criaram então uma maneira de ver o cristianismo que independia da estrutura burocrática da Igreja, que não tinha sustentação nem apoio de uma instituição. É isso que Tolstói começa a criar aí nessa época. Diz ele que é o verdadeiro cristianismo.

"Escreve *Minha Confissão*, obra que só seria publicada em 1882, em que condena a sua vida pregressa, incluindo toda a sua atividade literária." Essas obras todas, tanto *Ana Karênina* quanto *Guerra e Paz*, são obras do tempo em que ele ainda não tinha se redescoberto verdadeiramente como cristão.

"Tolstói decide não escrever mais ficção, mas dedicar sua vida ao 'verdadeiro cristianismo' e a uma espécie de 'socialismo agrário.'" A concepção que ele tinha da vida é de que tudo que fosse cerimonial religioso era pervertido, porque no fundo, no fundo, só interessava o fato de que somos todos filhos de Deus e que, se somos todos filhos de Deus, somos todos iguais. Então, essa história de que tem um padre que é mais importante do que você, isso é besteira. Ele achava que não tinha que cultuar nem Jesus Cristo, nem Nossa Senhora, nem santo nenhum, nem ter ícone nenhum, e que no fundo era uma coisa de simplicidade absoluta, e como somos todos iguais, porque somos todos filhos do mesmo Pai, então, todos tínhamos que ter a mesma coisa. Ele vai para aquela fazenda, Iasnáia-Poliana, onde nasceu, e transforma aquele negócio numa espécie de centro de experimentação social, em que os servos tinham poder também. Já havia acontecido a libertação dos servos.

Ele começa a criar ali uma espécie de socialismo agrário. Um negócio muito parecido com isso que hoje em dia está na cabeça de alguém como Frei Beto, coisas desse gênero. A diferença é que Tolstói não tinha uma proposição revolucionária, ele não associava isso a nenhuma entidade revolucionária. Ele não era marxista, ao contrário, achava Karl Marx um idiota completo. Não era um socialista moderno, mas um sujeito que tinha essa ideia de socialismo cristão. Quem tem a mesma ideia é esse procurador orelhudo, esse Luís Francisco, que desapareceu. Depois que o PT virou réu, ele sumiu. Lembram, um sujeito vistoso, que andava por aí? Esse sujeito escreveu um livro de 1.100 páginas dizendo que o comunismo é uma utopia cristã. Pois essa é mais ou menos uma ideia tolstoiana. Muito parecido com o que Tolstói pensava do mundo.

"Volta para Optina, em 1881, e apresenta ao staretz Amvrosi, Santo Ambrósio, a sua nova versão do Novo Testamento," - que ele acha que é a certa – "dita Combinação e tradução dos quatro Evangelhos, em que expurga toda a referência à divindade de Cristo, aos milagres, ao sobrenatural, à redenção e à imortalidade." O velhinho pega um cacete e o expulsa a cacetadas do mosteiro. Santo Ambrósio corre com ele do mosteiro e ele sai furioso, achando que o velhinho tinha uma fé cega. E ele achava inacreditável que alguém pudesse ter fé cega, que a fé tinha que ser uma coisa racional. Esse Tolstói não bate bem, sabe, depois a gente volta a falar um pouquinho dele. Mas ele tinha essas coisas assim.

Começa a escrever em 1882 "o artigo Por ocasião do Censo de Moscou onde afirma: 'é impossível viver deste modo – impossível, impossível, impossível', referindo-se às disparidades de renda entre ricos e pobres. Muda-se para

Moscou para os filhos poderem estudar, e fica mais impressionado ainda com as desigualdades entre os homens (que são irmãos, logo iguais, segundo a sua visão.)"

Em 1884, "começa a escrever *Diário de um Louco*, para descrever a noite de Arzamas. Tenta aprender, aos 56 anos, o ofício de sapateiro e começa a ler filosofia chinesa". Quem era sapateiro também era Jacob Boehme, um místico alemão do séc. XV, que embora não tivesse nenhuma formação filosófica, era capaz de explicar coisas extraordinárias. Talvez tenha sido esta a inspiração de Tolstói. Ser como Jacob Boehme.

Em 1886, "publica *A Morte de Ivan Ilitch (Smert Ivana Ilicha)*", esse é o nome em russo do livro que vamos ler hoje.

Em 1890 "publica *Sonata a Kreuzer*, em que condena as relações sexuais até mesmo no casamento, salvo para efeitos de reprodução." Bom, ele já tinha 13 filhos...

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Em 1891 "publica *Crítica à Teologia Dogmática*, em que ataca as igrejas em geral. Decide doar todos os seus bens aos pobres." A família obviamente não acha uma boa ideia, e pressiona Tolstói. Ele então passa todos os bens para a família e fica sem nada. Abre a mão de todas as coisas, propriedade e tudo.

Em 1894 "publica *O Reino de Deus está Dentro de Você*, síntese do seu pensamento espiritual e social, que teria influenciado o pacifismo de Gandhi". O pacifismo era uma das regras básicas da filosofia moral de Tolstói.

Em 1897 – aqui tem uma calúnia – escrevi isso aqui e hoje de manhã eu descobri que a sua mulher Sófia não teve por amante Sergei Tanaiev – tinha certo cabimento, já que ele tinha decretado que não era mais para ter sexo a não ser para reprodução e ela já tinha 12 filhos, então parece até legítimo que ela tivesse arrumado um amante – mas ao que tudo indica essa foi uma paixão platônica, embora tenha de fato existido. Então, por favor, corrijam a calúnia. Aparentemente, ao que tudo indica, esta paixão foi platônica, embora tenha sido verdadeira, real e concreta.

"Publica em 1898 *O que é Arte?*", um livro muito interessante - essa tradução aqui no Brasil é feita do inglês, quer dizer, tem alguma dificuldade por causa disso – em que ele diz que arte só serve para divulgar a verdade cristã. E que todos os tipos de arte, inclusive os livros que ele escreveu, são uma belíssima porcaria, e isso inclui também Shakespeare, Da Vinci, Dante Alighieri e todo o mundo. E ele diz assim no livro, literalmente: "A descrença das altas classes do mundo europeu criou uma situação em que a atividade artística cujo objetivo era transmitir os mais elevados sentimentos que a humanidade atingiu em sua consciência religiosa – foi substituída por outra cujo objetivo era proporcionar o maior prazer para um certo grupo de pessoas." A tese desse livro *O que é Arte?* é de que se perdeu, na medida em que o mundo foi vivendo, a ideia de que a arte servia, como no início dos tempos, apenas para apresentar a verdade religiosa. É quando uma determinada classe ociosa, rica, europeia, já descrente, tendo apenas um cristianismo de fachada, então resolve transformar a arte na busca do prazer. A ideia de que

a arte serve para que haja um estímulo, digamos, sensorial, é, na opinião dele, uma ideia pervertida. É um livro que vale a pena ler, porque é muito bem feito. É claro que você não precisa concordar com a tese, a tese não está certa na sua totalidade. Mas é um livro muito interessante porque revela tudo o que Tolstói é. Se você quer entender como funciona a mente do Tolstói, leia este livro *O que é a Arte?*.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É, ele é um sujeito ranzinza. Parece que o sujeito passou a noite em claro com dor de dente e escreveu o livro de manhã. Mais ou menos assim. *(Risos)*. Deve ter sido este o caso, provavelmente.

E publica, em 1899, *"Ressurreição, de caráter messiânico."*

Em 1901 abandona a família em Moscou para se isolar em Iasnáia-Poliana, que se torna lugar de romaria de tolstoianos, adeptos de uma espécie de 'comunismo místico' associado à teoria da não-resistência ao mal. Faz a última viagem a Optina." Chesterton goza de Tolstói dizendo assim: "para o pessoal do Tolstói São Jorge não matou o dragão, mas amarrou uma fita cor-de-rosa no focinho dele e lhe deu um pratinho de leite". A ideia fundamental do cristianismo de Tolstói é exatamente aquilo que está no *Sermão da Montanha*, de que você deve dar a outra face ao seu agressor. Então é a ideia da não-violência, da extinção de todo o processo jurídico, legal; que não se deve de modo nenhum perseguir os criminosos, que isso não se faz, que não vai resolver nada. A gente volta a Tolstói depois.

E "no dia 28 de outubro de 1910, com 82 anos, foge da sua propriedade buscando 'isolamento e silêncio' e morre de pneumonia na estação de Astapov no dia 20 de novembro, depois de vagar entre vários mosteiros."

Essa é a história de Tolstói. Depois que decidiu que não ia mais escrever ficção, escreveu *A Morte de Ivan Ilitch*, que tem uma conotação nitidamente ficcional. Mas ela já não é como os livros anteriores, porque se os livros anteriores eram, na opinião dele, livros em que ele estava mais ou menos iludido com as coisas do mundo, esse aqui não é mais um livro assim. Vocês verão que esta obra é maravilhosa. Um livro extraordinário! Diz Paulo Ronái que é a melhor novela já escrita. É um modelo de novela – se alguém quiser saber como é que se escreve uma novela, pegue este livro para ler. É uma obra extraordinária, que você lê numa tensão dramática enorme – é quase impossível parar de ler – e que conta a história de um sujeito chamado Ivan Ilitch.

Esse Ivan Ilitch é um advogado, de certo modo bem-sucedido, a quem o destino produz um atrapalho enorme. É a história dessa transição entre uma situação de extraordinário conforto e enorme tranquilidade para uma situação dramática que a novela nos conta. Quando Tolstói escreveu este livro, ele já estava dentro desta vida espiritual. É preciso dizer que, seja quanto discordemos de Tolstói (e depois vamos tentar isso no final), não se pode dizer que ele não tenha sido um sujeito coerente. Ele foi absolutamente coerente. É uma dessas almas que passam a vida fazendo apenas as coisas que acham que são justas. Não se pode, portanto, acusá-lo de ser um farsante, de ser um fingido, de ser um publicitário de si mesmo, de

ser alguém que faz só marketing. Não é alguém que finge que é uma coisa e é outra. Ele era de fato assim. Podia estar errado, mas era verdadeiro. Isso já é uma grande virtude de Tolstói.

Este livro não é um livro em que se possa discutir nenhuma ideia religiosa - é um livro completamente ação pura, pura, pura. Representa mais ou menos o próprio progresso que, simbolicamente, Tolstói estava vivendo. Vamos, então – se vocês não têm dúvidas, depois a gente volta a falar de Tolstói no final - à *Morte de Ivan Ilitch*. Temos a nossa leitora oficial de volta hoje, que é a Clarinha, que vai nos ajudar a ler para ganharmos um pouco de tempo e poupá-los do esforço. Lembrem que, a qualquer momento, estou aqui para resolver pedaços obscuros e palavras difíceis, embora ache que não há neste aqui. Começo sempre lendo o resumo da narrativa.

Resumo da Narrativa

Membro da aristocracia russa, o conde Lev Tolstói nasceu em 1828 na propriedade Iasnáia-Poliana na Rússia Central. De certo modo, a vida aristocrática permeia as grandes obras ***Guerra e Paz*** e ***Ana Karênina***, até a crise religiosa de 1879, seguida da conversão ao "cristianismo primitivo" e da obra ***Minha Confissão***. A partir daí a obra de Tolstói direcionou-se para temáticas cada vez mais espirituais. Tolstói acabou inaugurando um "campesinato evangélico" e a propriedade de Iasnáia tornou-se destino de romarias. Nenhuma obra de Tolstói reflete a transição da própria vida do autor tão bem quanto a novela ***A Morte de Ivan Ilitch***, publicada em 1886. Essencialmente, a doutrina de Tolstói é uma forma de anarquismo cristão, baseado no princípio do amor fraterno e em certos preceitos do Sermão da Montanha: não ser colérico, não cometer adultério; não fazer juramentos, não

oferecer resistência ao mal; amar os inimigos. O bem, acreditava ele, conduziria afinal à sociedade agrária, igualitária, livre de estados, composta de vegetarianos abstêmios e não fumantes que se vestiriam como camponeses e praticariam a castidade antes e depois do casamento.[2]

PROF. MONIR: Esse é o modelo existencial de Tolstói. Isso parece assim estranho mas, enquanto esteve vivo, durante 20 anos houve centenas de pessoas que moraram na propriedade de Tolstói tentando botar isso na prática. Chesterton chama a turma de Tolstói de "os novos *quakers*". Ele teria criado então uma seita de *quakers*, teria se resumido fundamentalmente a isso.

Paulo Ronái acha a novela ***A Morte de Ivan Ilitch*** a mais perfeita que já se escreveu e Otto Maria Carpeaux considera "uma das obras mais comoventes e mais pungentes da literatura universal" e que "Tolstói foi, sem dúvida, um homem que durante a vida inteira procurou, com zelo fanático, a verdade".

PROF. MONIR: Não se pode dizer que ele tenha sido um tapeador. Pode ter se autoenganado, mas que era um sujeito desonesto, não era. Há milhões de linhas escritas para explicar Tolstói, que é uma personagem muito estranha, e há uma aposta maior que está ligada aí aos seus complexos de culpa, apesar de que a família dele não era uma família exploradora dos outros, como eram os outros aristocratas russos. O pai dele era um sujeito absolutamente humano e generoso.

Ninguém sabe muito bem o que é. A verdade é que ele passou por uma experiência mística e desde então, foi se tornando cada vez mais aquilo

---

2 Nota do resumidor – Extraído do prefácio de *O que é Arte*, Leon Tolstoi, São Paulo, 2002, pp. 13/14.

que ele concebia como sendo um cristão primitivo, antes de aparecer essa “desgraça” chamada Igreja, antes de aparecer a autoridade, aparecer a burocracia, aparecer o dízimo, aparecerem todas essas relações de poder associadas à Igreja.

Confirmando a tese, no seu Goethe e Tolstói, Thomas Mann afirma que “as obras literárias de Tolstói no fundo não são mais que fragmentos de um imenso diário mantido durante cinquenta anos, uma confissão detalhada e sem fim”. Em outra obra, ***Minha Confissão***, escrita em 1879, Tolstói se pergunta “Há na minha vida um sentido que não será aniquilado por minha morte que me espera inevitavelmente?” Esta pergunta talvez seja a chave do enigma Lev Tolstói.

PROF. MONIR: Bom, vamos ler a história do Ivan Ilitch, então. Começa a história com a revelação da morte de Ivan Ilitch. Clarinha, por favor, vamos lá.

Dois juízes e um promotor, num intervalo de um julgamento, conversam sobre casos jurídicos quando um deles, Piotr Ivânovitch, que passava os olhos por um jornal, alerta os colegas:

> – Senhores! – disse ele. – Morreu Ivan Ilitch.
>
> – Será possível?
>
> – Aqui está, leia – disse ele a Fiódor Vassílievitch, entregando-lhe o jornal fresco, ainda cheirando a tinta.
>
> Havia ali a seguinte notícia, envolvida por uma tarja preta: Prascóvia Fiódorovna Golovina comunica, com dor na alma, a seus parentes e conhecidos o falecimento do seu amado esposo, o juiz Ivan Ilitch

> Golovin, ocorrido em 4 de fevereiro do corrente ano de 1882. O féretro sairá sexta-feira, à uma da tarde.
>
> Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali reunidos, e todos gostavam dele. Estivera doente algumas semanas; dizia-se que a sua doença era incurável. Não fora substituído no cargo durante a moléstia, mas sugeria-se que, no caso da sua morte, seria provavelmente substituído por Aleksiéiev, e este, no seu cargo, por Vínikov ou Stábel. De modo que, ao ouvirem a notícia da morte de Ivan Ilitch, o primeiro pensamento de cada um dos que estavam reunidos no gabinete teve por objeto a influência que essa morte poderia ter sobre as transferências ou promoções tanto dos próprios juízes como dos seus conhecidos. (págs. 7 e 8)

PROF. MONIR: Então, esse início é muito bom, porque estão os colegas do Ivan Ilitch Golovin – ele não vai mais ser chamado de Golovin, porque o autor só o chama de Ivan Ilitch, só o nome e o patronímico: Ivan, filho de Iliá (Ilitch é filho de Iliá), que é o primeiro nome do pai dele. Então, aquele fato da morte de Ivan Ilitch motiva discussões sobre quem é que vai pegar aquele lugar, que era um lugar bom, provavelmente, relativamente aos outros. É interessante que em todos os livros russos você encontra muitas personagens com nome alemão. Isso é normal porque houve uma emigração da Alemanha para a Rússia por obra de Catarina II, que queria melhorar o padrão cultural da Rússia, pois achava que a Rússia era muito bárbara. Então ela incentivou e entregou terras em enormes quantidades

para alemães. Tanto é que tem muito alemão que hoje mora no Brasil que veio para o Brasil da Rússia, e não da Alemanha. Os alemães do Volga aqui em Entre Rios, por exemplo. Então, há muitas colônias alemãs no Brasil que têm origem russa, embora sejam alemãs em termos étnicos. E foi a Catarina que fez esta distribuição de terras lá, então é muito comum encontrar personagens com nome alemão em histórias russas – Dostoievski tem o tempo todo, o tempo todo.

Vejam que a morte de Ivan Ilitch significa para esses conhecidos, colegas, sobretudo uma oportunidade profissional e não mais outra coisa do que isso.

Mais chegado ao falecido que os outros, Piotr Ivânovitch, depois do jantar, vai ao velório e, sem saber bem o que fazer, "escolheu uma solução intermediária: entrando no quarto, começou a persignar-se e como que a inclinar-se um pouco".

PROF. MONIR: Persignar-se é fazer o sinal da cruz. Esse Piotr Ivânovitch é aquele que leu a notícia do jornal, que era o único que tinha alguma ligação maior com Ivan.

Sente certo odor de cadáver em decomposição. Encontra o criado Guerássim que havia feito as vezes de enfermeiro a Ivan Ilitch, que "gostava particularmente dele". Piotr Ivânovitch julga que seu amigo, "como todos os defuntos, tinha o rosto mais belo e, sobretudo, mais significativo do que fora em vida." Depois das exéquias, quando o advogado está saindo, Schwartz, um dos presentes, e "que não se entregava às impressões acabrunhantes", o convida para jogar cartas mais tarde na casa de Fiódor Vassílievitch.

PROF. MONIR: Esse Fiódor Vassílievitch é um daqueles que estavam conversando com Piotr lá no escritório, quando se descobre a morte do Ivan Ilitch.

Antes que Piotr possa responder, a viúva, Prascóvia Fiódorovna, estende o braço e o leva para outro aposento, para tratar de certo assunto com ele.

> – Mas eu tenho um caso a tratar com o senhor.
> Piotr Ivânovitch inclinou-se, e procurou evitar que se separassem as molas do pufe, o qual imediatamente se mexeu debaixo dele.
> – Nos últimos dias, ele sofreu horrivelmente.
> – Sofreu muito? – perguntou Piotr Ivânovitch.
> – Ah, foi terrível! Nos últimos não digo minutos, mas horas, ele não parou de gritar. Gritou sem cessar três dias seguidos. Era intolerável. Não consigo compreender como suportei isto; ouvia-se tudo, atrás de três portas. Ah! O que tive de sofrer! (pág. 14)

Piotr Ivânovitch, misturando sentimentos de horror ao sofrimento do amigo com curiosidade mórbida, procura obter detalhes do passamento de Ivan "como se a morte fosse uma aventura inerente a Ivan Ilitch apenas, e de modo nenhum a ele também". A conversa progride para assuntos pecuniários e a viúva quer saber como "obter dinheiro do Tesouro, em consequência da morte do marido", (Piotr percebe que ela já tinha todas as informações, até mais que ele, mas investigava como podia "abocanhar mais"). Finalmente, de saída para jogar cartas com Schwartz e companheiros, Piotr encontra os dois filhos de Ivan, uma mocinha

"de cintura fina", Ielisavieta, e Vladimir, um moleque ginasiano, "tremendamente parecido com o pai".

PROF. MONIR: Se para os colegas de Ivan Ilitch a morte dele representa uma oportunidade profissional, para a mulher dele, Prascóvia, representa uma maneira de arrumar uma boa pensão do Estado. E era essencialmente este o assunto que Prascóvia tinha com Piotr naquela noite. Esse Piotr vai desaparecer da história agora. Nunca mais ouviremos falar dele, porque ele é apenas um pretexto que o autor usou para nos contar que Ivan Ilitch tinha morrido. Daqui para a frente, o que vai acontecer é, em linguagem moderna, um *flashback* de toda a vida de Ivan Ilitch até o momento da morte. Essas pessoas que até então apareceram, como Schwartz, Piotr, Vassílievitch, não terão mais papel na história. É uma técnica de escrever moderna. É muito comum no cinema, no cinema funciona muito bem. Tem um filme chamado *Crepúsculo dos Deuses* – em inglês chama-se *Sunset Boulevard* – que começa com um sujeito morto na piscina e o mesmo sujeito ao lado dizendo assim: "Olha, aquele ali sou eu, eu morri, como vocês podem perceber" e aí começa a contar a história toda a partir da conclusão da sua morte. A mesma coisa faz Paulo Honório do *São Bernardo*, que também começa a história contando que está completamente derrotado e que, embora fosse analfabeto... a única parte inverossímil do livro é essa, não é? Não se concebe que um sujeito tão analfabeto quanto Paulo Honório pudesse escrever aquele livro. Então errou mesmo, o Graciliano Ramos. Faltou aí um pouco de competência artística. E também é o caso das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que é assim: "Olha, eu já morri, então vou contar a história". Esse é um truque narrativo que vai muito, muito bem no cinema. No cinema, a cada cinco filmes, acho que dois são assim. Começa com um fato consumado logo de cara e aí o resto do filme é para explicar como as coisas acabaram daquele jeito. Talvez tenha sido

até mesmo Tolstói quem inventou isso. Não posso garantir. Mas, sem dúvida nenhuma, é um recurso muito hábil. Agora sabemos que Ivan Ilitch morreu, que ele era advogado, que portanto vai ser substituído, e a mulher dele irá cuidar para que aquele fato, embora lamentável, não a deixe na miséria, não é isso? Agora o autor vai nos contar quem é a nossa personagem, Ivan Ilitch, desde o início. A única personagem que continua daqui para a frente, das personagens aí mencionadas, é Prascóvia.

> A história pregressa da vida de Ivan Ilitch foi das mais simples e comuns e, ao mesmo tempo, das mais terríveis. (pág. 17)

Ao morrer, Ivan Ilitch tinha quarenta e cinco anos e era juiz do Foro Criminal.

PROF. MONIR: O sistema jurídico russo não é como o nosso. Lá existe a figura do juiz de instrução, que é um juiz que comanda o inquérito – aqui no Brasil não é assim. Aqui é a polícia quem faz o inquérito e o juiz apenas recebe os autos, mas na França é assim e na Rússia também é assim. Se vocês se lembram de *Crime e Castigo*, aquele juiz que desmascara Raskólnikov, Porfiri Pietróvitch, era um juiz de instrução também. O juiz de instrução é uma pessoa que comanda um inquérito, faz a investigação e todos os interrogatórios, para enfim chegar à conclusão ou não da culpa de alguém.

Filho de Iliá Iefímovitch Golovin, "funcionário inútil de diversas repartições desnecessárias", destacava-se na família de que se podia dizer:

> (Iliá) teve três filhos. Ivan Ilitch era o segundo. O primogênito fazia carreira idêntica à do pai,

apenas em outro ministério, e já estava chegando à idade funcional em que se atinge esta inércia dos vencimentos. O terceiro filho era um fracassado. Prejudicara-se em diferentes repartições, e agora estava servindo na administração das estradas de ferro: tanto o seu pai como os irmãos, e particularmente as mulheres destes, não gostavam de se encontrar com ele e até não se lembravam, sem uma necessidade extrema, da sua existência. A irmã estava casada com o barão de Graff, um funcionário de Petersburgo idêntico ao seu sogro. Ivan Ilitch era 'le phoenix de la famille[3], como se dizia. Não era frio e meticuloso como o mais velho, nem temerário como o caçula. Constituía o termo médio entre eles: uma pessoa inteligente, viva, agradável e decente. Cursou a Faculdade de Direito junto com o irmão mais moço. Este foi expulso do quinto ano e não terminou o curso, enquanto Ivan Ilitch brilhava nos estudos, recebendo depois o diploma. Na Faculdade, ele já era aquilo que seria no decorrer de toda a existência: um homem capaz, alegre, bonachão, comunicativo, mas um severo cumpridor daquilo que considerava seu dever; e considerava como seu dever tudo aquilo que consideravam como tal as pessoas mais altamente colocadas. (pág. 18)

(...)

3 Nota do resumidor – "Phoenix de la famille" significa aproximadamente "orgulho da família".

> Cometeu na Faculdade algumas ações que, antes, pareciam-lhe grande ignomínia e que suscitaram nele asco por si mesmo, no momento em que as cometia;

PROF. MONIR: Tipo "colar na prova".

> mas, percebendo ulteriormente que essas ações eram cometidas também pelas pessoas altamente colocadas e não eram consideradas por elas como ações más, não é que ele as tivesse considerado boas, mas esqueceu-as de todo e não se entristecia um pouco sequer ao lembrá-las. (pág. 19)

PROF. MONIR: A impressão que vocês têm do Ivan Ilitch é boa? Da família, é o mais bem-sucedido dos filhos, é um sujeito sério, estudou, teve notas brilhantes. Acho que podemos concluir que a impressão que Ivan dá é boa, não é? Repararam que todo mundo aqui é funcionário público? Isso é uma característica da Rússia Imperial, que não tinha atividade econômica que não fosse a agricultura. Havia fundamentalmente uma estrutura agrária, baseada em oligarquias, com fazendas muito grandes, porque é muita terra – apesar de que um bom pedaço disso é inabitável, na região siberiana. Não dá para fazer nada lá, até hoje não se habita lá porque é inóspito, realmente inóspito. A gente não tem ideia do que é frio, a não ser quando vai para um lugar desses.

A Rússia é muito grande, então as propriedades eram muito grandes. Havia um sistema social baseado na servidão: uma família era dona da propriedade,

da *dacha* ou da fazenda que tinha lá 2 mil, 4 mil, 10 mil almas. Os servos eram chamados de mujiques. Não que mujique signifique servo; mujique significa agricultor. O mujique ucraniano é considerado o melhor agricultor do mundo. E essa gente então vivia em regime de semi-escravidão, como se fossem propriedade física, ativos físicos da fazenda. Nas cidades não havia indústria nenhuma, só comércio. Uma pequena classe média comerciante – muito pequena, de modo geral –ocupada por alemães. Os alemães dominavam o pequeno comércio, a pequena indústria – como aconteceu aqui também. Quando o Paraná se tornou independente de São Paulo, em 1853, Curitiba era uma cidade alemã. Das cinco padarias que tinha, quatro eram de alemães. Dos cinco ferreiros, três eram alemães, e assim por diante. A mesma coisa aconteceu em Joinville. Quando chegaram lá os colonos, havia uma sociedade de famílias portuguesas que aos pouquinhos foram sendo substituídas pelos alemães, que faziam as coisas industriais. Então a Rússia nesse tempo é uma sociedade em que os cargos de que a vida social depende fundamentalmente estavam ligados ao Estado. Havia uma prioridade total do emprego público. Estar ligado ao Estado é tudo que alguém podia imaginar como sendo bom. Havia um pequeno comércio, uma pequena quantidade de empregados na cidade, muito pequenininha, e a economia básica era a agrícola, com o regime de servidão. Quase todo mundo era funcionário público. Você não encontrava ninguém que não fosse isso. Todos trabalhavam no governo e, sobretudo, em assuntos associados ao jurídico. As personagens mais ambiciosas queriam ser juízes, advogados, procuradores, enfim.

Depois de formado, Ivan Ilitch dirigiu-se à província para ocupar o cargo de adido ao governador, para encargos especiais, posto que lhe fora arranjado pelo pai. Na província, comportava-se com dignidade, "quer com os superiores, quer

com os inferiores, e com exatidão e uma honestidade incorruptível...” Ivan ficou cinco anos no seu primeiro posto. Foi promovido a juiz de instrução em outra província, posto que ele aceitou, apesar de ter de “deixar as relações estabelecidas e criar novas”. Neste novo cargo, Ivan comportou-se com igual seriedade, apesar de sentir que estavam todos “nas suas mãos” em função de sua condição de juiz: “Ivan Ilitch jamais abusou desta sua autoridade e a possibilidade de atenuá-la constituía para ele o interesse principal do seu novo encargo”. Nesta nova cidade, conheceu Prascóvia Fiódorvna Michel, sua futura mulher, “a moça mais atraente, brilhante e inteligente do círculo de relações de Ivan Ilitch”.

PROF. MONIR: Mais uma vez notamos aqui uma demonstração de que se trata de uma pessoa muito boa. É um sujeito que tinha um poder extraordinário e, no entanto, não usufruía dessa prerrogativa para ser injusto e nem estabelecer nenhuma injustiça, e que tentava diminuir o próprio poder que tinha para não parecer excessivamente poderoso. Tratava-se de alguém decente, esse Ivan Ilitch, vocês não têm essa impressão? Bem, então vamos ver agora o casamento de Ivan Ilitch.

> E Ivan Ilitch casou-se.
>
> O processo do matrimônio como tal e os primeiros tempos de vida em comum, com os carinhos conjugais, a mobília nova, a prataria nova, as roupas de baixo novas, decorreu muito bem até a gravidez da mulher, de modo que Ivan Ilitch já começava a pensar que o casamento não só não infringiria o caráter de vida leve, agradável, alegre e sempre decente e aprovada pela sociedade, que ele considerava inerente à existência em geral,

> mas ainda o reforçaria. No entanto, a partir dos primeiros meses de gravidez da mulher, surgiu algo novo, inesperado, desagradável, penoso e inconveniente, que não se podia esperar e de que não havia nenhum meio de se livrar.
>
> A mulher, sem qualquer motivo, conforme pareceu a Ivan Ilitch, de gaité de coeur[4], como ele dizia a si mesmo, começou a infringir o encanto e a decência da vida: sem nenhuma causa para tanto, tinha ciúme dele, exigia que lhe fizesse a corte, implicava com tudo e fazia-lhe cenas grosseiras e desagradáveis. (págs. 23-24)

PROF. MONIR: Então, reparem aqui, voltem essa página. Eu queria muito que vocês prestassem atenção que ele percebeu que o casamento *"não infringiria o caráter de vida leve, agradável, alegre e sempre decente aprovada pela sociedade"*. O que Ivan Ilitch queria era uma vida assim. Uma vida que fosse normal, fosse boa, fosse decente, que ele se sentisse honesto e decente. Era só o que ele queria da vida. É um objetivo muito exótico, esse? Não. Parece uma coisa normal que alguém queira isso. Continuamos.

Ivan tentou lidar com aquela dificuldade com uma atitude "leve e de bom tom" mas, como o humor da mulher piorava constantemente, Ivan "transferia cada vez mais para o serviço o centro de gravidade de sua vida. Passou a gostar mais do serviço e tornou-se mais ambicioso". Por causa disso, passados três anos, Ivan tornou-se suplente de promotor e foi sendo cada vez mais envolvido pela vida funcional.

---

4 Nota do resumidor – "Gaité de coeur" significa "por capricho".

> Vieram filhos. Sua mulher ficava cada dia mais resmungona e zangada, mas as relações com a vida doméstica elaboradas por Ivan Ilitch tornavam-no quase impenetrável aos resmungos dela.
> Depois de sete anos de serviço na mesma cidade, Ivan Ilitch foi transferido para um cargo de promotor em outra província. Eles mudaram-se, o dinheiro era escasso e o lugar onde se instalaram não agradou a Prascóvia Fiódorovna. O ordenado era maior, mas a vida mais cara; morreram dois filhos e, por isto, a vida de família fez-se ainda mais desagradável para Ivan Ilitch. (págs. 25-26)

A mulher atribuía ao marido todos os infortúnios ocorridos no novo local de residência e "a maioria dos assuntos de conversa entre marido e mulher, sobretudo a educação dos filhos, levava a questões sobre as quais havia lembrança de dissensões, e a cada momento podiam deflagar-se brigas". Os pequenos momentos de paixão "eram ilhotas, às quais eles atracavam por algum tempo, mas depois novamente se lançavam ao mar da hostilidade oculta, que se manifestava no afastamento entre eles". Ivan passava cada vez menos tempo com a família e assim ele viveu "mais sete anos".

PROF. MONIR: Então, o que aconteceu na vida de Ivan Ilitch que atrapalhou um pouquinho as coisas? Ele casou e depois do casamento a mulher demonstrou ter um gênio difícil. Ele acabou mudando para outro lugar, o que não agradou à mulher. Ela perdeu dois filhos. Atribuiu estas mortes ao lugar, às circunstâncias, etc. Portanto, culpou o marido. Ele então se deixou abalar por isso? Não, porque ele não prestava muita atenção na reclamação e ia

trabalhar mais. Começou a botar a vida mais voltada para a vida profissional. Isso também não parece uma coisa muito incomum, não é? Não é muito estranho. Isso talvez, às vezes, não tenha muito jeito mesmo. Talvez o único jeito de um cônjuge se livrar do outro seja desaparecer um pouco, sei lá se isso não é um instrumento normal de viabilização das relações conjugais... Às vezes deve ser, não é? Mas até agora você vê alguma coisa estranha no Ivan Ilitch? Não. Quem era Ivan Ilitch? Era o filho mais bem-sucedido de uma família. Um sujeito esforçado, que estudou de verdade, que tem boa índole. Um sujeito honesto, sério, que cumpre as suas obrigações... Em nenhum momento o autor nos diz que ele é alguém que se valha de algo do seu privilégio profissional. É um sujeito, portanto, até muito melhor do que a média. Pensando bem, a gente quase não imagina uma pessoa tão boa assim na média. Quer dizer, é uma coisa incomum, poucas pessoas são assim. E ele fez um bom casamento, com a moça mais bonita da cidade. Mas depois que casou com ela, as coisas não funcionaram tão bem, a relação é ruim. Ele, no entanto, não se incomodou muito com isso, porque conseguiu botar o trabalho no lugar e foi mais ou menos continuando a viver mais sete anos. Essa história é extremamente bem contada. É uma história muito, muito bem feita. Uma grande habilidade literária tem esse Tolstói. Alguma dúvida até agora, pessoal? Não? Muito bem!

III

> Assim viveu Ivan Ilitch dezessete anos casado. Ele já era um promotor experiente, que recusara algumas transferências, na expectativa de um lugar mais interessante, quando ocorreu inesperadamente uma circunstância desagradável, que alterou completamente a tranquilidade da sua vida. Ivan

> Ilitch esperava receber o cargo de juiz presidente numa cidade universitária, mas Hoppe conseguiu passar-lhe à frente e ocupar esse cargo. Ivan Ilitch irritou-se, começou a censurá-lo e brigou com ele e com os chefes imediatos; passou a ser tratado com frieza e, por ocasião das designações seguintes, foi novamente prejudicado. (pág. 27)

PROF. MONIR: O que acontece é que a carreira de Ivan Ilitch começa a patinar um pouquinho. Ele não consegue progredir na carreira conforme esperava poder fazer.

Deste modo, o ano de 1880 foi o mais penoso até então da vida de Ivan Ilitch. Achava-se abandonado e injustiçado. Os outros consideravam a sua vida satisfatória e feliz, mas "ele era o único a saber que, com a consciência das injustiças que sofrera, com as eternas amofinações da mulher, com as dívidas que passara a contrair, vivendo acima de seus meios, a sua situação estava longe de ser normal". No ano seguinte, Ivan Ilitch decidiu ir a Petersburgo procurar colocação em outro ministério ou, em outras palavras, arrumar um ordenado de cinco mil rublos (Ivan ganhava três mil e quinhentos). Ilitch obteve sucesso imediato. Ainda no trem, encontrou seu conhecido F. S. Ilin que lhe acenou com um posto a vagar proximamente, no próprio Ministério de Justiça em Petersburgo.

PROF. MONIR: Essa é uma situação anormal? Quer dizer, ele tem dois filhos, nesta altura, acha que já não está ganhando o suficiente, está se endividando, e acha que mereceria mais... Resolve então pedir um emprego melhor, uma colocação melhor. Parece alguma coisa estranha que alguém

faça isso? Não. Isso é completamente normal. É quase uma obrigação dele fazer: "Escuta, estou aqui há cinco anos esperando promoção. Vocês não me promovem, o que é que há?" Até agora normal, não é? Continuamos.

> Graças a esta alteração em determinados postos, Ivan Ilitch recebeu inesperadamente, no ministério em que servia, uma designação pela qual ficou duas classes acima dos seus colegas, com cinco mil rublos de ordenado e uma ajuda de custas de três mil e quinhentos. Completamente feliz, Ivan Ilitch esqueceu toda a mágoa contra os seus inimigos anteriores e contra todo o ministério. (pág. 29)

PROF. MONIR: Viu só? Deu certo! Ele foi lá e conseguiu finalmente o tal do emprego. Vai ganhar cinco mil. Está dentro das suas despesas. E agora vai morar em Petersburgo, que é a mesma coisa que você sair de Ribeirão do Pinhal e ir morar em Curitiba. Para alguém que pretende ter uma carreira na administração pública, é muito importante – apesar de que Júlio César dizia que era "melhor ser peixe grande em lagoa pequena, do que peixe pequeno em lagoa grande." (Na verdade, Júlio César falava diferente, mas eu adaptei aqui.) Ivan não era um peixe tão pequeno. Foi servir em um lugar melhor, em São Petersburgo. Quer dizer, está dando certo o planejamento de carreira dele. Você tinha sonhado em ser desembargador com 50 anos, está quase conseguindo. Alguma coisa equivalente ao que alguém aqui sonharia na carreira jurídica. Está dando certo. Foi para a capital.

Com a nova situação, foi estabelecida uma trégua entre ele e a mulher. Ivan contou-lhe que todos na capital gostavam muito dele. No dia 10 de setembro

daquele ano, 1881, Ivan tomaria posse na capital e então partiu sozinho para Petersburgo para as providências da mudança, deixando a família com sua irmã e cunhado.

PROF. MONIR: Isso é uma coisa que acontece nos livros russos, que nunca aconteceria aqui – a ideia de que o marido vai lá arrumar uma casa, escolher móveis, e tal. Alguma coisa que não passa na cabeça de uma família brasileira, por exemplo, porque é um assunto da mulher. Mas é muito comum nas histórias russas acontecer isso. Os maridos é que tomam as providências práticas assim. A isso se atribui o péssimo gosto das residências russas daquela época.

> Depois que partiu, a alegre disposição de ânimo, suscitada pelo êxito e pela concórdia com a esposa, uma dessas circunstâncias fortalecendo a outra, não o deixou o tempo todo. Encontrou um lindo apartamento, aquilo mesmo com que marido e mulher sonhavam. As salas de recepção espaçosas, altas, de estilo antigo, o escritório confortável e grandioso, os quartos da mulher e da filha, o de estudos para o filho, tudo isto parecia ter sido inventado para eles especialmente. Ivan Ilitch ocupou-se pessoalmente da instalação, escolheu o papel de parede, comprou mobília que faltava, geralmente de segunda mão, mas que ele enquadrava num estilo peculiarmente comme Il faut, forro para móveis, e tudo crescia, crescia e atingia aquele ideal que ele formara para

> si. Quando a instalação ia em meio, já superava a sua expectativa. Compreendeu o caráter comme Il faut, elegante, nada vulgar, que tudo assumiria depois de pronto. Antes de adormecer, imaginava como seria o salão. Olhando para a sala de visitas, ainda inacabada, ele via já a lareira, o guarda-fogo, a estante, cadeirinhas espalhadas aqui e ali, pratos e travessas pregadas nas paredes, bronzes. Alegrava-se com o pensamento de como surpreenderia Pacha e Lísanka[5], que também tinham gosto por essas coisas. (págs. 30-31)

PROF. MONIR: Parece estar no máximo a felicidade de Ivan Ilitch, não é? Até o apartamento dos sonhos ele conseguiu em Petersburgo. Então ele ia ser agora um burocrata de alto nível, na capital, perto do poder, ia ganhar os cinco mil rublos e mais uma ajuda de custo lá, ia poder morar num apartamento bacanérrimo que ele tinha imaginado... Tudo deu certo. Os móveis deram certo. Até a briga com a mulher diminuiu, com essas perspectivas então as brigas ficaram menores, etc. A vida de Ivan Ilitch está no máximo, não está? Esse é o momento mais alto da felicidade dele. No entanto, as coisas mudarão rapidamente a partir do próximo parágrafo.

(...)

> De uma feita, subiu numa escadinha, a fim de mostrar ao forrador de paredes, que não o estava compreendendo, como ele queria o serviço, tropeçou e caiu, mas, sendo forte e ágil, conseguiu

5 Nota do resumidor – Pacha e Lísanka são diminutivos familiares respectivamente de Prascóvia e Ielisavieta.

> segurar-se e chocou-se apenas de lado com o ressalto de uma moldura. O machucado lhe doeu, mas a dor passou logo. Durante todo esse tempo, Ivan Ilitch sentia-se particularmente alegre e com saúde. Escrevia: sinto que uns quinze anos me pularam da cacunda. Pensava acabar a arrumação da casa em setembro, mas o trabalho arrastou-se até meados de outubro. Em compensação, tudo ficara lindo: não só ele o dizia, mas diziam-lhe isso todos os que viam o apartamento. (pág. 31)
>
> (...)

Quando ele encontrou os seus na estação ferroviária, trazendo-os para o apartamento já pronto e iluminado, quando um lacaio de gravata branca abriu a porta para a ante-sala, enfeitada de flores, e eles entraram na sala de visitas, no escritório, e ficaram soltando exclamações de prazer, ele se sentiu muito feliz, mostrou-lhes todo o apartamento, embebendo-se dos elogios deles e resplandecendo de prazer. (págs. 31-32)

Questionado sobre a queda que sofrera, Ivan desconversou com comicidade: "Não é à toa que pratico a ginástica. Um outro estaria morto, mas eu só me machuquei um pouco aqui; quando se toca, dói, mas já está passando; só ficou uma simples equimose."

PROF. MONIR: Vocês estão conseguindo perceber a felicidade pela qual está passando Ivan Ilitch. Tudo o que ele queria da vida estava se realizando. Tinha melhorado de relações com a mulher, tinha dois filhos jovens. Ele tem 17 anos de casado, então a mocinha deve ter uns 16 e o menino, uns

10-12, sei lá quanto. Teve dois filhos que morreram talvez no meio, então provavelmente o menino é o mais jovem. Ele traz a família da estação ferroviária, abre a casa, tem um lacaio de *libré* com flores. Ele mostra o apartamento que ele mesmo mobiliou. Aquilo parecia ser o máximo dos máximos. O único senão que havia era que ele havia ficado um pouco machucado com aquela queda que sofreu quando caiu da escada, tentando mostrar ao sujeito do papel de parede como é que era para fazer. Tá certo. Até agora, todo mundo entendeu a história? Não é uma história muito bem contada? É maravilhosa esta história, não é? Isso é aquilo que tem o grande escritor. Chama-se *vis narrandi* em latim. Em português significa "força para contar". É o grande escritor que sabe contar bem a história. Escritor ficcional, não é? Claro.

A nova vida do casal como que recuperou a relação conjugal e, "ainda que surgissem algumas desavenças entre marido e mulher, ambos estavam tão contentes, e havia tanto a fazer, que elas terminavam sem grandes brigas". Na verdade, tudo ganhava aos poucos um aspecto rotineiro:

> Quando não havia mais nada a arrumar, tudo ficou um tanto cacete e sentiu-se falta de algo, mas então já se fizeram algumas relações, estabeleceram-se hábitos, e a vida se encheu.
> Depois de passar a manhã no tribunal, Ivan Ilitch voltava para almoçar e, nos primeiros tempos, ficava de bom humor embora este sofresse um pouco, justamente em consequência do apartamento. (Irritavam-no cada mancha sobre a toalha, sobre um damasco, cada cordão de cortina

> roto: a instalação custara-lhe tanto trabalho que lhe doía qualquer estrago). Mas, de modo geral, a vida de Ivan Ilitch correu da maneira pela qual, segundo a sua concepção, devia correr: leve, agradável e decentemente. Erguia-se às nove, tomava café, lia o jornal, depois vestia o uniforme e ia para o tribunal. Ali já estava pronta a canga sob a qual trabalhava; num instante, atrelava-se a ela. (págs. 32-33)

PROF. MONIR: É uma vida um pouco pragmática: estava pronta a canga a que ele se atrelava, quer dizer, aquele trabalho era uma espécie de rotina o tempo todo. Reparem que nessa época, os funcionários públicos russos usavam uniforme. Então o juiz usava uniforme, o meirinho usava uniforme, o secretário... Todo mundo tinha uma espécie de uniforme. Lembram quando vocês viram *O Idiota*? Os cargos civis eram equivalentes aos cargos militares. Então o general nem sempre era um sujeito do exército. "General" também se aplicava a certo funcionário civil. Havia uma equiparação muito grande entre o mundo civil e o mundo militar naquela época.

A vida da família Golovin passava-se assim, sem distúrbios maiores: "depois do jantar, se ninguém os visitava, Ivan Ilitch lia às vezes algum livro muito falado, e de noite sentava-se para estudar os seus casos, isto é, lia papéis, lidava com leis: confrontava depoimentos e enquadrava-os nas leis. Isto não era para ele cacete nem divertido". As únicas verdadeiras alegrias de Ivan Ilitch vinham das partidas de uíste[6] sobretudo se tivesse tido um ganho modesto ("se este era

6 Nota do resumidor - "Uíste" é um jogo de cartas, considerado o ancestral do "bridge".

grande, tinha uma sensação desagradável"). Frequentava a sua casa a "melhor sociedade" e "tudo corria assim, sem alteração, e tudo estava muito bem".

PROF. MONIR: A opinião sobre o Ivan Ilitch continua boa? Ou vocês já mudaram?

ALUNO: *Um pouco vaidoso...*

PROF. MONIR: Mas também não é um defeito tão grande. Ele não é certamente perfeito. Mas não é uma pessoa com um quadro geral muito bom? Fica chateado quando ganha demais no jogo, acha que isso é uma injustiça. É um sujeito que não tem amante nenhuma. Chega em casa e, no máximo, joga uma partida de uíste com os amigos. Parece ser, na média, uma pessoa positiva e boa ou uma pessoa má e problemática?

ALUNOS: *(Fazem comentários.)*

PROF. MONIR: É uma vida normal. Quer dizer, não é uma vida que possa ser muito brilhante. Talvez ele perca um pouco de tempo cuidando de verificar se está tudo certinho... Deve ser um sujeito chato, não é? Certamente deve ser um chato. Aí se explica um pouquinho porque a mulher mudou depois do casamento, talvez ele seja um sujeito insuportável, em ultima análise. Meticuloso, complicado, aquele sujeito que quando escolhe feijão, fica fazendo montinhos com a mesma quantidade...

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Tem uns tipos malucos que fazem coisas desse gênero... Deve ser uma pessoa assim, mas fora isso, não temos má impressão dele. É um sujeito tipicamente como são as pessoas, digamos assim, na classe média. Tem uma família, a sustenta, tem uma responsabilidade familiar, não é uma pessoa irresponsável. Tem uma vida normal, no sentido bom da palavra. Como a maioria das pessoas. Muito bem! Vamos ver para onde vai esta história do Ivan Ilitch.

IV

> Gozavam todos de boa saúde. Não se podia chamar de doença o fato de Ivan Ilitch dizer às vezes que tinha um gosto esquisito na boca e certa sensação desagradável no lado esquerdo do estômago.
>
> Mas aconteceu que esta sensação desagradável começou a aumentar e a transformar-se não ainda em dor, mas na consciência de um peso permanente do lado e em mau humor. Este mau humor, que crescia continuamente, começou a estragar o caráter da vida leve e decente que se instaurara um dia na família Golovin. Marido e mulher puseram-se a brigar cada vez com maior frequência, e logo desapareceu o leve e agradável, ficando apenas a decência. As brigas novamente se tornaram frequentes. E novamente ficaram apenas umas ilhotas, e assim mesmo em número reduzido, sobre as quais marido e mulher podiam reunir-se sem uma explosão. (págs. 35-36)

PROF. MONIR: Começa a haver agora um problema que é o fato de que a saúde de Ivan Ilitch parece que não vai bem. Ele transformou-se numa pessoa mal-humorada porque tem algum incômodo de saúde permanente.

Por causa deste desconforto permanente, agora era Ivan que iniciava as brigas por pequenas contrariedades, como o cotovelo do menino sobre a mesa. Prascóvia Fiódorovna, ao perceber naquela irritação uma "condição enfermiça", parou de retrucar e considerou sua resignação "um grande mérito de sua parte" e acabou decidindo que o seu marido "tinha um gênio horrível e que fizera a vida dela infeliz..." No entanto, depois de uma briga "em que Ivan fora particularmente injusto", Prascóvia obrigou o marido a consultar um médico famoso.

PROF. MONIR: E a Prascóvia? Qual é a impressão que vocês têm sobre a Prascóvia? Sabemos que quando ele morreu, ela estava interessada em saber como é tirar mais dinheiro do governo. Apesar de já saber tudo, só queria saber como é que sofisticava o processo. Sabemos que ela era muito bonita, que perdeu muito o humor depois do casamento, que responsabilizou o marido pelos infortúnios, entre eles a perda de duas crianças, talvez por aborto. E Prascóvia, aqui e agora, quando a fonte de mau humor não é mais ela, mas o marido, põe-se um pouco em posição de vítima: "Ele estragou a minha vida." Isso é uma pessoa normal? Mais ou menos, não é? Não é um caso muito anormal, parece ser uma pessoa encontradiça, pelo menos. Não temos uma impressão muito boa da Prascóvia. Ela não parece ser uma pessoa excepcional, mas não deixa de ser um pouco normal, comum. Vamos prestar atenção na Prascóvia e mais tarde vamos saber mais sobre ela.

O diagnóstico de Ivan ficou entre "o rim móvel", o "catarro crônico" e uma "afecção no ceco"[7]: "não se tratava da vida de Ivan Ilitch, o que existia era uma discussão

7 Nota do resumidor – O ceco é a primeira parte do intestino grosso, do lado direito.

entre o rim móvel e a afecção no ceco". O médico decidiu em favor do ceco resumindo suas razões e Ivan concluiu daquele resumo "que as coisas iam mal, embora isto fosse indiferente ao médico e talvez a todos os demais". Ivan Ilitch

perguntou diretamente ao médico se se tratava de doença perigosa, mas ele não respondeu. No trenó, a caminho de casa, teve a impressão "de que o sentido das palavras do médico era que estava muito doente. Nas ruas, tudo lhe pareceu triste".

PROF. MONIR: Nesse momento, o autor faz com que apareça uma nuvem escura sobre essas pessoas, sobre as personagens, como se houvesse a transformação de um dia de primavera num dia triste de inverno. Mais ou menos esse é o clima literário que Tolstói faz muito bem! Começa a mudar o tempo dentro daquela pequena primavera Ivan Ilitchiana. Começa a mudar o tempo e a ficar tudo muito sombrio. A coisa vai ficando cada vez mais sombria. Reparem como isso vai acontecendo com clareza.

Apesar de todos os cuidados prescritos pelo médico e tomados por Ivan, a dor não diminuía: "a sua piora desenvolvia-se com tamanha regularidade que ele podia enganar a si mesmo, fazendo uma comparação entre os dias consecutivos"[8]. O advogado foi consultar outra celebridade médica e esta segunda celebridade apenas reforçou a dúvida e o medo de Ivan Ilitch. Consultou um homeopata que fez um diagnóstico "de todo diferente dos demais" e, "às escondidas de todos, Ivan Ilitch tomou durante cerca de uma semana o remédio que ele receitara".

---

8 Nota do resumidor – O sentido desta frase fica mais claro na tradução de Vera Karam para a edição da L&PM: "O progresso de sua doença era tão mínimo que, ao comparar um dia com outro, seria capaz de enganar-se, tão sutil era a diferença".

PROF. MONIR: Essa técnica chamada homeopatia – na verdade, o problema disso começa a partir de que eles não sabem escrever o próprio nome, porque em português a gente falaria homopatia – não há nenhuma razão para ser homeo, não tem nenhum cabimento linguístico. Então esta técnica homopatia, que todo o mundo insiste em chamar homeopatia, é uma técnica inventada há não muito tempo, mas que é considerada medicina alternativa. É a ideia de que *similia similibus curantus*[9], quer dizer, de que a reprodução do efeito que está presente numa certa doença, por meio de um determinado componente em que esse efeito tenha sido elevado a uma diluição absolutamente grande, produz a cura. Isso significa o seguinte, que ele já estava procurando alternativas à medicina comum e tradicional porque não encontrava solução nos médicos. É isso que se quer dizer aqui.

Resistiu, no entanto, a fazer-se tratar por "ícones"[10], embora piorasse sempre.

PROF. MONIR: Não chegou a entrar numa tentativa de cura mística. Era muito para ele.

> A dor do lado não cessava de atormentá-lo, parecia cada vez mais forte, tornava-se permanente, o gosto na boca era cada vez mais esquisito, estava com a impressão de ter hálito asqueroso, e cada vez tinha menos apetite, menos forças. Não podia mentir a si mesmo: acontecia nele algo terrível, novo e muito significativo, o mais significativo que lhe acontecera na vida. E era o único a sabê-lo,

9 O semelhante seja curado pelo semelhante.

10 Nota do resumidor – Ícones são imagens sagradas do cristianismo ortodoxo com suposto poder curativo.

> todos os que o cercavam não compreendiam ou não queriam compreender isto, e pensavam que tudo no mundo estava como de costume. (pág. 41)

Na verdade, cada vez mais alheio ao mundo externo que interpretava seu comportamento como hipocondria, Ilitch fica sozinho "com a consciência de que a sua vida está envenenada, que ela envenena a vida dos demais e que este veneno não se enfraquece, mas penetra cada vez mais todo o seu ser."

> E era preciso ir para a cama com a consciência disso, acrescida de dor física e horror, e frequentemente passar sem dormir a maior parte da noite, devido à dor. E de manhã, era preciso levantar-se de novo, vestir-se, ir para o tribunal, falar, escrever, ou então permanecer em casa, com as mesmas vinte e quatro horas de um dia, cada uma das quais era uma tortura. E sozinho tinha que viver assim à beira da perdição, sem nenhuma pessoa que o compreendesse e se apiedasse dele. (págs. 43-44)

PROF. MONIR: Mudou a vida de Ivan Ilitch? Muito. Daquela situação de sonho, o clímax talvez tenha sido na hora em que ele levou a família para o apartamento e abriu a porta. A família viu um empregado vestido a caráter, viu aquelas flores todas, aquele apartamento na capital e a perspectiva, portanto, de uma carreira muito bem-sucedida. Ele tinha as condições para isso, tinha aparentemente as características de competência profissional. E a vida dele agora é um encontro, hora após hora, com o sofrimento motivado

por uma dor que nenhuma ação da medicina conseguira até então descobrir como resolver. E ele então se encontra quase na antípoda: a situação de viver uma vida muito ruim, uma vida dolorosa. É preciso lembrar também que estamos em 1872 ou 73, por aí; portanto numa época em que não havia a medicina que há hoje; os meios e os instrumentos são muito diferentes dos que atualmente existem. E a vida de Ivan Ilitch encontra-se agora estragada por uma doença. Doença essa que ainda é apenas uma doença. Aos poucos ele vai desconfiar que essa doença irá conduzi-lo à morte. Esse *crescendo* de horror e infelicidade é que vai constituindo a espinha dorsal do livro.

V

Antes do ano novo de 1882, chegou um hóspede, o cunhado de Ivan, que ficou assustado com a aparência do advogado. Impressionado com a reação do irmão de Prascóvia, Ivan, depois de todos saírem, "passou a chave na porta e ficou olhando-se no espelho: de frente, depois de lado. Apanhou seu retrato com a mulher e comparou-o com o que via no espelho. Era enorme a mudança. Depois, desnudou os braços até o cotovelo, olhou, desceu as mangas, sentou-se numa otomana[11] e ficou mais negro que a noite".

PROF. MONIR: "E ficou mais negro do que a noite."

Mais tarde, naquele dia, ouve escondido uma conversa em que o cunhado diz à irmã: "Você não vê, mas ele é um homem morto, veja os seus olhos. Não têm luz." À noite, sozinho no quarto solitário para onde se mudara desde o início da doença, Ivan Ilitch, torturado por uma dor que não lhe dava trégua, chegou

11 Nota do resumidor – Otomana é uma espécie de sofá largo e sem costas.

à conclusão: "Existiu luz, e agora é a treva. Eu estive aqui, e agora vou para lá. Para onde?"... "Eu não existirei mais, o que existirá então? Não existirá nada. Onde estarei então, quando não existir mais? Será realmente a morte? Não, não quero."

> Para quê? Tanto faz – disse a si mesmo, perscrutando a treva, os olhos abertos. – A morte. Sim, a morte. E nenhum deles sabe nem quer saber, e nem lamenta isso. Ocupam-se de música. (Ouvia, atrás da porta, distantes, o retumbar de uma voz, acompanhado de ritornelos.) Para eles, tanto faz, mas também eles hão de morrer. Bobalhões. Eu vou primeiro, eles depois; hão de passar pelo mesmo que eu. E, no entanto, estão alegres. Animais! Sufocava de raiva. Teve uma sensação penosa, torturante, intolerável. Não podia ser verdade que todos estivessem condenados para sempre a este medo terrível. Levantou-se.
>
> Alguma coisa não está certa; tenho que me acalmar, tenho que pensar em tudo desde o começo. E ele se pôs a pensar. Sim, o início da doença. Dei uma batida de lado, mas não percebi grande mudança em mim, nem aquele dia, nem no seguinte; doeu um pouco, depois mais, depois os médicos, depois o humor tristonho, a angústia, de novo os médicos; e eu estava caminhando cada vez mais perto, mais perto do abismo. As forças diminuíam. Estava cada vez mais perto, mais perto. E eis que me consumi,

> não tenho mais luz nos olhos. E aí está a morte, e eu só penso no meu ceco. Penso em consertar o ceco, mas isto aqui é a morte. Será mesmo? Novamente, o pavor apossou-se dele, ficou ofegante, inclinou-se, começou a procurar os fósforos, apertou o cotovelo contra o criado-mudo. Este era um estorvo e causava-lhe dor; enfureceu-se contra ele, pressionou-o com mais força e derrubou-o. E desesperado, perdendo o fôlego, caiu de costas, esperando a morte naquele instante. (págs. 47-48)

PROF. MONIR: Então... Qual é o sentimento predominante no Ivan Ilitch nesse momento da história?

ALUNA: *Desespero.*

PROF. MONIR: Desespero... Mas além de desespero, há outro componente.

ALUNA: *Revolta.*

PROF. MONIR: Revolta! Ele no fundo acha-se injustiçadíssimo com aquilo, porque os outros todos não estão vivendo o que ele está, os outros estão ouvindo música, há uma festa na casa dele, e ele está lá no quarto, no lugar onde ele mora desde que começou a dor, separado dos outros, sofrendo aquela coisa toda, sem saber por que aconteceu isso com ele.

Ele de fato se parece muito com Jó nesse momento. Se vocês lembrarem a história de Jó – que foi analisada aqui no ano passado –, ele era assim

também. Era um sujeito decente, muito bom. Aliás, até melhor do que ele, porque Jó era cumpridor de todos os seus deveres religiosos, era um fulano que tinha uma vida exemplar. E Jó de repente perdeu todos os filhos, morreram todos. Perdeu todos os seus servos, que foram mortos ou fugiram. Perdeu todos os animais que tinha e, não bastasse isso, foi acometido de uma doença, uma praga, uma peste, uma afecção que o tornou chagásico da sola dos pés à raiz dos cabelos. E Jó então é resumido a um fulano que está em cima de um monturo usando cacos de telha para raspar as feridas. Aí ele pergunta: "Deus, o que eu fiz para merecer isso? Eu não fiz nada de errado e, no entanto, estou aqui nessa situação..."

A situação em que está aqui o Ivan Ilitch não é equivalente à de Jó? Tolstói procura não fazer muita comparação, não compara diretamente, mas, se você pensar bem, é uma situação parecidíssima. A mesma rebelião que Jó tem em relação a Deus, Ivan Ilitch sente com relação ao mundo, à vida, a Deus, enfim, a todas as circunstâncias que o puseram naquele lugar. Situação essa de que ele não se acha merecedor de modo nenhum. Até onde sabemos, contanto que não inventemos defeitos imaginários para a personagem, Ivan Ilitch não tem nenhuma culpa no cartório, não parece uma pessoa merecedora dessa situação. É claro que se alguém recebe o que merece ou não, isso é uma outra questão, depois a gente vai estudar um pouquinho isso. Mas em princípio não há uma espécie de fenômeno causal aqui. Ivan está lá achando que ele não tinha nada que se transformar nisso, nessa pessoa destruída e com perspectiva de morte. Ele agora sabe que está morrendo. Tem, pelo menos, uma desconfiança forte disso. É o que ele vai nos dizer no próximo capítulo. Filha, por favor...

> Ivan Ilitch via que estava morrendo, e o desespero não o largava mais. Sabia, no fundo da alma, que estava morrendo, mas não só não se acostumara a isto, como simplesmente não o compreendia, não podia de modo algum compreendê-lo.

PROF. MONIR: É Jó. Exatamente isso.

> O exemplo do silogismo que ele aprendera na Lógica de Kiesewetter:

PROF. MONIR: Kiesewetter deve ser provavelmente o autor de um manual de filosofia da época, não é nenhum filósofo importante. Devia ser um manual de filosofia usado nas escolas russas, portanto é citado aqui por Tostói.

> Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal, parecera-lhe, durante toda a sua vida, correto somente em relação a Caio, mas de modo algum em relação a ele.

PROF. MONIR: Silogismo é uma invenção de Aristóteles. Está na *Lógica*. Esse modo de pensar é aristotélico, então ele foi incorporado em tudo quanto é livro de filosofia. Então, já que ele não é o Caio, o que é que ele tem a ver com esse negócio de morte? Parece irreal, o Caio é que morre, ele não.

> Tratava-se de Caio-homem, um homem em geral, e neste caso era absolutamente justo; mas ele não era Caio, não era um homem em geral, sempre fora um ser completa e absolutamente distinto dos demais; ele era Vânia, com mamãe, com papai, com Mítia e Volódia, com os brinquedos, o cocheiro, a babá, depois com Kátienka, com todas as alegrias, tristezas e entusiasmos da infância, da juventude, da mocidade.

PROF. MONIR: Quando diz “ele era Vânia”, não quer dizer que ele fosse travesti no carnaval, por favor. Vânia é apelido de Ivan em russo. É um nome masculino, tá certo?

> Existiu porventura para Caio aquele cheiro da pequena bola de couro listrada, de que Vânia gostara tanto?! Porventura Caio beijava daquela maneira a mão da mãe, acaso farfalhou para ele, daquela maneira, a seda das dobras do vestido da mãe? Fizera um dia tanto estardalhaço na Faculdade de Direito, por causa de uns pirojki? Estivera Caio assim apaixonado? E era capaz de conduzir assim uma sessão de tribunal? (pág. 49)

PROF. MONIR: É, nada indica que ele seja Caio. Esse é um pedacinho magistral, muito bem escrito! Nada indica que ele seja Caio; no entanto, apesar de não ser Caio, estava morrendo como Caio. É nessa absurdidade, nessa falta de coincidência que está a injustiça de que ele se sente vítima.

Por que logo eu que não sou o Caio? Muito bem!

Todos os pensamentos que Ivan antes invocava para anular, ocultar e esconder a consciência da morte não faziam mais este efeito. Ir para o tribunal não adiantava mais, porque, "no meio à sessão, a dor do lado iniciava, sem dar nenhuma atenção ao desenvolvimento do caso judiciário..." Cada vez que a dor vinha, Ivan perguntava-se: "Será possível que somente ela seja verdade?"

> Ele se sacudia, esforçava-se em voltar a si, conduzia sessão de qualquer maneira até o fim e regressava para casa, com a triste consciência de que a sua função judiciária não podia mais, como outrora, esconder dele aquilo que ele queria esconder; que não podia livrar-se dela por meio da função judiciária. E o pior de tudo era que ela o atraía para si, não para que fizesse algo, mas unicamente para que a olhasse, bem nos olhos, olhasse-a e se atormentasse indescritivelmente, sem fazer nada. (pág. 51)

PROF. MONIR: Aquele método que ele tinha de se ocupar no trabalho está funcionando ainda? Não. Quer dizer, cada vez mais a doença transforma-se num monstro que vai ocupando e tomando conta de toda a vida de Ivan Ilitch. Esse monstro é a única coisa que é verdade nesse momento da vida dele. As outras coisas vão cada vez parecendo mais irreais e distantes. E esse monstro, então, ocupa todo o espaço que a vida dele permite. Ele não tem mais mente para lidar com o trabalho, com a família. Ele só pensa nesta dor, que é a única coisa que parece ser verdade na sua existência.

VII

> Não se poderia dizer como foi que isso aconteceu no terceiro mês da doença de Ivan Ilitch, porque isto se deu passo a passo, imperceptivelmente, mas aconteceu que a mulher, a filha, o filho, os criados, os conhecidos, os médicos, e sobretudo ele mesmo, souberam que todo o interesse que ele apresentava para os demais consistia unicamente no seguinte: se não demoraria muito a desocupar finalmente o seu lugar, a livrar os vivos da opressão causada pela sua presença, e a livrar-se ele mesmo dos seus sofrimentos. (pág. 52)

Ópio e morfina não pareciam fazer mais efeito com Ivan Ilitch. Os alimentos especiais prescritos pelos médicos tornavam-se "cada dia mais insípidos, mais abjetos".

No meio deste sofrimento, apareceu inesperado consolo na vida de Ivan, o ajudante de copeiro Guerássim, que tinha a tarefa desagradável de lidar com os seus excrementos. O criado com um "rosto fresco, bondoso, singelo, jovem, em que a barba mal despontava" ocupava-se das mais "repugnantes tarefas" com "simplicidade e uma bondade que deixava Ivan Ilitch comovido".

> A saúde, a força, a vitalidade de todas as demais pessoas ofendiam Ivan Ilitch; somente a força e a vitalidade de Guerássim não o entristeciam, e sim acalmavam-no.

O sofrimento maior de Ivan Ilitch provinha da mentira, aquela mentira por algum motivo aceita por todos, no sentido de que ele estava apenas doente e não moribundo, e que só devia ficar tranquilo e tratar-se, para que sucedesse algo muito bom. Mas ele sabia que, por mais coisas que fizessem, nada resultaria disso, além de sofrimentos ainda mais penosos e morte. E esta mentira atormentava-o, atormentava-o o fato de que não quisessem confessar aquilo que todos sabiam, ele mesmo inclusive, mas procurassem mentir perante ele sobre a sua terrível situação, e obrigassem-no a tomar também parte nessa mentira. A mentira, essa mentira que lhe era pregada nas vésperas da sua morte, a mentira que devia abaixar esse ato terrível e solene da sua morte até o nível de todas as suas visitas, das cortinas, do esturjão no jantar... era horrivelmente penosa para Ivan Ilitch. (pág. 55-56)

(...)

Guerássim era o único a compreendê-la e a compadecer-se dele. E por isso Ivan Ilitch sentia-se bem unicamente na presença de Guerássim. Sentia-se bem quando Guerássim segurava-lhe os pés, às vezes noites a fio, e recusava-se a ir dormir, dizendo: 'Faça o favor de não se inquietar, Ivan Ilitch, eu vou ter tempo de dormir'; ou então quando ele, passando ao 'tu', acrescentava: 'Ainda

> se não fosses doente, mas, do jeito como estás, por que não ajudar um pouco?'. Guerássim era o único a não mentir, tudo indicava que era também o único a compreender do que se tratava, e que não considerava necessário escondê-lo, e simplesmente tinha pena do patrão fraco, em vias de se acabar. (págs. 55-56)

PROF. MONIR: E então a vida de Ivan Ilitch está piorando ou melhorando? Piora muito, não é? Daquela situação de revolta, evoluiu para outra situação, não sei se vocês perceberam... Qual é agora, nesse momento, o sentimento predominante em Ivan Ilitch?

ALUNA: *Desânimo.*

PROF. MONIR: Mais do que desânimo, talvez. Tem desânimo também, uma certa desilusão, uma certa depressão. Definindo muito grosseiramente, a depressão é o estado mental que atinge uma pessoa quando ela desembarca de alguma fantasia. Imaginem uma pessoa que depois de muito tempo descobriu que é adotada, que não é filho de quem achava que era. Essa é uma situação profundamente deprimível, não é? A sua vida toda passa a ter a aparência de uma fraude, de uma mentira da qual você foi uma espécie de vítima, um palhaço, porque não contaram pra você. Ou então o sujeito que achava que era importante, depois perdeu o emprego e viu que não era importante, o que era importante era o cargo que ele ocupava e que ele não valia nada sem aquele cargo. Todas essas situações da vida são de depressão. A depressão é o desembarcar, a saída da pessoa de uma situação de ilusão fantasiosa. É isso que está acontecendo um pouco com Ivan Ilitch,

de alguma maneira. Na medida em que a dor – e a morte que ela implica – estão tomando conta da sua vida, ele não tem mais laços afetivos. A relação com as pessoas está distante, com exceção desse Guerássim, que é um empregado, um criado, que ele vê como a única pessoa realmente sensível ao problema dele, a única pessoa que o entende e que de fato se importa com ele. As relações afetivas de Ivan Ilitch reduziram-se simplesmente a essa pessoa. Por aí o autor quis até agora nos mostrar a enorme mudança de situação que vive a personagem. Daquela situação de uma vida alegre, decente, honesta, certa e garantida que ele desejava ter e que estava prestes a obter com o novo cargo em São Petersburgo, na capital, para uma situação em que ele se defronta crescentemente com a possibilidade da morte, e só com essa. Sendo que só sobrou das suas relações pessoais o apreço por um criado chamado Guerássim, que é a única pessoa que o entende em primeiro momento. Como isso vai acabar, saberemos daqui a uns 15 minutos, depois do café. Vamos parar um pouquinho, tomamos um café e já voltamos. Que tal?

****

PROF. MONIR: O autor não nos mostrou nenhum defeito grave de Ivan Ilitch – ele não bate na mulher, não é estelionatário, não é pedófilo, não superfatura para o Estado... Bem, essa de superfaturar para o Estado não é tão grave assim. Podem tirar da lista. Ele não é chefe do PCC, não organiza roubos, é um sujeito que não tem defeitos maiores, além de ser uma pessoa que tem uma vida meio rotineira. Ele é um sujeito que acredita muito na forma das coisas... No entanto, não é uma má pessoa, até onde nós sabemos. Como não sabemos mais nada sobre a personagem, não fomos nós que a inventamos, também não temos o direito de ficar imputando à personagem

defeitos imaginários, dizendo assim: “Não, mas ele deve participar de um grupo, sei lá o quê, de orgias com freiras...”

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Quer dizer, não posso pôr isso lá dentro do texto, não posso pôr uma coisa dessas, entendeu?

Nossas acadêmicas de Medicina aqui são unânimes em dizer que o tal do ceco fica do lado contrário ao que Tolstói nos diz. O ceco é do lado direito, e a batida havia sido do lado esquerdo. Então, a hipótese de ser o ceco seria um mau diagnóstico desde o início. As quatro acadêmicas de medicina aqui presentes investigaram o assunto, fizeram uma junta médica no intervalo...

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Elas chegaram à conclusão de que o diagnóstico de que se trata de um problema com o ceco é errado desde o início.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: No entanto, essa pessoa que aparentemente não tem grandes defeitos é vítima de uma situação grave, da situação muito desesperançada de estar muito doente, a ponto de estar com a morte praticamente garantida. Muito bem! Quando paramos, estávamos no início do capítulo VIII. É isso? Então, por favor, Clara.

> Sozinho, sente uma angústia terrível, dá vontade de chamar alguém, mas sabe de antemão que, em presença de outras pessoas, é pior ainda. 'Seria bom tomar ainda morfina, alcançar o esquecimento. Vou dizer ao médico que invente mais alguma coisa. Assim é impossível, impossível.' (pág. 59)

PROF. MONIR: Lembram que ele tinha dito "*isso é impossível, impossível*" também no artigo do jornal? Muito bem!

Prascóvia, de certo modo por obrigação conjugal, manda vir nova celebridade médica que chegou às onze e meia.

> O médico famoso despediu-se com ar sério, mas não sem esperança. E quando Ivan Ilitch lhe perguntou timidamente, os olhos dirigidos para ele e brilhantes de medo e esperança, se havia uma possibilidade de cura, respondeu que não se podia garantir, mas era possível. O olhar esperançoso com que Ivan Ilitch acompanhou o médico era tão lastimável que, vendo-o, Prascóvia Fiódorovna até chorou, quando passava pela porta do escritório, a fim de pagar os honorários do médico famoso.
>
> Durou pouco a elevação de ânimo provocada pelas esperanças incutidas pelo médico. De novo, eram o mesmo quarto, os mesmos quadros,

> cortinas, papel de parede, vidros de remédio, aquele mesmo corpo seu, dolorido e sofredor. E Ivan Ilitch pôs-se a gemer; deram-lhe uma injeção e ele perdeu a consciência. (pág. 62)

Naquela noite, Prascóvia ia ao teatro ver Sarah Bernhardt, por insistência do próprio Ivan, mas antes de partir com a família, visitou o doente.

> Prascóvia Fiódorovna entrou no quarto, satisfeita consigo mesma, parecendo, porém, culpada. Sentou-se um pouco, perguntou pela sua saúde, mas, conforme ele via, unicamente por perguntar e não para se informar, pois sabia que não havia do quê, e começou a dizer aquilo que precisava: que ela não iria de jeito nenhum, mas que o camarote já estava reservado, que iriam Helen, a filha deles e Piétrischev (o juiz de instrução, noivo da filha), e que não se podia deixá-los irem sós. E que para ela seria muito mais agradável ficar com ele. E que não deixasse de seguir, na sua ausência, as prescrições do médico. (pág. 63)

Ao ver seu filho que se esgueirou no quarto atrás da mãe, Ilitch teve a impressão de que "Vássia[12] era o único a compreender e ter pena: "O filho sempre lhe parecia lastimável. E dava medo o seu olhar assustado e compadecido." Todos se levantaram, despediram-se e partiram.

---

12 Nota do resumidor – Vássia e Volódia são apelidos familiares de Vladímir, nome de batismo do menino.

> Quando eles saíram, Ivan Ilitch teve a impressão de estar aliviado: a mentira desaparecera, saíra com eles, mas ficara a dor. Sempre a mesma dor, sempre o mesmo medo, faziam com que nada fosse mais pesado nem mais leve. Tudo era pior. (pág. 65)

IX

Prascóvia volta do teatro tarde da noite, oferece ópio ao marido e vai dormir, mas Ivan não consegue dormir de dor. O incansável Guerássim vela o seu sofrimento.

> Até umas três horas, (Ivan) permaneceu num penoso esquecimento. Tinha a impressão de que o estavam empurrando, causando-lhe dor, para dentro de certo saco estreito, negro, profundo, que o empurravam cada vez mais longe e não conseguiam acabar de fazê-lo. E esta operação, terrível para ele, era acompanhada de sofrimento. Ao mesmo tempo, tinha medo, queria cair lá, lutava e ajudava a manobra. Mas eis que, de repente, ele se arrancou dali, caiu e voltou a si. Sempre o mesmo Guerássim está sentado na cama, aos seus pés, cochilando tranquila e pacientemente. E ele está deitado, mantendo sobre os ombros do criado os seus pés emagrecidos, envoltos em meias; estava ali a mesma vela com abajur, e a sua dor incessante era sempre a mesma.
>
> – Vá dormir. Guerássim – murmurou ele.

> – Não é nada, vou ficar aqui.
>
> – Não, vá embora.
>
> Tirou os pés da posição elevada, deitou-se de lado sobre o braço e teve pena de si mesmo.

PROF. MONIR: A única posição que doía menos era com os pés altos nos ombros de Guerássim.

> Esperou apenas que Guerássim saísse para o quarto vizinho, deixou então de se conter e chorou como uma criança. Chorava a sua impotência, a sua terrível solidão, a crueldade dos homens, a crueldade de Deus, a ausência de Deus.
>
> Para que fizeste tudo isto? Para quê me trouxeste aqui? Para quê, para quê me torturas tão horrivelmente?...

PROF. MONIR: É Jó perguntando a mesma coisa para Deus, não? Lembram *O Livro de Jó*? Se você vai ler apenas um livro da Bíblia, leia *O Livro de Jó*, que é extraordinário! Com Jó é a mesma coisa, é um sujeito que em princípio não se acha devedor de nada, e está ali sofrendo horrivelmente sem ter feito nada para produzir aquilo. Não se tratava de uma punição, portanto. Aqui é a mesma coisa. Ivan Ilitch está indagando a Deus por que é que Deus fez isso com ele. No caso de Jó, aparece Deus, não pessoalmente, mas numa manifestação em que as folhas se movimentam e de alguma maneira falam com ele e dizem o seguinte: "Ô, meu filho, espera aí um pouquinho, você está querendo descobrir por que você está assim? E o que você sabe da vida e do mundo? Onde você estava quando eu inventei o mundo? Você não sabe

nada. O que você fazia quando eu inventei o Leviatã e o Behemoth (dois monstros que brigam entre si)? Onde é que você estava quando tudo isso foi inventado? Então como é que você deseja saber pra onde vai o mundo? Em nome do que você quer descobrir como o mundo é, se você não tem a menor ideia de como as coisas são de verdade?" Aí Jó se percebe pecando por soberba, por tentar exigir satisfação de Deus. Aí então, ao falar a Deus parecendo humilde, Deus o reconsidera e devolve as coisas dele. Mas Ivan Ilitch não está nesta mesma condição, porque encontra-se ainda rebelado com a situação. Está tirando satisfação de Deus. Por que é que você fez isso comigo?

> Ele nem esperava resposta, e chorava porque não havia nem podia haver uma resposta. A dor cresceu novamente, mas ele não se movia, não chamava ninguém. Dizia consigo: Está bem, mais ainda, bate mais! Mas por quê? O que foi que eu Te fiz? Por quê?
>
> Depois sossegou, deixou não só de chorar, mas suspendeu o fôlego e fez-se todo atenção: era como se ele atentasse não na voz que falava por meio de sons, mas na voz do espírito, na sequência dos pensamentos, que se erguiam nele.
>
> – O que precisas? – foi a primeira noção concreta, possível de ser expressa por meio de palavras, que ele ouviu. – O que precisas? Precisas do quê? – repetiu para si mesmo. Do quê? – Não sofrer. Viver – respondeu ele.

PROF. MONIR: Ele está falando com uma voz que fala com ele. É mais ou menos uma reedição da história de Jó. Mas não podemos dizer que ele está falando com Deus necessariamente. Pode ser apenas com a sua consciência.

> E novamente, entregou-se todo à atenção a tal ponto tensa que mesmo a dor não o distraía.
> – Viver? Viver como? – perguntou a voz do espírito.
> – Sim, viver como vivi antes: bem, agradavelmente.
> – Como viveste antes, bem e agradavelmente? – perguntou a voz. E ele começou a examinar na imaginação os melhores momentos da sua vida agradável. Mas, fato estranho, todos estes momentos melhores de uma vida agradável pareciam agora completamente diversos do que pareceram então. Tudo, exceto as primeiras recordações da infância. Lá, na infância, existia algo realmente agradável, e com que se poderia viver, se aquilo voltasse. Mas não existia mais o homem que tivera aquela experiência agradável: era como que a recordação sobre alguma outra pessoa. (págs. 65-67)

PROF. MONIR: Um filme que explora essa situação é *Cidadão Kane*, que começa com um grande jornalista, no tempo em que é homem muito poderoso, que está moribundo. Suas últimas palavras são: *"Rosebud"*. E aí então, começa, exatamente como aqui – o filme começa finalmente explicando como é que tudo começou, desde o momento em que ele cria a empresa até chegar à morte, e aí no final descobrimos que "Rosebud"

é o nome de um trenó que fora queimado numa fogueira. Então, a única lembrança que ele teve na hora da morte foi a lembrança da coisa mais velha, mais remota. Aquela lembrança de infância era o que tinha de fato importância naquele momento. Continuamos.

Neste processo de recordação, Ivan chega à conclusão de que "quanto mais longe do presente, tanto mais insignificantes e duvidosas eram as alegrias" e imagina que havia finalmente atingido um nada.

> Mas o que é isto? Para quê? Não pode ser. A vida não pode ser assim sem sentido, asquerosa. E se ela foi realmente tão asquerosa e sem sentido, neste caso, para quê morrer, e ainda morrer sofrendo? Alguma coisa não está certa.
> Talvez eu não tenha vivido como se deve – acudia-lhe de súbito à mente. – Mas como não, se eu fiz tudo como é preciso? – dizia de si para si, e no mesmo instante repelia esta única solução de todo o enigma da vida e da morte, como algo absolutamente impossível.
> E o que tu queres agora? Viver? Viver como? Viver como tu vives no tribunal, quando o meirinho proclama: Está aberta a sessão!... Está aberta a sessão, a sessão – repetiu consigo. – Aí está o julgamento! Mas eu não tenho culpa! – exclamou com raiva. – Por quê? – parou de chorar e, voltando

> o rosto para a parede, pôs-se a pensar sempre no mesmo: por quê, por que todo esse horror? (págs. 67-68)

PROF. MONIR: E esse horror que ele vive, é o horror do quê, nesta altura? A que horror ele está se referindo aqui?

ALUNO: *À dor.*

PROF. MONIR: Também à dor, mas há um componente novo nesse horror aqui, que é aí entregue por este parágrafo.

ALUNA: *Solidão.*

PROF. MONIR: Solidão? Não. É uma coisa mais básica do que isso.

ALUNA: *Um medo de morrer.*

PROF. MONIR: Um medo de morrer não, isso ele já tinha.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É o sentido da vida. Ele descobre que não tem nenhum. Está prestes a morrer, a sua vida vai acabar. Ele sofre terrivelmente. Não vê mais valor em nada que havia antes. E está naquela posição, naquela postura em que não sabe por que é que viveu, afinal de contas. Porque ele vai pesquisando a sua própria história, a sua própria vida, e não vê nenhum sentido real nisso, nessa vida que teve. Não parece que isso também é um

horror adicional? Não é isso? Na verdade, é uma coisa impressionante – no fundo, o que está acontecendo **é que apenas a perspectiva da morte dá o tamanho verdadeiro das coisas**. Isso é alguma coisa que a gente tem que guardar como regra geral. A verdadeira dimensão das coisas só se tem a partir da perspectiva da morte. Só. E nunca de nenhuma outra. É isso que ele está tendo agora. Ele está colocando as coisas nos seus diversos tamanhos verdadeiros. Está dando às coisas a importância que de fato elas têm, nem mais, nem menos. E só é possível haver esta legítima avaliação do tamanho real das coisas a partir da perspectiva da morte, que é aquela que ele tem agora com toda a certeza. Muito bem! Então, o que deve estar parecendo para ele um cargo no poder judiciário? Nada! O que deve estar parecendo para ele ter aqueles móveis bonitos? Nada! O que deve estar parecendo para ele ter isso ou aquilo? Nada! Na perspectiva da morte, ele caiu numa espécie de vazio. Um vazio que ele não sabe como resolver. Não é isso? Então, esse vazio em que ele cai parece muito pior, muito mais dramático, muito mais doloroso do que a dor física que ele sente – sabendo que nada pode ajudá-lo, porque o que acontece aí é uma perspectiva de solidão total. A solidão total é uma redução da sua vida a você mesmo. Não há nada que alguém possa fazer por você. É você e você mesmo, apenas estas duas coisas. Essa total solidão é que acompanha esse vazio de perspectiva de vida e essa dor física que ele sente. Não parece ser uma situação boa, não? Nem todo mundo vive isso. Porque boa parte das pessoas morre de um modo muito diferente disso. Há pessoas que morrem subitamente. Há pessoas que morrem em dois minutos. Há pessoas que morrem em acidentes. Pessoas que morrem sedadas. Nem todo mundo passa por essa experiência de morte. Hoje ninguém mais morre assim. Porque o processo que você tem de diminuição da dor já é muito grande. Embora devam existir casos em que isso também não funciona e se morre assim mesmo.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Hoje em dia a perspectiva de uma morte como essa é menos comum, não? Embora não se saiba muito bem o que acontece dentro da cabeça do comatoso. Mas, seja como for, não é todo mundo que passa por isso. Talvez a maior parte das pessoas morra meio que de modo inesperado ou então de uma maneira muito mais indolor que essa aqui.

X

Passaram-se duas semanas e Ivan Ilitch não se levantou mais do divã: "E deitado quase todo o tempo com o rosto contra a parede, sofria solitário sempre os mesmos tormentos sem escape e pensava solitariamente o mesmo pensar insolúvel."

> O que é isto? Será, de verdade, a morte? E a voz interior respondia: sim, é verdade. Para quê estes sofrimentos? E a voz respondia: à toa, sem nenhuma finalidade. E nada mais existia além disso. (pág. 68)

Os dias de Ivan Ilitch passavam-se entre recordações de infância, como "a ameixa seca crua francesa, enrugada, de sua infância, o seu gosto peculiar e a abundância de saliva quando se chegava ao caroço..." e a visão das rugas no marroquim e de um botão nas costas do divã, para onde invariavelmente tinha o rosto voltado.

PROF. MONIR: Marroquim é o tipo de couro que reveste o divã.

XI

Nestas duas semanas, Fiódor Piétrischev, um jovem juiz de instrução, fez o esperado pedido formal pela mão de Lisa. No dia seguinte, Ivan teve nova piora. A mulher começou a falar de remédios e Ivan lhe disse: "Pelo amor de Jesus Cristo, deixe-me morrer em paz". Veio o médico que foi recebido com indiferença pelo doente e que, depois da consulta, comunicou a Prascóvia Fiódorovna "que as coisas iam muito mal e que só havia um recurso, o ópio, para aliviar o sofrimento, que devia ser terrível".

> O doutor dizia que os sofrimentos físicos dele eram terríveis, e dizia a verdade; mas os seus sofrimentos morais eram mais terríveis que os físicos, e nisso consistia a sua tortura maior.
> Os seus sofrimentos morais consistiam em que, aquela noite, ao olhar o rosto sonolento, bonachão, de maçãs salientes, de Guerássim, acudiu-lhe de súbito à mente: 'E o que será se realmente toda a minha vida, a minha vida consciente, tiver sido outra coisa?'

PROF. MONIR: Quer dizer, a perspectiva de aquela vida que estava se acabando não ter tido sentido nenhum. É esse o pior de todos os sofrimentos que ele sente. Imagine uma pessoa que tenha morrido por uma causa, que tenha morrido para que outros tivessem sobrevivido. Nada disso parece presente aqui. Então, ele fica imaginando se tudo isso não foi jogar a vida toda fora. É isso que o está torturando agora, crescentemente, mais no fim.

Veio-lhe à mente: podia ser verdade aquilo que lhe parecera antes uma impossibilidade total, isto é, que tivesse vivido a sua existência de maneira diversa da devida. Veio-lhe à mente que as suas veleidades quase imperceptíveis de luta contra aquilo que as pessoas mais altamente colocadas consideravam correto, veleidades quase imperceptíveis que ele imediatamente repelia, podiam ser justamente as verdadeiras, e tudo o mais ser outra coisa. O seu trabalho, o arranjo da sua vida, a sua família, e esses interesses da sociedade e do serviço, tudo isto podia ser outra coisa. Tentou defender tudo isto perante si. E de repente sentiu toda a fraqueza daquilo que defendia. E não havia o que defender. 'E se isto é assim' – disse ele consigo – 'e eu parto da vida com a consciência de que destruí tudo o que me foi dado, se não se pode mais corrigi-lo, que fazer então?' Deitou-se de costas e pôs-se a examinar toda a sua vida de maneira completamente diversa. Quando ele viu de manhã o criado, depois a mulher, em seguida a filha, o médico, cada um dos movimentos deles, cada uma das suas palavras confirmavam para ele a terrível verdade que se revelara naquela noite. Via neles a si mesmo, tudo aquilo de que vivera, e via claramente que tudo aquilo era o que não devia ser, mas um embuste horrível, descomunal, que ocultava tanto a vida como a morte. A consciência

> disso aumentou, decuplicou os seus sofrimentos físicos. Ele gemia, revolvia-se e repuxava a roupa, tinha a impressão de que ela o apertava e sufocava. E ele odiava-os por isso. (págs. 71-72)

A mulher suplica ao marido que receba a comunhão, sem falar diretamente em extrema-unção. Ivan resiste, mas ela chora e ele aceita receber o padre: "Depois que veio o sacerdote e confessou-o, ele amoleceu, sentiu uma espécie de atenuamento de suas dúvidas e, consequentemente, dos seus sofrimentos, e desceu sobre ele um minuto de esperança. Pôs-se novamente a pensar sobre o ceco e a possibilidade de consertá-lo. Comungou com os olhos rasos d'água."

Depois que o sacerdote sai, Prascóvia lhe dá parabéns e lhe pergunta se está melhor. Ele diz que sim, mas, na verdade, teve vontade de lhe dizer "Não é isso. Tudo aquilo de que vivestes e de que vives é uma mentira, um embuste, que oculta de ti a vida e a morte."

> A expressão do seu rosto quando dissera 'sim' fora terrível. Tendo dito aquilo, e fitando-a bem no rosto, ele virou-se de bruços, com um gesto incomum para o seu estado de fraqueza, e gritou:– Vão embora, vão embora, deixem-me! (págs. 73-74)

PROF. MONIR: Na próxima etapa do processo de morte de Ivan Ilitch, ele acha que talvez tudo aquilo que parecia valioso não é mais e, portanto, muito embora ele tenha percebido isso, todas as pessoas em volta dele continuam fazendo aquilo tudo. E ele sabe que a morte dele em nada impedirá que elas continuem a fazer as mesmas coisas sem sentido, como

ele fez durante a vida inteira. Vejam, não se está falando aqui de coisas más. Ninguém está fazendo coisas más, ele não fez coisas más. Não se trata de ações más, condenáveis. Trata-se de ações comuns que foram feitas apenas por serem feitas, como todo mundo faz. Portanto, não é uma pessoa má chegando à conclusão sobre a sua maldade. Não. Ele é uma pessoa comum chegando à compreensão da falta de sentido que a sua vida representa naquele momento.

Podemos dizer que agora ele está um andar acima, um degrau acima na compreensão das coisas, apesar da sua desesperança, e apesar da sua dor. Já nesse momento ele enxerga alguma coisa além do que ele enxergava antes em relação aos que não estão doentes como ele. Não é isso? Agora vamos para o último capítulo, que foi transcrito integralmente. O último capítulo está todo aqui transcrito no resumo de vocês. É o capítulo, então, em que as coisas finalmente se definem.

XII

> A partir desse instante, começaram aqueles gritos, que duraram três dias a fio, e que eram tão terríveis a ponto de não se poder ouvi-los sem um sentimento de horror, mesmo atrás de duas portas. No mesmo instante em que respondia à mulher, compreendeu que estava perdido, que não havia regresso possível, que chegara o seu fim, o seu fim completo, e a dúvida não estava resolvida, sempre permanecia como dúvida.
> – U! Uu! U! – gritava ele com diferentes entonações.

Começara a gritar: 'Não quero!' – e prolongou a sílaba naquele grito 'Não quéru!'.

No decorrer de todos aqueles três dias, quando o tempo não existia para ele, ficou estrebuchando no saco negro para o qual o empurrava uma força invisível e invencível. Debatia-se como um condenado à morte debate-se nas mãos do carrasco, sabendo que não tem salvação; e a cada momento ele sentia que, não obstante todo o esforço na luta, ele estava cada vez mais perto daquilo que o horrorizava. Sentia que o seu sofrimento consistia também em que ele penetrava naquela fossa negra, e ainda mais em que não podia esgueirar-se para dentro dela. E o que o impedia de fazê-lo era a convicção de que a sua vida fora boa. Esta justificação da sua vida é que se agarrava a ele, não o deixava prosseguir e atormentava-o mais que tudo.

De repente, certa força empurrou-lhe o peito, o lado, comprimiu-lhe com mais força ainda a respiração, ele caiu na fossa, e lá, no fundo, algo alumiou. Ocorreu com ele aquilo que lhe acontecia no vagão ferroviário, quando se pensa que se cai para frente, mas se está retrocedendo, e de repente se percebe a verdadeira direção.

'Sim, era tudo outra coisa' – disse a si mesmo – 'mas

não faz mal. Pode-se, pode-se fazer 'aquilo'. Mas o quê?' – perguntou a si mesmo e, de repente, se calou.

Isso foi no fim do terceiro dia, uma hora antes de sua morte. Foi justamente então que o pequeno ginasiano esgueirou-se, sem fazer ruído, até o pai e acercou-se da sua cama. O moribundo não cessava de gritar desesperado, agitando os braços. A sua mão tocou a cabeça do pequeno ginasiano. Este agarrou-a, apertou-a contra os lábios e chorou.

E justamente então Ivan Ilitch caiu no fundo, viu a luz e percebeu que a sua vida não fora o que devia ser, mas que ainda era possível corrigi-lo. Perguntou a si mesmo: 'mas o que é 'aquilo'?' – e silenciou, o ouvido atento. Sentiu então que alguém lhe beijava a mão. Abriu os olhos e dirigiu-os para o filho. Teve pena dele. A mulher aproximou-se. Olhou-a. Ela também o olhava, a boca aberta, uma expressão de desespero e tendo lágrimas não enxugadas sobre o nariz e a face. Teve pena dela.

'Sim, eu os atormento' – pensou. – 'Eles têm pena de mim, mas estarão melhor, depois que eu morrer.' Quis dizer isso, mas não teve força. 'Aliás, para quê falar, é preciso agir' – pensou. Indicou o filho com os olhos e disse à mulher:

– Leve-o daqui... dá pena... e você também... – Quis dizer, ainda, 'perdoe-me', mas disse 'deixe-me

passar', e não tendo mais força para corrigir o lapso, esboçou um gesto de renúncia, sabendo que seria compreendido por quem importava.

E de repente, percebeu com clareza que aquilo que o atormentara e não o deixava, estava de repente saindo de uma vez, de ambos os lados, de dez lados, de todos os lados. Eles dão pena, é preciso fazer com que não sofram. Libertá-los e libertar a si mesmo desses tormentos. 'Como é bom e como é simples' – pensou. – 'E a dor?' – perguntou em seu íntimo. – 'Para onde foi? Eh, onde estás, minha dor?' Prestou atenção.

'Sim, ei-la. Ora, e então? Que seja dor.'

'E a morte? Onde está?'

Procurou o seu habitual medo da morte e não o encontrou. 'Onde ela está? Que morte?' Não havia nenhum medo, porque também a morte não existia.

Em lugar da morte, havia luz.

- Então é isto! – disse de repente em voz alta. – Que alegria!

Tudo isso lhe aconteceu num instante, e a significação desse instante não se alterou mais. Mas, para os presentes, a sua agonia ainda durou duas horas. Algo borbulhava-lhe no peito; o seu corpo extenuado estremecia. Depois, o borbulhar e o rouquejar tornaram-se cada vez mais espaçados.

> – Acabou! – disse alguém por cima dele.
>
> Ouviu essas palavras e repetiu-as em seu espírito. ‘A morte acabou’ – disse a si mesmo. – ‘Não existe mais.’
>
> Aspirou ar, deteve-se em meio do suspiro, inteiriçou-se e morreu. (págs. 74-76)

PROF. MONIR: Gostaram da história? É uma história maravilhosa, muito bem contada. Uma obra-prima literária. Como eu disse a vocês, é considerada a melhor novela da literatura universal. Espero que vocês tenham obtido a dose de emoção necessária, que obviamente é indispensável no finalzinho dessa história. Agora nós precisamos falar um pouquinho sobre essa história, entender. Depois de entender um pouco a história, vamos falar um pouquinho de Tolstói. Nessa ordem.

Vamos entender Tolstói realmente bem só no próximo encontro, porque o estilo do Tolstói é um estilo agostiniano, quer dizer, esse modo como Tolstói conduziu a sua vida é o método da confissão autobiográfica. Passou a vida inteira fazendo isso. Escreveu uma obra chamada *Minha Confissão*. E o sujeito que inventou a confissão foi Santo Agostinho, com um livro chamado *Confissões*, que é o primeiro livro importante de Santo Agostinho, e é justamente o livro do próximo encontro. Há muitas e muitas diferenças entre as confissões de Santo Agostinho e as confissões de Tolstói, mas não vamos entrar no mérito disso agora porque é preciso estudar Santo Agostinho para poder entender isso bem, que é o assunto do nosso próximo encontro daqui a três semanas. Quem não tem o calendário, por favor, não perca a oportunidade de pegar aqui comigo ou com a Patrícia para não perder a data do próximo encontro, que vai ser 14 de junho. Enquanto esperamos

Santo Agostinho nos ajudar entender melhor a si próprio, as confissões e a Tolstói, vamos ficando por enquanto aqui com a vida e a morte de Ivan Ilitch. E fazer um pequeno resumo.

Ivan Ilitch. O que é que caracteriza primeiro a personagem? Quer dizer, a primeira coisa que nós sabemos da personagem é que é um sujeito que vê o mundo como um conjunto de relações e valores conexos e coordenados. Não é essa a sensação que você tem desde o início? Quer dizer, Ivan Ilitch acha que o certo é ir para a província, arrumar um determinado posto e trabalhar bem certinho. Depois ele vai ser promovido, porque é uma coisa natural – de fato ele é. Aí ele encontra a moça que acha certa e casa com ela, e vai ter filhos com ela. Daí fica torcendo para ter outro posto, porque aquele ali está abaixo das suas ambições. Ele vai pra São Peterburgo, leva a sorte de encontrar um conhecido que já mais ou menos o encaminha para um posto novo e assim ele vai subindo na vida, chegando então finalmente à capital onde vai ter um cargo relativamente importante, o mais importante de todos até então. E no processo de organizar a casa, a mudança, ele sofre um acidente doméstico. Nunca saberemos de fato o que ele tem, portanto é totalmente inútil ficar especulando isso, mesmo porque as nossas médicas aqui disseram que está errada a perspectiva médica desde o início. Quer dizer, no fundo não é um livro de medicina, e a gente não tem obrigação nenhuma de ficar exigindo coisas assim. Isto se chama licença poética. Nem todo mundo entende... O Flávio Cavalcanti tinha um programa de televisão no domingo. Antes de ter o Faustão, tinha o Flávio Cavalcanti. Tinha um quadro no programa em que ele quebrava um disco teatralmente, assim e tal. Um dia ele chegou com aquele disco do Adoniran Barbosa, *Trem das Onze*, e falou assim: "Eu vou quebrar este disco pelo seguinte: aqui diz *'Moro em Jaçanã, se eu perder este trem que sai agora às onze horas, só amanhã de*

manhã'. Eu liguei pra ferroviária e tinha o trem das 11:15, das 11:30, das 10 pra meia-noite, da meia-noite e quinze." Pegou e quebrou o disco. *(Risos.)* Isso é o cúmulo do sujeito incapaz de compreender poesia, não é? Entenderam? Esse é um exemplo radical de como se consegue ser burro, não? Porque o mundo poético é o mundo que está autorizado a ser um pouco sem cabimento até. Tanto é que nas histórias há elfos e sereias, enfim, há todo o tipo de criatura fantástica. Agora, então, o nosso herói aqui da história sofre um acidente doméstico e acreditamos que este acidente doméstico tenha sido a causa de uma moléstia que nunca foi bem diagnosticada e tampouco tratada, de modo que ele vai ficando cada vez pior, embora no começo não pareça que está mal. Mas vai piorando, piorando, piorando, até que ele encontra a morte. Encontra a morte completamente sozinho, nem mais o Guerássim está com ele nesse momento.

Mas o que parece que acontece com a personagem – porque o autor não está simplesmente descrevendo o estado de um moribundo – é que a personagem vai, durante esse tempo todo do transcurso da doença, mudando de comportamento, mudando de valores, percebendo coisas sobre o mundo que não percebera até então.

No início, ele vivia sua vida de expectativa sobre o mundo, de um comportamento coordenado e conexo entre os diversos valores do mundo – porque todo mundo espera isso, tanto é que todo mundo imagina para si uma vida assim: "Ah, vou fazer faculdade, depois vou arrumar um emprego, depois vou casar, depois vou comprar um automóvel, depois vou comprar uma chácara, vou comprar um apartamento na praia, depois meus filhos vão fazer vestibular, eu vou pagar cursinho pra eles, depois eles vão ser...". Não é isso que as pessoas esperam da vida? Alguma coisa assim. É como se todo

mundo imaginasse que a vida sempre se resolveria bem nesta sequência de eventos – e não há nenhum mal esperar que a vida seja assim.

No entanto, se você for pensar bem nesta circunstância em que ele vivia, o autor tenta nos mostrar que independentemente da conveniência ou não daquela vida, é uma vida feita em certo grau de inconsciência. E a maior de todas as inconsciências que Ivan Ilitch tem naquele momento é a inconsciência da possibilidade da morte, porque o advento da morte é tão mais impactante quanto menos você o espera.

Se o advento da morte parece ser tão terrível quanto foi para Ivan Ilitch, isso é uma demonstração de que a última coisa que ele esperava era morrer. É como o próprio autor no começo nos diz: para os amigos de Ivan Ilitch, a ideia da morte não lhes tocava. "Foi Ilitch que morreu, não fomos nós que morremos." Do mesmo modo, é o outro que morre, é Caio que morre, não é Ivan Ilitch que morre, não é José Monir que morre, não é ninguém especialmente, a não ser a personagem teórica da história, o exemplo que o professor deu na aula de filosofia.

Temos aí então uma grande inconsciência da morte. Se percebermos bem, talvez não exista nenhuma espécie pior de loucura; talvez o modo mais louco de alguém proceder na vida seja esse mesmo, porque é uma tentativa de fazer de conta que não existe aquilo que parece mais real do que o seu próprio nascimento. Porque o seu nascimento é uma hipótese lógica: como você existe, deve ter nascido. Mas a morte é uma coisa que você vai vivenciar conscientemente. O seu nascimento você não lembra bem como foi; você tem certa ideia de que bateram em você – benignamente –, que você chorou, mas isso é alguma coisa meio teórica. Você não lembra como era

quando você tinha dois anos, lembra? No entanto, a morte virá no máximo da sua consciência. De alguma maneira, a morte será concretamente mais real e concreta do que o seu nascimento, que é uma coisa que você *"take for granted"*, como se diz em inglês, você dá como um acontecimento meio automático na vida. Mas a morte não é assim; a morte parece mais real que o nascimento, embora os dois obviamente precisem ter a mesma existência concreta.

A morte parece mais real que o nascimento. E, no entanto, Ivan Ilitch não é uma pessoa que tenha consciência dessa possibilidade. Não é só Ivan Ilitch. Quase ninguém tem. Ninguém pensa na morte todo dia, na sua própria morte. Se você tem por perto uma pessoa que está muito mal de saúde, você pensa, mas sempre por contraste à sua não-morte: "Não sou eu que estou ali, é outra pessoa que vai morrer, eu não". A morte é como se fosse um assunto proibido, como alguém que tem na família um louco perigoso do qual ninguém fala; aquele assunto que é muito próximo, mas ao mesmo tempo proibido.

O nome disso que fazemos com a morte é tabu. Tabu é um assunto proibido. A expressão "tabu" foi popularizada pela psicanálise. Então há determinadas coisas que são proibidas coletivamente, como o incesto, por exemplo, que é proibido em quase todas as culturas em situações normais. Tabu é essa ideia de que há alguma coisa que é proibida, e o tabu do mundo moderno é a morte. Já foi o sexo, mas o sexo não é mais de modo nenhum, tanto é que você não consegue ligar a televisão de noite sem que haja uma prostituta contando as suas aventuras sexuais. É uma coisa obrigatória em qualquer programa de auditório que os entrevistados sejam prostitutas, travestis, cafetões e, enfim, variações. O sexo deixou de ser tabu, mas a morte é um

tabu. A morte é um tabu porque parece horripilante essa maneira como enxergamos o mundo hoje, que vê a morte como a interrupção de alguma coisa.

Mas se eu disse a vocês que não considerar a hipótese da morte é uma espécie de loucura, também preciso dizer a vocês que não há nenhuma possibilidade de perceber e refletir sobre o mundo a não ser quando você se abstém de agir, porque a única possibilidade de raciocinar sobre o mundo e entender alguma coisa depende da abstenção da ação. Porque a ação não permite que você faça de fato nenhum ato de reflexão.

É por isso que você não consegue de fato entender a sua vida a não ser em um contexto em que você, por uma razão ou outra, leva uma trava da vida assim. Ou porque você perde o emprego, ou porque você fica doente numa cama, ou porque caiu o avião e você fica numa ilha deserta por dois anos, etc. Essa é uma dificuldade muito grande. Também essa é a razão pela qual, de modo geral, as melhores interpretações sobre as guerras são melhor dadas pelos vencidos do que pelos vencedores, porque os vencidos, como têm que parar pra pensar por que perderam, tendem a ter um poder de relatar com mais precisão o que aconteceu do que os vencedores, que estão mais preocupados com as ações correspondentes à vitória: usufruir do patrimônio, da mulher dos outros, usufruir de um modo vândalo dos benefícios da vitória. E os que perderam têm tempo então para pensar por que perderam.

Há também outra regra aqui que parece ter sido aplicada exatamente ao Ivan Ilitch: ele só conseguiu pensar um pouco na vida quando a sua carreira foi interrompida. Claro que poderia ter sido interrompida de modo menos

violento e de modo menos doloroso, de uma maneira mais agradável, mas não foi o caso. O destino, aqui nesse caso, produziu para Ivan Ilitch uma tragédia pessoal extraordinária, tragédia pessoal esta que o obrigou a parar pra pensar, que foi o advento da doença.

Na medida em que a doença não o deixava mais viver aquela vida cotidiana que ele vivia antes, aquela vida em que ele se aproximava da própria definição de loucura – de alguém que produz uma vida absolutamente sem perspectiva de sentido nenhum – é aquilo que Manuel Bandeira diz numa poesia que eu sempre sugiro que vocês leiam, que ele chama de *"agitação feroz sem finalidade"*. A história da poesia é a de um defunto que passa por um cortejo fúnebre, olha para o cortejo fúnebre – é a mesma história de Ivan Ilitch, no fundo, essa poesia de Manuel Bandeira – e ele então chega à conclusão de que a vida das pessoas que não são aquele morto é uma agitação feroz sem finalidade. Parece ser isso a vida que Ivan Ilitch levava, sem ser uma vida desonrada. Vejam, ele tem uma vida honrada! Ele é uma boa pessoa, é honesto, tem alguma atitude de servir a uma causa, segue o seu dever, portanto tem uma honestidade implícita na sua própria atividade profissional: ele é um funcionário exemplar – o que não quer dizer necessariamente que a vida de Ivan Ilitch faça algum sentido.

Obrigado a pensar na vida com o advento da doença, ele permite que a perspectiva da morte, que vai se avultando, possa dar o tamanho verdadeiro e real pra todas as coisas. As coisas só passam a ter o tamanho e a dimensão que de fato têm frente à perspectiva da morte. E a perspectiva da morte de Ivan Ilitch produz, quando a morte vem de fato, uma substituição de polos. Você percebe que ele não sabe para que serve aquilo: encontra-se com o filho segurando a sua mão, no seu leito de morte, e de repente ele vê uma

luz. Se vocês me perguntarem que luz é essa, eu não sei, de fato. O que eu posso garantir pra vocês é que existem diversos graus de realidade. Quando você faz essa análise a partir da cabala judaica, por exemplo, você descobre que existem quatro graus mínimos de realidade. Há a realidade material, física, essa em que nós vivemos, o mundo sensível. Há um segundo nível de realidade, chamado nível sutil, onde estão os elementais da natureza. Existe um terceiro nível, chamado nível angélico. E há um quarto nível, que é o nível divino. A justificativa desses quatro níveis é absolutamente dedutiva. Porque quando você pega o *Evangelho de São João*, no qual há uma repetição do *Gênesis* – logo no início há uma recontagem da história do *Gênesis* – e quando olha para a história do *Gênesis*, do início do mundo contado ali, se você tiver capacidade de interpretar cada uma daquelas afirmações, você vai descobrir que a existência de quatro dobras de realidade são decorrentes da própria maneira como Deus criou o mundo. Não vamos entrar no mérito disso aqui, porque já é um assunto esotérico, é bem complicado, e é bem diferente do nosso assunto. Mas a verdade é que quando Ivan Ilitch percebe, quando está completamente entregue e não tem mais nenhuma esperança, há uma espécie de redenção, que no livro nos é contada como a visualização da luz e a destruição da morte. A morte, na medida em que chega, destrói-se automaticamente em si mesma, porque é como se ele visse alguma coisa, como se ele visse e mudasse de patamar existencial, seja o que quer que vocês queiram entender que Tolstói imagina ser uma mudança de patamar existencial.

A verdade é que vivemos sempre dentro de uma espécie de mundo compreensível, racionalizável, esse mundo em que nós vivemos aqui, esse mundo ao qual insistimos em aplicar critérios científicos para conhecer. Mas esse mundo é apenas o queijo e o presunto do sanduíche de um polo

superior, um polo transcendente, uma espécie de mistério de luz, luminoso, e abaixo um polo descendente, um polo abissal, que é uma espécie de mistério abissal, uma espécie de mistério negro, de mistério demoníaco. Há, acima de nós, um mistério de luz, luminoso, e embaixo, um mistério demoníaco. Esses dois mistérios estão o tempo todo nos perseguindo; a nossa existência é uma existência ensanduichada entre essas duas coisas.

A ideia de morrer é uma ideia de mudar talvez de nível de análise desse polo. Eu não queria entrar nessa especulação aqui, porque ela é bem complicada, e não é a questão mesmo de saber o que aconteceu com Ivan Ilitch depois que ele morreu, mas o que acontece pelo que Tolstói nos diz é que ele de repente descobre alguma coisa que não sabia. É como se ele tivesse sido apresentado a um certo grau de mistério que antes não conhecia. Ou seja, é como se para chegar a algum mistério luminoso tivéssemos que passar pelo polo abissal. É como se aquela morte e sofrimento que ele tinha sofrido tivessem necessariamente de preceder a descoberta de alguma coisa mais alta. Essa é uma proposição muito tolstoiana, que acha que a vida humana é isso mesmo: uma espécie de sacrifício a partir do qual você chega a entender alguma coisa.

Mas, percebam aqui, que seja qual for o mundo que Ivan Ilitch vai visitar depois da sua morte, aonde quer que ele vá, no fundo, no fundo, o que está dito nesta história que nos interessa entender é que a única perspectiva de compreensão da vida é a partir da compreensão da morte, a partir da aceitação da existência da morte.

Esse é o coração da história que nós lemos: não se deve nessa vida fazer nada, nada, nada, que não seja revogado pela perspectiva da morte. Dentro

daquela pressuposição de que estamos aprendendo com Tolstói a viver melhor, que é o conceito de cultura que se tem aqui nesse curso – toda e qualquer ação humana só deve ser executada de fato se, ao ser confrontada com a possibilidade da morte, não for automaticamente anulada e revogada por ela. Então não devemos matar ninguém, não devemos produzir atos que prejudiquem os outros, enfim, é todo o conjunto de ordem moral que estabelece o comportamento humano. Porque, afinal de contas, Tolstói está dizendo: o que estabelece a existência da moral da vida é a perspectiva da morte e apenas ela – o que é uma coisa extraordinária, porque de modo geral se pensa o contrário. Umberto Eco passou a vida inteira afirmando que a arte serve pra preparar o sujeito para a morte. Pois, olhando pela perspectiva de Tolstói, você chega à conclusão de que a morte serve para preparar a arte para a perspectiva da vida. Entenderam a diferença? Há uma diferença enorme entre você lidar com a morte como começo ou como fim. Pois o que Ivan Ilitch descobriu é que a morte era a perspectiva inicial, desde o início era a que deveria ter sido eleita como tal. Ela não precede cronologicamente a vida, porque seria então uma coisa absurda, mas precede ontologicamente a vida.

Vocês entendem essa diferença dessa precedência ontológica e cronológica? Por exemplo: você não vive para comer, mas comer é uma condição necessária para a vida. O fato de que você primeiro come e depois vive a sua vida não quer dizer que você viva para comer. Então a comida que você ingere não é ontologicamente prioritária na sua existência, ela é alguma coisa condicionante da sua existência. Mas a sua vida não é para comer, a sua vida é para você fazer coisas notáveis, fazer poesias, conquistar os outros planetas, descobrir a cura do câncer, resolver aquele problema que você tinha com seu tio... A vida é pra fazer essas coisas. A alimentação

é uma espécie de pressuposto de que isso aconteça. Pois a morte, embora não seja o objetivo da vida, é o pressuposto da vida toda. Porque é esta ideia central que vai permitir então que Ivan Ilitch possa considerar o vazio da sua existência como sendo vazio; é esta ideia que faz com que ele perceba que todos estão iludidos em torno dele, e que ninguém tem a menor ideia do que está fazendo, como ele também não tinha quando estava fazendo antes – muito embora não estivesse fazendo coisas erradas, nem coisas más, mas eram coisas sem sentido – e que, portanto, só a perspectiva da morte restaura a perspectiva da vida.

Mas se você vive numa época em que a morte é tabu e não se pode falar nela... Não se pode falar na morte, é impossível, há uma tentativa de estender a juventude para todos os tempos. Então Mick Jagger tem 65 anos e tem filhos com modelos como se fosse um menino bobinho de 20 anos – e você olha pra cara do Mick Jagger, ele parece mais jovem do que todo mundo aqui. Mas o Mick Jagger tem 65 anos, e se veste como jovem. E as pessoas ficam velhas e, em vez de serem sábias, vão lá pro Sesc da Terceira Idade pra fingir que são jovens, e ficam lá tentando participar das "Olimpíadas da Melhor Idade". Não é assim? Quer dizer, há uma recusa sistemática da possibilidade da morte. E a possibilidade da morte, no entanto, é a possibilidade da vida, porque é só a partir da perspectiva da morte que é preciso então produzir alguma compreensão da vida.

A morte – e essa é uma crítica constante na obra de Tolstói – é uma espécie de grande pedagoga. Não há nada mais pedagógico do que a morte. É esta a ideia central que a morte ocupa dentro de Tolstói, e essa é a razão pela qual ele escreveu este livro, que era para nos contar que não temos o direito de fazer na nossa vida nada que, confrontado com a perspectiva da morte,

possa ser de alguma maneira revogado. Se a morte revoga o valor daquilo, não faça. É essa a ideia central que a gente precisaria guardar desta história chamada *A Morte de Ivan Ilitch*. O processo só funciona de trás pra frente, e nunca de frente pra trás.

Há várias teorias sobre a libertação que Ivan Ilitch recebe no final, que ele teria então compreendido a compaixão com o filho. É verdade... Quem é que tem compaixão por ele? Só duas pessoas têm: Guerássim e o filho. Porque a mulher, em princípio, envolveu-se menos com a situação de doença do que o próprio empregado se envolveu; e a filha está preocupada com o casamento, então ela tem preocupações mais urgentes. É claro que se pode imaginar que naquele ato final uma interpretação poética seria assim: "No momento final ele ainda percebe que foi amado, e é isso que faz com que ele possa sair bem desta vida", mas esta seria uma interpretação muito sentimental para alguém como Tolstói, que, afinal de contas, quer criar uma seita mais inteligente do que a Igreja Ortodoxa e Católica juntas, que sabe mais do que a Igreja Católica e Ortodoxa juntas, que imagina que seja isso a solução. Na verdade Tolstói não é um sujeito de religiosidade afetiva, ele não é um sujeito afetivo. Ele é na verdade um profundo racionalista. E é por isso que digo para vocês que é preciso compreender um pouquinho Tolstói pra entender como foi que ele montou esse livro. Sem que essa compreensão possa produzir qualquer desmerecimento ou desvalorização da conclusão central do livro, que me parece ser este fator pedagógico que a morte produz, porque é esse fator que é capaz então de finalmente produzir um balizamento entre as ações da vida. As ações da vida só podem ser escolhidas a partir da perspectiva da morte.

Pensem bem como isso tem consequências terríveis para a nossa existência. Daqui pra diante você só escolheria coisas na sua vida pensando na perspectiva da sua própria morte. Não sei se isso é fácil de fazer. Uma vez, pedi para um grupo de funcionários de uma determinada empresa (não posso nem dizer o nome) que fizesse o seguinte exercício: que cada um pegasse uma folha de papel e escrevesse o seu epitáfio: "Hoje morreu fulano de tal..." Disse-lhes que podiam inventar do que teriam morrido, que o fizessem com toda a liberdade. Havia no Brasil um grande escritor chamado Antônio Carlos Villaça, que morreu há pouco tempo, e era um sujeito que escrevia epitáfios porque era um dos maiores memorialistas que o Brasil já teve. Os melhores memorialistas do Brasil, na ordem: Joaquim Nabuco, Gilberto Amado, Pedro Nava e Antônio Carlos Villaça, são aqueles sujeitos capazes de contar a vida e as reminiscências com uma autoridade extraordinária.

Conheci o Villaça muitíssimo bem, dei muitos e muitos cursos com ele – já estava muito velhinho. E o Villaça era contratado pelos jornais – porque as pessoas morrem sem avisar, então tem que ter a nota fúnebre pronta, como é que se diz...

ALUNO: *O necrológio.*

PROF. MONIR: O necrológio. Muito bem! Então o Villaça sabia da vida de todo o mundo, escrevia todos de cabeça. Uma vez eu o vi dar uma palestra assim: "No dia tal, de tal, de tal, na rua não sei o quê, em Santa Teresa, nº 43, 3º andar, apartamento 302, Gilberto Amado chamou a sua empregada fulana de tal e disse assim: '– Fulana, prepare um chá, que eu tomarei um chá e morrerei.' E de fato Gilberto Amado morreu". Era um homem capaz de fazer

coisas assim com uma serenidade e precisão espantosas. E o Villaça escrevia, então, esses necrológios. Eu pedi que cada pessoa escrevesse o seu próprio, e uma boa quantidade de pessoas ficaram tão horrorizadas, tão chocadas com a perspectiva de falar da morte que foram incapazes de fazer isso. O sujeito não consegue escrever na hora. Porque a perspectiva da própria morte é indizível, ela é inaceitável.

E, no entanto, o que a novela *A Morte de Ivan Ilitch* está me dizendo é que a única maneira de fazer a vida fazer sentido é a partir do não sentido total da morte aparente, ou seja, o aparente não sentido da morte é que faz todo o resto fazer sentido, a partir dela para trás. Portanto, se há alguma coisa que deveríamos nos preocupar todo dia é pensar na nossa própria morte, e pensar se estamos tomando as ações que, confrontadas a ela, à sua perspectiva, não são necessariamente e automaticamente repelidas, anuladas e rejeitadas. Essa é a ideia central que está aí.

Isso, de alguma maneira, é a própria vida de Tolstói. Ele fez isto a vida inteira: jogou toda a fortuna fora, foi viver de eremita, abandonou tudo aquilo que parecia a ele que eram ilusões e foi fazer isso com ele mesmo.

O que a gente não deve julgar é que a fórmula de Tolstói tenha sido boa. Porque, como eu disse no começo, nós temos que dizer que ela é sincera: ele foi um sujeito coerente consigo mesmo. Em nenhum momento, depois da sua conversão, depois daquela noite em que teve a experiência mística, ele recuou nesse sentido. Ele teve uma vida, então, que passou a ser coerente com esta ideia de uma vida que gerasse sentido o tempo todo, sentido o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo.

Mas o problema de Tolstói, no que ele difere muito de Santo Agostinho, é que Santo Agostinho fez a mesma coisa. A vida de Santo Agostinho é mais ou menos parecida com esta – vamos ver no próximo encontro aqui. Santo Agostinho também era uma pessoa como ele, andava na farra, naquela confusão, e sabia que estava errado, tanto é que ele dizia assim: "Ai, Senhor, dai-me o juízo, mas não agora, pelo amor de Deus."

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: "Dai-me a parcimônia, mas não agora; dai-me a temperança, mas não tão rápido"...

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Isso Santo Agostinho dizia. Vivia numa farra. Não sei quanto é que a gente pode imaginar que dá pra fazer de farra lá no norte da África no ano 400, mas alguma farra possível havia lá. De todas as informações, a mais anticlimática é aquela informação que o Groff me deu de que naquela época o vinho era branco e doce. Já imaginaram a dor de cabeça no dia seguinte a uma farra dessas? É igual a você ir a Santa Felicidade e tomar 20 jarrinhas daquele vinho lá do Madalosso, alguma coisa assim.

Santo Agostinho faz como Tolstói. Aliás, tudo que Tolstói faz é uma imitação de Santo Agostinho. Santo Agostinho escreve as *Confissões* – nós estudaremos aqui no próximo encontro – e Tolstói também escreve confissões, *Minha Confissão*, às vezes traduzida apenas por *Confissão*, e diz assim: "Olha, fui um sujeito muito errado, tive uma vida muito ruim, andei farreando em tudo quanto é lugar; de São Petersburgo a Moscou todos me conheciam pela

minha indisciplina, pela minha incapacidade de ser sério, não sei o quê, não sei o quê... No entanto, agora vou me voltar ao verdadeiro cristianismo, e o verdadeiro cristianismo é o cristianismo de antes do advento da Igreja, ou seja, antes que houvesse Igreja. Havia um cristianismo natural, um cristianismo básico e primário, que é esse que tenho de recuperar, porque esse cristianismo que tem aí é uma porcaria, porque é apenas dominado pelos padres, pelos bispos, é uma espécie de estrutura de poder que nós financiamos".

E a mesma coisa diziam depois os protestantes. Os protestantes queriam se livrar do catolicismo por várias razões: Lutero queria por razões de natureza doutrinal – é claro que depois, os que vieram depois dele queriam poder político, que era muito diferente, mas Lutero e Calvino queriam voltar a um cristianismo puro antes do estabelecimento da Igreja, ou seja, o cristianismo do tempo de Santo Agostinho.

Santo Agostinho mais ou menos começou a estabelecer como a Igreja ia ser. De todas as influências que a Igreja Católica teve, a maior é a de Santo Agostinho. Ninguém teve tamanha importância na formatação do cristianismo – não no cristianismo em si, porque esse é Jesus Cristo, mas na forma que o cristianismo católico passou a ter. De todos os contribuidores, Santo Agostinho tem o maior peso específico. E Santo Agostinho, então, faz a conversão – a mãe dele também se converte, a Mônica – e começa a produzir centenas de documentos, documentos esses que eram explicações de como deveria ser a doutrina cristã, e em torno dessas explicações é que vai se estabelecendo o corpo doutrinal católico, digamos assim.

Tolstói não queria fazer nada disso. Tolstói achava que tinha que recuperar um cristianismo que não existe mais, um cristianismo que desapareceu no tempo por causa da conspiração das burocracias religiosas, como seriam os padres em geral. Vejam, ele acha isso tudo de ruim lá do cristianismo ortodoxo; não está falando de Roma, naquela bandalheira, porque em Roma era muito pior – lá ainda havia alguma diferença –, tanto é que até hoje o cristianismo ortodoxo não fez o seu Concílio Vaticano II, ou seja, os ritos ortodoxos são os antigos, ainda há uma forte tradição que domina a Igreja Ortodoxa. Se ele estivesse falando do catolicismo, então acharia o fim do mundo. Ele tentou ainda procurar aquele *staretz* que parecia a ele ainda uma espécie de reserva de espiritualidade, mas ele queria que o *staretz* concordasse com a visão que ele tinha...

Veja bem, Tolstói – como Rousseau, como Nietzsche, como Kierkegaard – são todos filósofos, pensadores que começam sempre com o método confessional de Santo Agostinho. Depois vamos ver no próximo encontro o quanto é importante que isso seja assim, até como perspectiva de autoconsciência. Mas Tolstói faz a sua confissão e depois, em vez de admitir que é um pobre pecador e, portanto, humilhar-se aos olhos de Deus, o que ele faz? Resolve, sozinho, em 1800 e não sei quanto – depois de 1800 anos que gente muito mais inteligente que ele quebrou a cabeça para arrumar o quebra-cabeça –, ele resolve achar que o cristianismo verdadeiro é um conjunto de gente vestida como camponeses, que não come carne de gado, que não fuma e só transa pra reprodução, mesmo quando casados.

E é essa a ideia que Tolstói tem da vida. Completamente inaplicável, uma ideia doidivanas completa. Aí está a grande diferença entre ele e Santo Agostinho: Santo Agostinho parte de um ser humano que existe

concretamente e é real. Então Santo Agostinho dizia assim: “A matéria de que são feitos os vícios é a mesma matéria de que são feitas as virtudes”. Portanto, a estratégia, digamos assim, de santificação pessoal de Santo Agostinho é essencialmente você ir trocando de vício. Entendeu? Em vez de você ser invejoso, que é um vício horrível e destrutível, você tem que ser ambicioso. Você vai trocando de vício e melhorando, mas, no fundo, no fundo, você sempre será um sujeito pecador, um sujeito meio sem solução e sem esperança nenhuma. Mas Tolstói não imagina que exista um homem assim. Ele imagina que os homens podem ser todos santos automaticamente, ou seja, ele parte da existência de uma pessoa que de fato não existe. Na verdade, ele não consegue problematizar o ser humano. Não consegue entender a enorme complexidade que é a vida humana. É muito melhor um sujeito que se esforça e que fuma do que outro que não fuma e é um chato. A primeira lei antifumo do mundo foi feita pelo nazismo, e Hitler era vegetariano. É muito pior ter um sujeito como Hitler, que é vegetariano e não fuma, do que ter um sujeito como Norman Mailer, que fuma, bebe feito um desgraçado e tal, mas que escreve bons romances. Então, o problema da vida humana é que ela não se esgota em aspectos aparentes e aspectos formais da existência humana. É por isso que, no final das contas, o que Tolstói consegue fazer é apenas uma seita de *quakers* – gente mais ou menos louquinha que inventa de existir dentro de um contexto típico do Inri Cristo[13], mais ou menos. É claro que Tolstói tem muito mais talento que Inri Cristo, mas se você for pensar bem, é muito parecido: é um sujeito que diz que ele é que sabe como é que faz; portanto cria uma seita só pra ele; não consegue estabelecer uma autoridade no mundo porque não

13 Nota da transcritora - Inri Cristo é o nome adotado por Álvaro Thais. Nascido em Indaial, em 1948, é um líder religioso que proclama ser a reencarnação de Jesus Cristo. Fundou a organização “Suprema Ordem Universal da Santíssima Trindade” (SOUST) em 28 de fevereiro de 1982.

produz milagres – quando Jesus Cristo dizia que Ele tinha uma mensagem nova, Ele comprovava isto com atos concretos. Veja, o cristianismo não se baseia em doutrina, mas em atos; é alguma coisa em que você acredita porque atos reais, concretos, aconteceram. Mas todo o maluco que vem aí e se declara o Messias, como é o caso desse Inri Cristo, que é apenas um caso das centenas que existiram no decorrer da história, ele aparece com uma perspectiva que, no fundo, no fundo, é uma perspectiva soberba. No fundo é uma perspectiva de substituição do saber dos outros pelo seu próprio. Quer dizer, Tolstói, como diz Chesterton, é um sujeito que exige uma pureza obscena. É um sujeito que exige uma perfeição impossível para o ser humano. Quando no fundo o que resta de toda essa história é poder dizer assim: "Eu não presto, mas Jesus me ama". Porque essa é a única perspectiva possível para o ser humano real. Não vamos conseguir nos desvencilhar da nossa natureza pecadora, ela é natural e nos acompanhará a vida inteira. Portanto, o que você precisa fazer é compensar os seus pecados com coisas boas, com atos extraordinários, porque um ato bom é um ato bom mesmo quando é feito por um homem mau. Então se Hitler tivesse salvado uma criancinha de um incêndio, esse ato não seria mau em si porque foi Hitler quem o praticou, mas continuaria sendo um ato bom, porque um ato bom será sempre um ato bom, mesmo quando praticado por alguém muito mau.

A vida humana não tem muita saída da perspectiva de convívio com esta imperfeição extraordinária de que somos feitos. E essa é a razão pela qual Mário Ferreira dos Santos escreveu um livro chamado *Cristianismo, a Religião do Homem*, para demonstrar que o cristianismo, de todas as religiões, é aquela mais adequada à nossa verdadeira natureza; e essa é a razão pela qual Chesterton escreveu o livro *Ortodoxia*, em que defende que toda a

vez que ele vai tentar alguma alternativa a isso, ele sempre acaba caindo na própria ortodoxia. Toda a heterodoxia que ele tentou na vida sempre o jogou de volta nessa ortodoxia fundamental, que é uma ortodoxia muito antiga, e que Tolstói não acha que se deva cumprir, porque Tolstói imagina uma fé racionalizada, e não é capaz de compreender a força do mistério.

Neste ponto, ele é muito, muito diferente de Dostoievski, que é outro sujeito que tem todos os componentes de natureza religiosa envolvidos na obra, mas aceita a existência humana como imperfeição que é, e acha que é o sofrimento que faz com que a gente saia dessa. Ou seja, Dostoievski parece muito mais com Ivan Ilitch do que o próprio Tolstói, porque é o sofrimento que traz a possibilidade da percepção das coisas. Na verdade isso sempre foi assim, porque é a própria ideia que está na literatura, que diz que é preciso passar pelo inferno para ir para o céu. Dante Alighieri passa pelo inferno para poder chegar ao céu; Ibn Arabi dizia que o trono do diabo está entre a terra e o céu – o trono do diabo fica no meio. E essa é a ideia de todas essas obras de natureza de abismo: sempre é preciso ir para o abismo para chegar ao céu. É como se o céu só aparecesse como contraste; você só percebe o polo luminoso por contraste ao polo abissal. Porque do modo que nós estamos aqui, num meio-termo, é como se a luz se diluísse pra cima e pra baixo, e não enxergássemos bem nenhum dos dois extremos. Então é só o mergulho no polo abissal, ou seja, o mergulho na dor, na morte, no sofrimento que permite que se enxergue a luz do outro lado, que se faça a inversão de polos – que é aquilo que aparentemente acontece com Ivan Ilitch no final da vida, muito embora não tenhamos aqui elementos para especular o que é que isso significa verdadeiramente ou não. Em todo caso, a perspectiva da possibilidade desta queda na morte – que é esta coisa que nos horroriza e

que nos transtorna de alguma maneira – é a única perspectiva de viver bem. E essa é a ideia central na obra que Tolstói escreveu.

Tolstói acerta nisso, mas não acerta na sua, digamos, filosofia geral sobre a vida. Porque ele é a personagem de tipo messiânica que irá criar uma seita, seitas essas que gerarão os desastres todos – sabe a seita dos indianos[14]? Sempre há um sujeito assim, que talvez você pudesse chamar, de modo imperfeito, de fundamentalista. Então, o que é o fundamentalista? É alguém radical ao ponto de dizer que ama a humanidade, mas negar ao pobre as pequenas coisas... Tolstói foi a Moscou, viu os pobres e pensou: "Puxa vida, como os pobres sofrem" – mas, ao mesmo tempo em que ele acha que os pobres sofrem, quer lhes negar o bife, o cigarro e o sexo. Mas que espécie de sádico é esse sujeito, pô? Não é possível uma coisa dessas... Entendeu? Você acha que o sujeito tem uma vida muito ruim, e mesmo assim acha que o certo é que ele não possa comer um bifinho, não possa fumar um mistura fina, e não possa transar com a mulher – não é com a vizinha; aqui está proibido é transar com a mulher. Entenderam? Mas como é possível entender uma coisa dessas? Eu acho isso uma coisa estranhíssima.

Tolstói diz assim: "Eu amo a humanidade". Mas você amar a humanidade é de todas as formas de amor a mais estúpida. Porque o sujeito ama a humanidade, mas na verdade não ama nenhum ser humano especificamente. Então, é o sujeito que dará, porque ama a humanidade, a autorização para todo o tipo de barbaridade, todo o tipo de morte estatisticamente valiosa. Você mata 5.000 pessoas porque é pra salvar 500.000 pessoas, de acordo com a sua

14 Nota da transcritora - Possível referência aos thugs, seita secreta de assassinos e ladrões de viajantes que operaram na Índia do século XVI ao XIX, pelo menos. Os bandos thugs eram compostos de hindus, sikhs e muçulmanos que adoravam a deusa da morte Kali.

perspectiva estatística. Mas que história de amante da humanidade é essa? Jesus Cristo nunca amou a humanidade, amava os seres humanos.

Tolstói propõe um socialismo agrário, porque todos deveriam ser iguais, porque isso derivaria do preceito de que Deus ama a todos igualmente. Mas Jesus Cristo não amou todo mundo igualmente. Jesus Cristo tinha preferências por este ou por aquele, Ele tinha o seu apóstolo predileto. De onde é que Tolstói inventou essa ideia absurda e imoral de que se deve amar todo o mundo com a mesma intensidade, do mesmo jeito? Não é verdade, você ama os seus filhos mais do que as outras pessoas, você ama essa pessoa mais do que aquela – é a experiência da vida concreta. A ideia de inventar uma vida em que se ama todo o mundo igual é uma bobagem que Tolstói inventou, não tem nenhum cabimento. No entanto, é esta a ideia que sustenta a seita tolstoiniana, que teve centenas de adeptos. Houve um grupo de russos que imigrou para o Canadá porque começou a ser perseguido pelo czar. Foram conduzidos pelo filho do Tolstói, Serguei, com o objetivo de criar no Canadá uma colônia com esse tipo de pureza espiritual do cristianismo primitivo. Pois você nunca vai conseguir nenhum progresso como ser humano se você não partir do pressuposto de que os seres humanos são essencialmente pecadores. Você não consegue nada, nunca, contrapondo-se à natureza humana. É por isso que o padre ali na esquina, na paróquia, consegue muito mais com as pessoas do que Tolstói, com toda a sua pureza cristã: porque não existem pessoas capazes de passar por aquela experiência tolstoiniana.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É, mas devemos cuidar, porque Tolstói ainda estava no momento anterior; ele não estava pensando do jeito que pensava quando escreveu esse livro aqui, tanto é que ele repudia o livro – ele disse que *Ana Karênina* e *Guerra e Paz* são livros do tempo em que ele ainda era um idiota, que não é pra ler isso não, que vocês não se preocupem mais com isso.

Vocês compreendem que esse messianismo que Tolstói vivenciou é o mesmo messianismo que irá gerar depois todo tipo de arbitrariedade política, todo tipo de totalitarismo? Porque é o sujeito que cria um modelo de gente que não existe, um modelo humano de gente perfeita, e depois que esse modelo humano está criado, ele sai criminalizando todos aqueles que existem. Não estou dizendo que Tolstói tentou fazer isso; ele não tentou. Mas era um homem de uma ingenuidade imensa com relação ao potencial de isso acontecer. É claro que ele não tinha nenhuma pretensão revolucionária, não articulava nada politicamente – tanto é que o czar o deixou em paz; ele, pessoalmente, nunca foi perseguido pela polícia czarista, nada disso. Os que eram perseguidos eram o pessoal de uma seita que o filho dele encampou e levou embora, mas ele mesmo não. Achava-se que ele era, no fundo, um sujeito sem periculosidade nenhuma. Mas, no fundo, a visão de Tolstói, esse projeto de pureza cristã é o projeto perigoso que produz uma normatização do ser humano que merece viver, ou seja, produz uma prototipização, estereotipa o ser humano que tem direito à vida, e criminaliza todos os demais. E o sujeito que não for assim mesmo conforme descrito ali, quer dizer, quem não tiver renunciado a essas coisas todas aí, como ele queria que renunciasse, esse sujeito tem que ser perseguido pelo Estado. Então dentro disso existe, potencialmente, o próprio germe dos movimentos revolucionários. Tanto é que, não esqueçamos, que foi na Rússia que aconteceu o primeiro grande movimento revolucionário

bem sucedido – tinha havido na França em 1848 uma tentativa de golpe revolucionário, mas era um negócio tão amador, tão feito na base do "vamos sair na rua e ver o que acontece", que não deu certo. Onde foi a primeira experiência revolucionária que deu certo? Foi na Rússia, no começo do século XX, em 17 de outubro de 1917. Nesse dia instalou-se o primeiro governo revolucionário, baseado numa atitude tolstoiana – é Tolstói quem é a origem da atitude, embora ele não esteja na genética do movimento revolucionário – essa genética é marxista, é uma genética muito diferente. Mas no fundo, no fundo, ninguém mais útil para uma coisa dessas do que Tolstói. É claro, como ele tinha um discurso antimarxista, jamais seria visto com bons olhos pelo movimento revolucionário. Mas ele tinha morrido em 1910, quer dizer, não estava mais em questão. No entanto, a atitude que está aí, dentro do tolstoísmo, é uma atitude capaz de produzir este efeito, que é o efeito de criação do homem perfeito. Mas o homem não é nunca perfeito! E a única religião que funciona é aquela que parte do pressuposto de que os pecadores é que são o objetivo dela, porque, se todos fossem santos, não precisaria haver religião. O primeiro pastor, o primeiro padre foi Adão, porque antes de haver a queda, não precisaria haver religião, estava tudo ligado. A religião só é necessária quando se tem que ligar coisas que não existem mais.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Pois é, para Tolstói isso, então, é o fim, pois Deus não é vegetariano. Quer dizer, aí então é que fica difícil mesmo.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Bom, não sei sobre esse ponto exatamente, mas o esquema de Tolstói é muito simples. É assim: Olha, Deus é o pai de todos. Deus é o Criador, portanto, somos todos irmãos. Se somos todos irmãos, não há nenhuma razão para haver hierarquia entre nós. Então, a Igreja Católica ou a Igreja Ortodoxa são entidades de intermediação entre Deus e as pessoas, e as pessoas entre si também não teriam que ter hierarquia nenhuma. Então o que deveríamos fazer é ter uma vida completamente obcecada com a ideia de Deus, e fazer só isso. Tanto é que nesse livro aqui ele condena Shakespeare, condena Chaucer, condena Dante, condena todo o mundo e ele mesmo – ele é o primeiro da lista que acha que é um idiota, quer dizer, o Tolstói de *Guerra e Paz* e de *Ana Karênina* – e ele acha que tudo isso está errado porque é um desvio do objetivo humano, que é o objetivo de vivenciar a verdade religiosa. E a arte é apenas um meio pelo qual isso é impedido. Então ele faz aí comentários engraçadíssimos; ele põe uma porção de poesias dos simbolistas franceses, põe uma poesia e fala assim no final: "Alguém entendeu alguma coisa? Eu não entendi patavina, não sou capaz de entender essa porcaria; aposto que o autor também não entendeu nada". Faz então uma visão da arte moderna... Aliás, por coincidência, Ortega y Gasset tem um texto famosíssimo chamado *"A desumanização da arte"*, em que prega a mesma coisa: diz que o problema da arte moderna é que ninguém entende arte moderna, por isso é que ela era rejeitada quando ele escreveu – em 1920, por aí – talvez não tenha mudado muito de lá pra cá. Mas Tolstói acha que no fundo só se consegue permanecer fiel ao projeto humano quando você reduz, tira tudo que for capaz de desviar a sua atenção, os prazeres em geral: carne, fumo. Sexo não pode ter de jeito nenhum, nem no casamento – só para reprodução. Bebida, muito menos (abstêmio completo). Ou seja, acredita que uma vida modesta, humilde, em que você anda com roupa de camponês, em que você tem uma vida

completamente sem hierarquia, sem Igreja, é a única vida possível. Mas isso é a única vida possível para pessoas que não existem. Isso é possível sim, para alguém que tenha vocação ascética. Determinada pessoa tem a vocação para a vida monacal, para a vida no mosteiro, então está bom. É possível entender que um indivíduo qualquer seja capaz de se mudar para um mosteiro, vestir uma roupa velha, passar o resto da vida dormindo no chão e comendo comida bichada porque acha que isso é uma maneira de mortificar o corpo – é possível que uma pessoa assim adquira certo grau de santidade. E é bom lembrar que todos os fenômenos místicos cristãos estão de alguma maneira associados a esses fenômenos de mortificação do corpo, ao ponto de os céticos e materialistas julgarem que isso que se chama de fenômeno místico é uma reação química a um corpo martirizado – então, como não se concebe nenhuma espécie de vida espiritual, você julga que o sujeito judia tanto de si que começa a despirocar e voar, flutuar numa sala.

Mas é fundamental entender que para determinadas pessoas uma vida ascética pior ainda, mais grave do que essa que Tolstói propõe, pode ser viável. Pode ser, mas isso é uma escolha que pode ser feita por pouquíssima gente, porque é preciso um tipo especialíssimo de gente para poder fazer isso. No mais, estamos todos nós vagabundos, preguiçosos, absolutamente seduzíveis pelas tentações do mundo. O problema central é viver no meio dessa bagunça; e viver no meio dessa bagunça significa fazer o melhor que você pode – nunca exigindo de você uma perfeição que você não é capaz de ter – mas produzindo atos na sua vida que possam, de alguma maneira, agradar aos olhos de Deus. É por isso que, no fundo, o que você deve sempre imaginar é que a perspectiva da vida humana é assim: "Eu não presto, mas Deus me ama". Pois esta é a única perspectiva de salvação concreta e real para uma pessoa que não tem vocação ascética.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É que a esposa dele era uma pessoa normal e estava horrorizada com isso. Porque ela tem 13 filhos e acha estranhíssimo o marido pegar e entregar a propriedade da família pro asilo. Ah, a Praskóvia? É que nós estamos falando de duas coisas ao mesmo tempo, não é?

Tolstói não tem a Praskóvia em grande conta, porque, embora ela seja uma pessoa com comportamento muito comum – você acha pessoas assim o tempo todo –, ela não se sai bem no final, porque no final quem tem alguma compaixão real e verdadeira é Guérassim e o filho, só. E a mocinha, Ielisavieta, que é Elisabeth, está mais preocupada com o casamento – o pai morrendo, e ela preocupada com o casamento; não deixa de ter alguma justificativa, de alguma maneira. Mas o que Tolstói faz, meio panfletariamente – é preciso se admitir aqui – é simplificar um pouquinho as personagens. O problema da literatura panfletária é esse – não se trata aqui de literatura panfletária, mas esse é um livro que está no limite. É um livro maravilhoso, muito bem escrito. Mas o que é panfletário? Um dia fui ver uma peça de teatro – são todas assim, não é? Porque peça de teatro é sempre feita por adolescente, mesmo quando tem 50 anos. Então é um troço chato; por isso dou razão ao pessoal do *Casseta e Planeta*, quando era *Planeta Diário* e não estava na Globo. Eles vendiam umas camisetas engraçadíssimas, e uma dizia assim: *"Vá ao teatro, mas não me convide"*. Então a peça era adaptada de Nelson Rodrigues. Tinha lá dois cenários: um luxuoso e outro todo escangalhado. No luxuoso morava uma família burguesa. Tinha o pai, a mãe, e o filho que era um playboy, tinha um caso com a mãe. Entenderam como é que era? O filho era amante da mãe. E eles eram exploradores. Do outro lado, tinha a casa de um velho jornalista, que tinha ficado pobre, porque nunca tinha

aberto mão da verdade. E esse jornalista tinha uma filha muito bonita, que trabalhava numa fábrica. A fábrica pertencia ao capitalista, do outro lado. E aí, então, esse fulano, que é o filho, o playboy, está de olho na mocinha, mas a mocinha tem princípios morais, etc. Vocês compreenderam? Dá pra ser mais estúpido do que isso? Essas coisas são literatura panfletária. Vocês lembram aquela carta, no encontro sobre o livro *O Idiota* de Dostoievski, quando há aquela chantagem com Michkin, para que ele desse uma herança inexistente? A ameaça era divulgar um panfleto. Panfleto é uma história mentirosa, exagerada, em que se contam inverdades. E é isso. A literatura panfletária caracteriza-se por uma excessiva simplificação das personagens, porque, no fundo, as personagens da vida real são todas muito complexas, e não há nada que impeça que venha um ato bom de uma pessoa muito ruim; uma pessoa má pode gerar um ato bom.

Então Praskóvia é mais ou menos pintada como sendo essencialmente tão iludida quanto o marido era. É uma pessoa voltada para as coisas do mundo e, sem entender o porquê, ela continua vivendo uma agitação feroz, sem finalidade. E ela existe dentro de um contexto social, que é mais importante que tudo, e não tem relações afetivas verdadeiras com o marido. Tanto é que isso começou muito antes da doença. Não é uma coisa nova, já era uma questão anterior. Então Tolstói, quase beirando o panfletarismo, nos dá uma visão um pouco pessimista de Praskóvia – não é alguém que ele veja como uma pessoa muito boa. Na verdade, quem é bom é só Guérassim. A única pessoa nessa história que é realmente boa é Guérassim, porque ele, apesar de tudo, dedica-se com amor àquela tarefa de ajudar o doente, tem verdadeira consideração pelo doente.

Mas o que Tolstói no fundo queria era mostrar é que só a perspectiva da morte faz perceber o quanto tudo é sem sentido. E ele tem razão nisso, está coberto de razão, está totalmente certo. O que é essa história que vocês leram? É a transformação da morte de um homem comum num acontecimento extraordinário. É ou não é?

Isso que vocês leram é a transformação da história da morte de um homem comum num acontecimento extraordinário, que qualquer pessoa pode vivenciar a partir do momento em que compreenda alguma coisa. Porém, a compreensão só funciona retroativamente, da morte para trás, e nunca da vida para a morte, porque a morte, da perspectiva da vida, parece apenas um beco sem saída, parece um abismo à sua frente. É um automóvel que você tenta frear e não consegue, e que necessariamente irá mergulhar no abismo do nada. Pois se você deseja não vivenciar isso, é preciso reconstruir a vida a partir da perspectiva da morte, e se encarregar de jamais produzir nenhum ato que possa, confrontado com essa perspectiva da morte, ser de alguma maneira inabilitado, descaracterizado e impossibilitado.

ALUNA: (Faz comentário.)

PROF. MONIR: Todas as tradições religiosas que se prezam fazem isso. Traduzindo em termos filosóficos: a morte é a pedagoga da precariedade das coisas. Quer dizer, a morte é a pedagoga da precariedade desse mundo, é pra isso que ela serve, para tornar a precariedade desse mundo conhecida. Uma vez que a precariedade do mundo é conhecida, você já não tem o mesmo direito de fazer o que você quiser, porque aí você tem que produzir ações que não sejam precarizáveis pela morte – o que não quer dizer que você tenha que virar tolstoiano, porque isso é uma bobagem;

essa abordagem tolstoiana é uma besteira, tanto é que o *staretz* saiu corrido com Tolstói do mosteiro a bengaladas, quando ele apareceu lá dizendo que não tinha mais que divinizar Jesus Cristo. Ora, se você não diviniza Jesus Cristo, acabou o cristianismo, não há mais cristianismo nenhum. Isso que Tolstói pensa que é cristianismo primitivo, é nenhum cristianismo, é zero, é uma bobagem, não tem nenhum cabimento, acabou completamente o cristianismo; pois ele tinha mesmo que ser corrido com bengaladas, porque não tem nenhum sentido mesmo essa alternativa.

Muito embora Tolstói tenha errado – não sei como Deus irá julgá-lo, só Ele sabe –, não foi uma má pessoa; acho que ninguém vai para o inferno porque foi meio burro na vida, burrice acho que não é razão suficiente para condenar ninguém. Ele não foi maligno em nenhum momento, nunca pensou mal de ninguém, não era revolucionário, não era um sujeito que queria tomar conta do mundo. No fundo, no fundo, quando ele foge de casa com 82 anos, é porque talvez estivesse horrorizado com a perspectiva de alguém ser como ele...

Tolstói é esse sujeito que, embora tenha se equivocado profundamente, teve uma vida honesta consigo próprio, e esta vida honesta que ele tem consigo próprio é uma vida confessional, como a de Santo Agostinho. Vamos entender muito bem como funciona isso daqui a 20 dias quando nos encontrarmos de novo.

Com *A Morte de Ivan Ilitch*, ele quis dizer que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Portanto, isso que é tabu, de que ninguém fala, e que todo mundo teme comentar, é, no final das contas, a coisa mais importante que alguém pode fazer. Pensar na própria morte todos os dias é absolutamente imprescindível para poder viver melhor; não é possível viver melhor sem a perspectiva da morte. E isso não é só da morte física: é da morte do seu emprego, e de qualquer outra coisa que você viva. Talvez o emprego seja o melhor exemplo de todos – o melhor jeito de continuar arrumando-se no emprego é você imaginar, todo dia, que está na iminência de ser demitido. A morte do seu emprego é aquilo que tornará a sua vida profissional boa, bem feita e organizada. Não é possível fazer o contrário, porque se você pensar no final do emprego a partir da experiência da vida profissional, o final do emprego para você será uma espécie de abismo negro no qual você pode cair e nunca reaparecer – é o fim de tudo, mesmo.

Pois é a descoberta que faz Ivan Ilitch no final da história. Sob essa luz que podemos interpretar o que ele está nos dizendo, independentemente de qualquer especulação de natureza espiritista ou metafísica.

Muito obrigado a vocês!

ALUNOS: *(Aplausos.)*

O Senhor dos Anéis

Palestra do professor José Monir Nasser em 16 de fevereiro de 2008 em Curitiba.

O Senhor dos Anéis

Queria começar dizendo que a nossa obra de hoje foi escolhida com muito cuidado. Sempre houve uma expectativa de pessoas que frequentam o curso de entender melhor *O Senhor dos Anéis*. Essa obra sofre de um grande problema – não só ela, mas há muitas outras que são assim. Há um grande livro chamado *Moby Dick*, de Herman Melville. Possivelmente é o maior livro da literatura americana. No entanto, ninguém lê porque o autor teve a infelicidade de colocar este nome no livro. *Moby Dick* é um nome infantilizante. É um nome que, mesmo em inglês, dá a sensação de ser para um público infantil, juvenil. Então, as pessoas adultas não leem porque pensam que é literatura juvenil, e os jovens leem e não entendem patavina. Aí então o livro fica numa espécie de limbo de incompreensão. E é uma pena muito grande, porque *Moby Dick* é um livro maravilhoso. E *O Senhor dos Anéis* sofre também do mesmo problema. Ouvi comentários concretos dizendo que o livro é muito infantil e juvenil. E o livro, de fato, foi escrito para

um público mais juvenil. No entanto, é um dos maiores livros escritos no século XX. Há poucos livros tão importantes quanto este. Com alguns livros, há sempre uma dificuldade de você conseguir atenção para eles, porque acabam sendo carimbados de um certo jeito e ficam prisioneiros daquele carimbo, daquela aparência. Vocês verão que *O Senhor dos Anéis* é um livro extraordinário.

A mesma coisa não se pode dizer, por exemplo, de *Harry Potter*, porque é apenas um livro de aventuras infanto-juvenis, não tem valor literário maior. *Harry Potter* não entraria aqui no nosso programa porque não está no mesmo padrão de importância relativa, o que não quer dizer que não tenha mérito. Seguramente é uma história bem contada.

E nunca se esqueçam de Sertillanges, aquele velho jesuíta francês que escreveu um livro importantíssimo que vai ser editado pela primeira vez no Brasil este ano, chamado *A Vida Intelectual*. Ele diz que há três tipos de leitura. Há a **leitura de entretenimento**, aquela leitura que você empreende apenas com o objetivo de passar o tempo. É a leitura de *best-seller*, digamos assim, Sidney Sheldon e essas coisas aí. Há uma enormidade de autores que só querem que você passe o seu tempo fazendo alguma coisa. Entre eles está *Harry Potter*. É um modo de distrair. Há algum valor, seguramente. Há um segundo tipo de leitura que é a **leitura de informação**, que você faz ao ler um jornal, por exemplo. Historicamente, a leitura de informação é a leitura do jornal. Você quer saber como estará a temperatura no domingo. Você quer saber quais foram os números da Supersena ou o resultado do jogo. Nem o primeiro e nem o segundo tipos de leitura nos interessam aqui no programa *Expedições pelo Mundo da Cultura*. A única leitura que nos interessa aqui é o terceiro tipo, chamado **leitura de formação**. É aquela

em que o sujeito sai modificado. Quer dizer, você não ficou só gastando o seu tempo lendo, mas alguma coisa aconteceu com você. Você percebeu alguma coisa sobre o mundo que será de uma utilidade extraordinária, na medida em que a sua vida real e concreta produza situações equivalentes àquela. É esta a leitura que nós fazemos aqui no *Programa SESI*.

Eu queria deixar também claro que a metodologia de leitura de entretenimento se parece muito com um deslizar sobre patins no gelo. Você desliza na história. É uma coisa superficial e rápida. Tão superficial que, se você perguntar para a maioria das pessoas que fazem esta leitura, depois que leem o livro elas não se lembram mais nem mesmo do título. É muito comum o sujeito não lembrar mais o que leu durante 10, 12 horas. E a leitura que estamos ajudando a desenvolver com o *Programa SESI* é uma leitura de profundidade. Que se parece com uma prospecção de geologia, de petróleo – a gente faz um buraco na obra adentro. A diferença essencial é essa: para você poder transformar aquele livro numa coisa realmente útil para a sua vida, é preciso não deslizar sobre a obra, mas fazer perguntas e produzir, então, uma compreensão profunda da obra – que é aquilo que imaginamos poder ajudar a fazer aqui. Muito embora – vocês compreendem – nossas possibilidades sejam pequenas, porque temos só essas míseras 4 horas com vocês. O que significa, também, que embora eu saiba das dificuldades concretas de leitura que todo o mundo tem, queria dizer que é bom ler o livro. O resumo resolve em parte, mas o resumo nunca é igual ao livro.

Esse não é um livro fácil de aconselhar. Não é um livro muito prático, é grande. Mas há outros livros que podem ser lidos em duas horas – alguns desses estão listados no nosso programa. Então, é muito melhor ler o livro. Se você não leu o livro ainda, depois do curso fica mais fácil ler. Alguns livros

ficam facílimos quando você lê depois do curso. *A Montanha Mágica*, por exemplo. A minha estatística é a seguinte: a cada dez pessoas que tentam escalar *A Montanha Mágica*, umas oito param no caminho e não sobem. Das duas que sobem, uma não entende patavina e a outra entende mais ou menos. Um livro como esse é muito mais fácil de ler depois de você fazer o programa. Mas *A Montanha Mágica* foi no passado. Não vamos ter repetições, em princípio, neste programa. De vez em quando faço uma ou outra reapresentação por aí, nessa ou naquela instituição. Mas o programa oficial do SESI só repete os livros em Paranavaí e em Londrina, nas outras duas cidades do interior onde o programa acontece numa base mensal, e não quinzenal como é aqui em Curitiba.

Muito bem! Queria convidá-los para dar uma olhadinha na história do autor. Vocês receberam uma cronologia. Queria logo ir fazendo uma advertência quanto a isto aqui, porque há sempre três maneiras de você olhar para um livro, três abordagens críticas de um livro. A primeira chama-se biografismo, inventado pelo francês Sainte-Beuve, que no século XVIII foi o maior de todos os críticos literários do mundo, um crítico literário extraordinário. O biografismo é a ideia de que a gente entende o livro quando entende a vida do autor. E isso é coisa de uma periculosidade extrema, é aquilo que se chama em tecnologia de segurança de ato perigoso. Não quer dizer que você vai ter um problema, mas é aquilo que se chama em fábrica de ato perigoso, de ato imprudente. Porque o autor não necessariamente estabelece sua própria vida no livro. É claro que é muito difícil você encontrar um autor que não tenha deixado a obra se contaminar com alguma coisa da sua vida pessoal, mas não há nenhuma garantia de que você está falando da própria vida do sujeito. Se você se prende a esta ideia da biografia do autor, o que acontece em seguida é que você sai interpretando a obra, tentando fazer

a obra caber dentro do autor. Quer dizer, em vez de entender o livro, você fica entendendo o autor. Entenderam o problema disso? Esta abordagem de Sainte-Beuve, o biografismo, foi depois muito piorada com o advento da psicanálise. Com a psicanálise, o negócio virou uma verdadeira obsessão. Porque agora se conseguia explicar tudo, tudo, tudo pela compreensão das relações afetivas do autor. Então, com a psicanálise, no final do século XIX e começo do século XX, o biografismo adquiriu uma dimensão muito maior. Não é uma boa ideia. Mas não quer dizer que a gente não possa olhar um pouquinho para a vida do autor.

As outras duas abordagens críticas são a abordagem basicamente anglo-anglicana, que é a abordagem esteticista, em que você olha para a obra sob seu ponto de vista formal, de forma literária. É a abordagem de Matthew Arnold, que foi talvez o maior crítico literário do século XIX. E, por último, a abordagem que preferimos aqui, que é a conteudista. No fundo, no fundo, queremos responder a uma única pergunta: o que é que este livro quer nos contar? Ponto! Independentemente de quem tenha sido o autor, independentemente da forma literária. Parece-me que é a atitude mais útil de todas. Claro que se vocês fossem todos estudantes de letras, iriam querer ter satisfeitas outras exigências, outras preocupações. Mas não é o caso do nosso público, que é muito diversificado. Há pessoas de todas as formações aqui.

Mas não custa nada olhar para Tolkien e entender como esta obra nasceu. J.R.R. Tolkien nasceu em 1892, no dia 3 de janeiro, portanto é um legítimo capricorniano, que é uma das razões da sua genialidade, aliás.

ALUNA: *(Pergunta o signo do professor.)*

PROF. MONIR: Eu sou de câncer! Que mentira, hein?

John Ronald Reuel Tolkien nasceu na vila de Bloemfontein – esse é um nome africâner, não inglês; é holandês, mais ou menos modificado –, na África do Sul. Filho de Arthur e Mabel Tolkien. Uma família inglesa anglicana, expatriada por causa do emprego de Arthur Tolkien no Bank of Africa. O pai do Tolkien foi trabalhar na África, num banco. Então, a família foi para a África, mas eles não eram africanos, no sentido cultural. Eram ingleses expatriados.

Ele teve apenas um irmão, Hilary Arthur – em inglês o nome Hilary é o mesmo, para homem ou para mulher. Em 1896 a família já tinha voltado pra Inglaterra. O pai ficou e morreu de febre reumática. John Ronald era muito pequeno, tinha quatro anos. E a família já tinha voltado para Birmingham, na Inglaterra. Em 1900, a mãe Mabel torna-se católica contra a vontade da família. O avô de Tolkien ficou furioso. Em retaliação, cortou a ajuda financeira que dava à mãe e a vida da família ficou muito ruim. Mais tarde o próprio Tolkien também irá se converter ao catolicismo, mais ou menos como um ato de solidariedade à mãe. Em 1904, Mabel Tolkien morre de diabetes aos 34 anos, portanto com muita precocidade. John Ronald e o irmão são instalados pelo padre espanhol Francis Xavier Morgan numa espécie de pensão. Esse padre assumiu os dois meninos como se fossem filhos dele. Tolkien reservou a este homem uma gratidão perpétua, eterna. Foi mais ou menos quem salvou a vida dos dois meninos. No começo os dois moraram na casa da tia Beatriz, mas nessa pensão da Rua *Duchess* – Duquesa – Tolkien conheceu a sua futura mulher. Tolkien sempre disse que Morgan era um segundo pai e que havia lhe ensinado o significado da caridade e do perdão.

Em 1908 Tolkien conheceu Edith Bratt, com quem começa a namorar escondido. O padre descobre e faz um acordo com o menino de que ele não poderia namorar enquanto não tivesse 21 anos, enquanto não estivesse voltando da universidade. E o padre conseguiu uma bolsa de estudos para o menino pobre em Oxford, o que era uma coisa muito importante. E Tolkien, então, cumpriu este acordo rigorosamente. Correspondeu-se com Edith por um tempo, mas era uma correspondência muito dispersa. Quando atingiu os 21 anos e voltou com a possibilidade de casar com ela, ela estava noiva de outro homem. Então Tolkien realmente cumpriu o acordo que tinha com padre Morgan. Na universidade, em 1910, ele obtém bolsa para a faculdade Exeter, de Oxford, onde estuda literatura, mas se interessa mesmo por filologia e mitologia nórdica. Para quem não sabe, filologia é o estudo das línguas. É o nome antigo da palavra linguística. Linguística é uma expressão moderna criada por Ferdinand de Saussure. Mas antes de haver linguística, existia a filologia, que era o estudo de todas as línguas antigas. Quem é que conseguiu arrumar todas aquelas obras gregas? Foram os filólogos alemães, que fizeram aquele esforço gigantesco para organizar todas a obra dos gregos, a obra do Oriente. Filologia é uma coisa de importância extraordinária. E é isso que Tolkien estuda.

Em 1913, na noite do seu vigésimo primeiro aniversário, Tolkien escreve a Edith pedindo-a em casamento. Embora já estivesse comprometida com outro, ela concorda. Também a converteria ao catolicismo. Em 1914 começa a Primeira Guerra Mundial, em que morrem todos os amigos íntimos de Tolkien, menos um não nomeado. Em 1916 John Ronald casa-se com Edith e parte para o front. É acometido por uma doença comum na época, febre das trincheiras. Volta, fica num hospital e acaba não indo de fato para a guerra. E nessa estadia no hospital ele inventa a história de Beren e Lúthien para *O*

Livro dos Contos Perdidos, que mais tarde passou a se chamar *Silmarillion*. Esse é o nome moderno que acabou tendo o livro que ele começou no hospital.

Em 1917 nasce o seu primeiro filho, John, que viraria padre mais tarde. Em 1920, o segundo filho, Michael, que é o filho que aparentemente depois assume os assuntos do pai. Em 1922, no mesmo ano em que no Brasil haveria a Semana de Arte Moderna, Tolkien trabalha com E. V. Gordan no livro *Sir Gawain & the Green Knight*, baseado em lendas do folclore inglês. Então, enquanto aqui no Brasil fazíamos uma semana de arte moderna, Tolkien fazia a sua semana de arte antiga lá na Inglaterra. Reparem que há um contraste enorme entre estas duas coisas. Em 1925 torna-se professor de anglo-saxão em Oxford, e será professor até 1945. Em 1924 nasce Christopher, seu terceiro filho, e publica aquele livro que ele havia escrito com o outro.

Em 1926 começa a amizade com C. S. Lewis, o autor das *Crônicas de Nárnia*. C. S. Lewis era agnóstico. Agnóstico é o sujeito que acha que não tem capacidade de entender Deus. Então, o agnóstico é de todos os chatos o pior. Os ateus são muito divertidos, porque acabam sendo muito úteis. Para ser ateu, você tem que ser muito otimista, porque o sujeito só pode declarar que não existe Deus se tiver o conhecimento da totalidade da realidade. Se você não conhece a realidade inteira, como é que você pode declarar isso? Então, o sujeito que é ateu tem pretensões de conhecimento muito grande. Os ateus na prática acabam sendo muito úteis, porque ao ficarem argumentando em favor do ateísmo, acabam descobrindo coisas muito interessantes. O agnóstico, não. É um sujeito chato e preguiçoso, que não quer nem começar a pensar no assunto. E C. S. Lewis era agnóstico. Dizia que

não era capaz de entender o mundo, nem Deus, nem o transcendente. Por influência de Tolkien, acaba deísta, ou seja, alguém que acredita em Deus, mas não necessariamente no Deus cristão, por exemplo. Deísta é alguém que acredita na existência de um ser criador. E depois Tolkien o transforma em cristão de fato. Então, este foi, além da mulher, outra vítima positiva do proselitismo de Tolkien.

Em 1929 nasce Priscila, a filha mais nova e última. Em 1931 é formada a sociedade *The Inklings*. *The Inklings* são "Os Tinteiros", alguma coisa assim, "Os Escrivinhadores". Vem de *ink*, que é tinta. Envolvendo, entre outros, Charles Williams, um estudioso do ciclo arturiano. Para quem não lembra, o ciclo arturiano são todas aquelas histórias em torno da demanda do Graal. *O Graal* é uma história mitológica pela qual é feita a cristianização da religião nórdica europeia antes de Jesus Cristo. O Graal é um símbolo, é um processo da cristianização do norte da Europa. O ciclo arturiano conta esta história em torno do rei Arthur e os 12 cavaleiros da Távola Redonda e do romance entre Lancelot e Guinevere.

Depois de uma conversa com Tolkien no dia 19 de setembro, o escritor C. S. Lewis compreendeu o cristianismo e se converteu. Na verdade, Tolkien contou para ele que o cristianismo era um mito verdadeiro. Quando ele entendeu que era um mito verdadeiro, converteu-se automaticamente. Vocês vão entender bem o que significa isso, mas vão ter que esperar até o fim desse nosso esforço aqui. Então, daqui a pouquinho conto pra vocês.

Em 1936 começa a escrever *O Senhor do Anéis*. Terminaria em 1949. Em 1937 publica *O Hobbit*, grande sucesso de vendas. Quer dizer que *O Hobbit* foi escrito antes de *O Senhor dos Anéis*. Em 1939 começa a Segunda Guerra

Mundial, para a qual são convocados dois filhos de Tolkien, Michael e Christopher. Em 1945 torna-se professor de literatura em Oxford. Exerceria essa cátedra até 1959, quando se aposenta. Em 1949 termina de escrever *O Senhor dos Anéis* e publica *Mestre Gil de Ham*.

Em 1950 C. S. Lewis publica o primeiro volume de *As Crônicas de Nárnia*, cuja publicação iria até 1956. Tolkien julga a obra alegórica demais. E isso está aqui por razões muito importantes. Porque Tolkien não gostou do livro. E por que ele não gostou? Porque o livro é alegórico demais. Significa que o livro é óbvio demais, quer dizer, ele é uma maneira disfarçada de contar uma história real. Aquilo que se chama em literatura de *"roman à clef"*, que é uma história real que alguém vivenciou. Se você pegar a história da sua família e mudar os nomes, você escreveu um *roman à clef*. É uma maneira ótima de arrumar uns inimigos para o resto da vida, porque, obviamente, todo mundo demora 15 minutos para descobrir quais são os nomes verdadeiros. Não é recomendado para quem gosta de ter amigos. Mas para quem está querendo encrencar com o mundo... Thomas Mann fez isso, escreveu *Os Buddenbrooks*, que é a história da família dele. A família ficou furiosa. Há inúmeros livros assim. Zola, com aquela história de fazer livros realistas, fez inúmeras vezes isso e em um deles botou lá um pintor canhestro, um pintor que era uma porcaria de um pintor, que não sabia pintar, e que só pintava porque o pai banqueiro tinha deixado para ele um dinheirão – exatamente a biografia de Cesarium que, por sua vez, nunca mais trocou uma palavra com Zola pelo resto da vida. Eu também não trocaria, se fosse eu. Bom, então o que Tolkien acha é que a história deste livro chamado *As Crônicas de Nárnia* é óbvia demais. Ele não gosta por causa disso. Isso pode parecer sem importância agora, mas daqui a pouquinho vai ficar bem importante pra gente entender a história do *Senhor dos Anéis*.

Esqueci-me de falar para os novos que tem uma regra básica no curso, que é proibido não entender. Porque, para discordar, tem que entender. Então, discordar pode à vontade, mas não entender é proibido. Toda vez que eu disser alguma coisa que parecer estranha, tenho o maior prazer de explicar. Procuro nunca falar palavras estranhas. Quer dizer, é possível conversar sobre qualquer assunto numa linguagem normal, que é a ideia central daqui. Mas se alguém não entender, por favor, é só me perguntar. Não tem pergunta proibida.

Em 1954 foram publicados, de julho a novembro, os dois primeiros volumes de *O Senhor dos Anéis*. Em outubro de 1955 foi publicado o terceiro volume. Houve uma grande polêmica editorial sobre isso. Porque é claro que a publicação da obra num volume só é muito melhor, sob o ponto de vista do leitor. Você tem um livro só, acaba sendo melhor. Mas sob o ponto de vista editorial, é mais vantagem fazer em três volumes: você garantidamente vende os três, pois ninguém vai deixar de comprar a continuação. Houve aí, então, uma grande polêmica. Acabou-se tomando esta decisão e o livro foi lançado em 3 volumes em primeiro lugar. Hoje tem as duas opções. No Brasil você compra na forma de um livro só ou na forma separada em três volumes.

Em 1963, publica *Tom Bombadill*. Em 1964, *Tree and Leaf*. Em 1965 publica *Sobre Histórias de Fadas* na Grã-Bretanha. A editora Ace Books publica, nos Estados Unidos, uma grande edição não autorizada da obra. Havia lá na legislação de direitos autorais americana um determinado trecho dúbio, ambíguo, e esse pessoal resolveu copiar o livro sem pedir licença. Lançaram 150 mil exemplares, vendendo o livro em formato de bolso, por pouquíssimo dinheiro – alguma coisa como 5 dólares de hoje. E aí, em

seguida, é lançada pela Ballantine Books a edição oficial. O somatório das duas edições popularizou a história no crescente movimento contracultural americano, na década de 60. E Tolkien, desgostoso, muito magoado, vê o seu livro transformar-se num manual de "hippologia". Quer dizer, acabaram com o sossego do homem, porque os hippies acampavam no quintal da casa dele, para ele entregar a erva que tinha fumado quando escreveu o livro. Queriam que ele dissesse o que o Frodo fumava naquele cachimbo. Então Tolkien, muito desgostoso com essa situação, acabou tendo que mudar. Mudou meio escondido com a mulher para Bornemouth, uma outra cidade, para escapar daquele assédio dos hippies em relação a ele. Tudo o que ele não queria na vida. Porque ele achava que tinha escrito uma obra cristã, e tinha se transformado em manual de fumar maconha.

E, ainda em 1967, publica *Smith of Wootton Major*. Em 1971 morre Edith aos 82 anos. Edith era dois anos mais velha do que ele. Ele se muda, então, para um apartamento na Universidade de Oxford. No dia 2 de setembro de 1973 morre numa viagem de recreio a Bournemouth. A seu pedido, na lápide do cemitério Wolvercote consta o cognome de Beren para si e de Luthien para Edith. Então, estão lá os nomes dos dois, e os cognomes, os apelidos, dessas duas personagens, a pedido dele. Porque esse foi um sujeito que teve um romance só na vida, um enorme romance, extremamente bonito. Um único grande romance na vida com Edith.

E assim, tendo feito este pequeno início - vocês certamente não se impressionaram com os aspectos biográficos porque, se eles estão presentes na obra, nada nos garante que estejam presentes totalmente. Não vamos cair nessa armadilha de imaginar que a obra é autobiográfica porque seria muito estranho se fosse, né? E vamos tentar entender agora a história. É

uma história muito longa. Acho que a maioria das pessoas que estão aqui, no lugar de ler o livro viram os filmes. Os filmes são razoavelmente fiéis à obra original. Se você fizer um estudo, tem mais ou menos 20 coisas que foram mudadas pelo cinema. Vinte situações que não estão no livro, que foram inventadas no cinema ou modificadas, sempre por razões comerciais, para tornar o filme mais palatável para o público médio. Possivelmente Tolkien não teria concordado com elas se vivo fosse. Mas, depois de todos esses anos, você tem um menor policiamento sobre aquilo. Em todo o caso, o filme não é infiel. É um filme muito bonito. O que acontecerá com aqueles que viram o filme e não leram o livro, é que algumas passagens da história lhes parecerão um pouco diferentes.

A pessoa que fez esse resumo é o meu sobrinho Tomaz Nasser Appel, que não chegou ainda, mas deve vir daqui a pouquinho. Fez um grande esforço para resumir. Ele é um admirador desta obra em especial. Depois vocês o cumprimentam, quando ele chegar mais tarde.

Nós vamos ter aqui este ano a maior parte das vezes um leitor oficial. A nossa leitora oficial é a Clara, que não pôde vir hoje. Então, vamos fazer na sequência como sempre, pelo menos hoje de novo. Começando aqui pelo Jorge, por favor.

E vamos ler esta história até o ponto em que for possível, porque não vamos conseguir ler as 30 páginas. Terei que eventualmente explicar uma coisa ou outra. Faremos o máximo possível. Quando chegarmos num determinado momento, eu continuo e faço o resumo para vocês, e a gente então vai para o debate que, afinal de contas, é imprescindível.

Tolkien criou uma mitologia. É claro que ele não criou uma mitologia do nada. Ele aproveitou elementos mitológicos nórdicos, do norte da Europa, ingleses, galeses... Era especialista em galês, o idioma celta que hoje ainda é falado, em termos, na Irlanda, por exemplo. Ele aproveitou todas aquelas mitologias existentes e a partir delas criou um vocabulário próprio. Fez um trabalho tão extenso que há quem fale élfico, por exemplo. Tem gente que estuda élfico. Tem gente que põe no seu anel de casamento uma inscrição na língua que está em *O Senhor dos Anéis* – nas diversas línguas daquele mundo que Tolkien inventou.

Vocês encontrarão as mesmas personagens em todas as outras histórias de outras fontes, exceto uma meia-dúzia. Os tróis são relativamente comuns, os elfos, os anões, esses existem, mas há muitas diferenças. É preciso entender que aqui há uma boa dose de imaginação do próprio Tolkien. Preparados, então? Vamos lá.

Resumo da Narrativa

Introdução

O Senhor dos Anéis está dividido em seis livros (cada um deles contendo cerca de dez capítulos) originalmente publicados em três volumes (cada um deles com dois livros): A Sociedade do Anel, As Duas Torres e O Retorno do Rei. A história passa-se no fim da Terceira Era da Terra-Média (ou Terra do Meio),

PROF. MONIR: Pessoalmente acho equivocada a tradução como "Terra Média" – *"Middle-earth"*, no original. Porque aí o sentido de médio não é no sentido de *average*, mas de meio, mesmo. Agora talvez não fique muito fácil explicar porque é assim, mas depois a gente pode voltar neste ponto, se vocês quiserem. Eu teria traduzido como "Terra do Meio", e não como "Terra Média". Como está assim na única tradução brasileira que existe – aliás a tradução dos nomes todos foi feita pelo filho do meu otorrinolaringologista; esse de sobrenome Kisme é filho de um médico aqui de Curitiba, e é o tradutor da parte poética dos nomes, ou seja, o sujeito que adaptou aquelas línguas que são inventadas. Então Terra Média me parece um equívoco, mas não nos preocupemos com isso porque afinal é apenas um nome. Eu teria feito diferente. Continuamos.

um dos mais importantes continentes de Arda, o mundo mítico criado por Tolkien. O primeiro volume conta a história da descoberta do paradeiro de um artefato de grande poder, o chamado "Um Anel", há muito perdido, e da batalha que se desenvolve em torno dele. Visando enfrentar o inimigo comum, Sauron ou o Senhor dos Anéis, representantes dos povos livres do Oeste da Terra-Média reúnem-se em um conselho no qual decidem destruir o Um Anel e confiam a tarefa a Frodo Bolseiro, o hobbit protagonista da história.

PROF. MONIR: Nessa terra aí existem determinados povos, basicamente os hobbits, que são pessoas pequenas e, no entanto, não são anões, são apenas pequenos. Há os anões propriamente ditos, há os elfos e os seres humanos. Todo esse mundo é dividido por um rio. Do lado direito do rio está o leste, onde estão os maus e, do lado esquerdo do rio, o oeste, onde há a concentração dos heróis da história. Então, todos os heróis moram do lado esquerdo, e não do lado direito. Quando se fala aqui em oeste e leste, está se falando deste contraste entre esses dois grupos aí. Continuamos.

Para acompanhá-lo, é formada a Sociedade do Anel, cujo desmembramento marca o fim do primeiro volume. O segundo volume narra o destino de Frodo e dos demais membros da sociedade depois de separados, envolvidos em inúmeras batalhas contra o Senhor dos Anéis (que ocorrem ao redor das torres de Orthanc e Barad Dûr), no que veio a ser a chamado de a Guerra do Anel. O terceiro volume narra o fim da Guerra com a derrota do Senhor dos Anéis, marcando a restauração do maior reino dos homens do Oeste e o fim da chamada Terceira Era mítica na Terra-Média, com a partida dos elfos e a ascensão dos humanos.

PROF. MONIR: Que é quando termina a história. Acabou de chegar o Tomaz, depois vocês conversam com ele. Está ali o Tomaz, que é o nosso resumidor da história.

O Senhor dos Anéis ou Sauron (um antigo servidor de um deus maligno chamado Melkor, cuja derrota marcou o fim da chamada Primeira Era da Terra-Média) é assim chamado por ter, durante a Segunda Era, tentado conquistar o continente criando um anel mágico capaz de controlar outros anéis, forjados por poderosos ferreiros élficos, em parte por estímulo do próprio Sauron. Mas dentre os dezenove mais poderosos anéis (chamados de Grandes Anéis, distribuídos por Sauron para os representantes dos três principais povos habitantes da Terra Média), apenas nove (aqueles entregues aos homens) surtiram o efeito desejado e Sauron não se tornou poderoso suficiente para vencer os exércitos unidos do Oeste na grande batalha que marcou o fim da Segunda Era, com a morte dos principais líderes guerreiros dos elfos e dos homens. O Um Anel, todavia, não foi destruído, mas perdido.

A Terceira Era é um tempo de tensão e de medo, no qual os povos do Oeste encontram-se em decadência e Sauron, embora também enfraquecido, tenta recuperar sua forças, precisando do Anel desaparecido para obter sucesso.

As transcrições da obra foram retiradas da edição em três volumes, donde a respectiva paginação.

PROF. MONIR: Toda a transcrição indica a página de onde veio só para quem tem os três volumes separados. Para quem tem um volume só, não bate essa numeração aqui. Então, se vocês compreenderam bem, Tolkien divide a vida dessa sociedade mítica que ele criou em quatro eras: a era que vai começar depois que o livro acaba; a era cujo final ele relata. E ele faz menções à primeira e segunda eras também. A ideia de dividir em quatro eras não é incomum. É assim que todas as grandes tradições místicas dividem o mundo. São os quatro *yugas* do hinduísmo, por exemplo. São as quatro eras – ouro, prata, bronze e ferro da religião greco-romana. Tolkien é um sujeito erudito. Não é um fulano que fez esse negócio num transe. Ele sabe tudo isso. Então ele irá, na medida do possível, utilizar a tradição que já existe. Não irá inventar a estruturação do assunto. O que há aí é o final da terceira era, e o início da quarta. Do ponto de vista comparativo com as tradições, estamos no final da quarta era. Todas as tradições nos dirão que a idade atual do mundo é o *Kali Yuga* ou a Era do Ferro. Estamos aqui hoje no final da quarta era. Portanto, o que estamos vivendo é o final daquilo que começaria quando acaba a história de *O Senhor dos Anéis*. O que ele vai nos contar é como é que a terceira era termina.

A personagem má é Sauron, que é uma entidade maligna e a personagem heroica da história chama-se Frodo Bolseiro, que é um hobbit. Vocês já

devem ter percebido – fazendo aquela leitura de profundidade – que há um contraste entre um extraordinariamente poderoso feiticeiro, um ser de poderes muito grandes, e um pequeno hobbit, que é quase menos que um anão, um sujeito pequeno, sem poderes. Esses são os dois que estarão em luta durante todo o tempo: Frodo e Sauron.

E começa o primeiro comentário.

Prefácio

O livro não é nem alegórico nem se refere a fatos contemporâneos. (pág. 14)

PROF. MONIR: Porque ele não quer escrever um livro como C.S. Lewis escreveu. Ele não quer que vocês pensem, por exemplo, que Sauron é Hitler, que os hobbits são os ingleses. Um interpretação alegórica seria mais ou menos assim. Ou seja, seria disfarçar a história contemporânea com figuras ficcionais. Ele acha que esse é o defeito de C.S. Lewis e ele não iria fazer igual. Então nós não vamos nunca debater essa alegoria aqui porque logo no começo o próprio autor está dizendo que não está interessado em fazer alegoria nenhuma. Compreenderam o que é uma alegoria? Ele não faz isso. A obra não é alegórica. Ele está dizendo que não é. Então nós não vamos por este caminho, porque este caminho parece sem futuro.

Prólogo

O prólogo introduz a história, a geografia e os costumes dos hobbits e de sua terra, o Condado. O Livro Vermelho do Marco Ocidental é apresentado como fonte principal da história. O livro teria começado a ser escrito por Bilbo (o

primeiro hobbit a ficar famoso e protagonista de O Hobbit, obra anterior de Tolkien) e terminado pelo próprio Frodo Bolseiro, o herói desta história.

PROF. MONIR: Esse Bilbo é parente do Frodo. É tio dele. Tem aqui uma coisa importante. De modo geral considera-se esta obra como continuação da obra *O Hobbit*, o que não é rigorosamente correto. Na verdade, *O Hobbit* é anterior a *O Senhor dos Anéis*, mas *O Senhor dos Anéis* tomou uma dimensão muito diferente de *O Hobbit*. Então não são obras sequenciais, rigorosamente falando. Embora dentro de *O Hobbit* exista muita coisa que explique um pouco melhor *O Senhor dos Anéis*, não são exatamente um continuação do outro. Isso é importante saber para quem pretende depois estudar melhor isso.

Os hobbits são um povo provinciano e tímido, sem grande interesse pelo mundo externo ao Condado. A maior contribuição dos hobbits à cultura, dizem, teria sido a criação da erva de cachimbo.

ALUNO: *Cadê a erva?* (Risos.)

PROF. MONIR: É por isso que o pessoal queria saber do Tolkien "cadê a erva".

São pequeninos e gulosos, e nunca usam sapatos pois seus pés são peludos e possuem solas muito resistentes.

PROF. MONIR: No filme usam, mas não vamos ficar aqui fazendo menções comparativas, não é? Mas os hobbits, em princípio, não usam sapatos.

Aqui também é resumida a história das aventuras do hobbit Bilbo Bolseiro, de como ele encontrou um anel nas profundezas de uma montanha, tomando-o

numa competição de charadas da criatura chamada Gollum e de como descobriu que com ele podia tornar-se invisível.

PROF. MONIR: Tudo acontece em torno desse tal de anel, um dos dezenove anéis que Sauron havia produzido junto com ferreiros élficos, sendo que esse é um anel de poder extraordinário. Havia sido retirado da mão de Sauron. Um sujeito chamado Isildur cortou a mão de Sauron e ficou com o anel. Isso tudo aconteceu 3.000 anos antes da história que estamos lendo aqui. Durante 2.500 anos este anel esteve perdido no fundo de um lago. Aí 500 anos [antes da história], essa criatura chamada Gollum, que não se chamava assim naquela época, [havia achado] o anel e muitos anos depois, 60 anos antes da história mais ou menos, esse Bilbo Bolseiro – que é o tio do herói da história – conseguiu tomar o anel para si. Não sabendo, nem ele Bilbo, e nem o Gollum, quanto poder tinha o tal do anel. Mas Sauron, que ficou adormecido durante quase 3.000 anos, está recuperando suas forças e quer novamente tomar conta do mundo, e para fazer isso ele precisa recuperar o anel. A história toda que vamos ler agora trata dessa polêmica em torno de Sauron tentando pegar e Frodo tentando não entregar. Sob o ponto de vista narrativo é uma história muito simples. Claro que ela tem muitas reentrâncias, mas no fundo esse é o coração da história. Muito bem!

Livro I

Capítulo 1: Uma Festa muito Esperada

Passados 60 anos desde sua grande aventura (contada em ***O Hobbit***), Bilbo Bolseiro tornou-se famoso por sua riqueza, extravagância e longevidade, bem como pelo fato de receber visitas de anões e elfos, o que era incomum no

Condado. Mas há muito que Bilbo deseja partir novamente, rever as montanhas "e encontrar algum lugar onde possa descansar. Em paz e silêncio, sem um monte de parentes se intrometendo e uma fila de malditos visitantes na porta. Preciso encontrar um lugar onde possa terminar meu livro. Pensei num bom final para ele: e ele viveu feliz para sempre."

PROF. MONIR: O Bilbo quer ir embora. Ele está ficando muito velho e quer ir embora.

Para comemorar seu 111º aniversário, juntamente com o 33º aniversário de Frodo, seu sobrinho e herdeiro, o velho Bilbo decide dar uma grande festa, para a qual muitos são convidados, incluindo o mago Gandalf, o Cinzento, que "usava um chapéu azul, alto e pontudo, uma longa capa cinza e um cachecol prateado. Tinha uma longa barba branca e sobrancelhas densas que sobressaíam da borda de seu chapéu" e trouxe muitos fogos de artifício. Após seu discurso, em que anuncia sua intenção de partir do Condado, Bilbo coloca o Anel no dedo e desaparece, causando grande espanto.

Antes de partir, Bilbo questiona Gandalf sobre a invisibilidade e outros poderes proporcionados pelo Anel, e deixa claras as exatas circunstâncias em que o encontrara. Bilbo deixa tudo que possui para Frodo, mas hesita na hora de entregar-lhe o Anel, dizendo:

> – Eu o achei. Ele veio até mim.
> – Sim, sim - disse Gandalf – Mas você não precisa ficar furioso.
> – Se estou furioso, a culpa é sua - disse Bilbo. – Ele é meu, estou dizendo. Meu. Meu precioso. Sim, meu precioso.

> O rosto do mago permaneceu grave e atento, e apenas uma faísca nos olhos profundos demonstrou que ele estava assustado e na verdade alarmado.
> – Ele já foi chamado assim antes – disse ele. – Mas não por você. (pág. 25)

PROF. MONIR: Quem chamava o anel assim era o tal do Gollum, que dizia: "*My precious*". O monstrinho do filme é que falava assim. Quer dizer, esse anel, nós ficamos sabendo pela primeira vez – é claro que vocês todos sabem isso – tem poderes extraordinários de atração para quem o mantém. Quer dizer, a pessoa que o mantém, muito embora não saiba para que ele serve, tem uma tendência a não querer cedê-lo para ninguém. É o que acontece com Bilbo, que está se despedindo do Condado, deu tudo o que tinha para o herdeiro, que é o Frodo, e não quer largar o anel. Porque o anel tem algum magnetismo especial. Muito bem!

Bilbo, alterado, acusa Gandalf de querer roubar o Anel, mas logo volta a si e acaba convencido por Gandalf a deixar o artefato com Frodo.

> – Sinto muito! – disse ele – Mas me senti tão estranho. E apesar disso seria de certo modo um alívio não ter mais de me preocupar com ele. Ele cresceu na minha mente nos últimos tempos. Às vezes eu sentia que ele era um olho me vigiando. Estou sempre sentindo vontade de colocá-lo e desaparecer, sabe... E me perguntando se ele está a salvo, e tocando nele para ter certeza. Tentei trancá-lo, mas descobri que não podia descansar sem ele no bolso. Não sei por quê. Parece que não consigo me decidir. (pág. 26)

PROF. MONIR: Vocês percebem o quanto esse anel é uma coisa poderosa, não?

Capítulo 2: A Sombra do Passado

Passa-se período de cerca de dezessete anos em que Frodo raramente encontra Gandalf e torna-se próximo de certos hobbits mais jovens que ele, como Peregrin Tük e Merry Brandebuque. Durante este tempo, adquire "o costume de vagar até mais longe, na maioria das vezes sozinho" e "frequentemente era visto andando e conversando com os estranhos andarilhos que tinham começado a aparecer no Condado nessa época. Havia rumores sobre coisas estranhas acontecendo no mundo lá fora". Aos poucos se espalham histórias sobre forasteiros circulando as terras do Condado, e se diz que o poder do Senhor do Escuro, no leste, tem aumentado.

PROF. MONIR: O leste é do outro lado do rio.

Gandalf regressa e revela ter descoberto que o Anel deixado por Bilbo é, em verdade, muito mais poderoso do que ele imaginava. Para prová-lo, arremessa o artefato na lareira, onde o fogo revela uma inscrição na língua de Mordor:

> Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,
> Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los.
> (pág. 53)

PROF. MONIR: Poderia haver promessa mais sinistra do que essa? É um anel maligno que tem como objetivo básico prender as outras pessoas. Língua de Mordor: Mordor é essa região dominada pelo Sauron, entidade maligna.

Fica do lado leste, do lado direito do rio. Então o anel aqui revelou qual é o seu verdadeiro sentido e Frodo, que até então tinha apenas recebido um presente, não sabia do que se tratava, começa a ser informado da sua missão, daquilo que terá de fazer.

Frodo aprende com o Mago que se trata do "Um Anel que ele (o Senhor do Escuro) perdeu há muito tempo, o que causou um grande enfraquecimento de seu poder. Ele o deseja muito – mas não deve obtê-lo". Gandalf conta a Frodo a história do Anel, feito para controlar os outros Grandes Anéis (três anéis haviam sido feitos para os elfos, sete para os anões e nove para os homens) e sobre como, em uma batalha acontecida três mil e sessenta anos antes, "Isildur, filho de Elendil, cortou o Anel da mão de Sauron e tomou-o para si. Dessa forma Sauron foi subjugado e seu espírito fugiu e ficou escondido por muitos anos". Isildur havia perdido o Anel em uma emboscada em que foi assassinado por orcs, mas o artefato acabou sendo encontrado dois mil e quinhentos anos depois da morte de Isildur no fundo de um rio por um jovem chamado Déagol[15], de quem o Anel foi tomado por Sméagol que, desejando imensamente possuí-lo, matou o amigo e foi aos poucos consumido pelo Anel até transformar-se completamente.

PROF. MONIR: Esse Déagol e o Sméagol são criaturas parecidas com os hobbits. Não são exatamente hobbits, mas pessoas pequenas, como se fossem hobbits.

Sméagol tornou-se a solitária e perturbada criatura chamada Gollum, o que havia perdido o Anel para Bilbo sessenta anos antes, no decorrer de uma viagem de aventuras que Bilbo havia feito com um grupo de anões.

---

15 Nota do resumidor – Déagol e Sméagol pertencem a uma raça semelhante aos hobbits.

Nos últimos anos, tanto Gandalf quanto Sauron buscaram capturar e interrogar Gollum porque ele havia estado preso em Mordor.

PROF. MONIR: Sauron, que soube que Gollum tinha o anel, o andou prendendo. Como ele escapou de lá, tanto Gandalf quanto Sauron queriam saber onde estava o anel.

Sobre os efeitos do Anel, Gandalf conta que "um mortal ..., que possuir um dos Grandes Anéis não morre, mas também não se desenvolve ou obtém mais vida; simplesmente continua, até que no final cada minuto é puro cansaço. E se usar o Anel com frequência para se tornar invisível, ele desaparece: torna-se no fim invisível permanentemente, e anda no crepúsculo sob o olhar do poder escuro que governa os Anéis. Sim, mais cedo ou mais tarde – mais tarde se essa pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força e nem bons propósitos durarão –, mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-la". Quanto a Gollum, é certo que "o odiava e o amava (o Anel), da mesma forma como odiava e amava a si mesmo. Não podia se livrar dele. Nessa questão, não tinha mais vontade própria", explica o mago, fazendo notar o quanto é difícil para qualquer um desfazer-se do Anel: "Até onde sei somente Bilbo em toda a história foi além de brincar, e realmente o entregou. Precisou de toda a minha ajuda, também. E mesmo assim ele nunca teria simplesmente abandonado o Anel, ou colocado de lado. Não foi Gollum, Frodo, mas o próprio Anel que decidiu as coisas. O Anel o deixou".

Após ouvir a história, Frodo, assustado, lamenta que Bilbo não tenha matado Gollum quando teve chance. Nisto, porém, é repreendido pelo Mago.

> – Gandalf, meu melhor amigo, que devo fazer? Pois agora estou realmente com medo. Que devo fazer? É uma

> pena que Bilbo não tenha apunhalado aquela criatura vil, quando teve a chance!
>
> – Pena? Foi justamente Pena que ele teve. Pena e Misericórdia: não atacar sem necessidade. E foi bem recompensado, Frodo. Tenha certeza de que ele foi tão pouco molestado pelo mal, e no final escapou, porque começou a possuir o Anel desse modo. Com Pena.
>
> – Sinto muito – disse Frodo. – Mas estou com medo; e não sinto nenhuma pena de Gollum.
>
> – Você não o viu – Gandalf interrompeu.
>
> – Não vi e não quero ver – disse Frodo. Não consigo entender você. Quer dizer que você e os elfos deixaram-no viver depois de todas as coisas horríveis que fez? Agora, de qualquer modo, ele é tão mau quanto um orc, e um inimigo. Merece a morte.
>
> – Merece! Ouso dizer que sim. Muitos que vivem merecem a morte. E alguns que morrem merecem viver. Você pode dar-lhes vida? Então não seja tão ávido para julgar e condenar alguém à morte.

PROF. MONIR: Esse pedaço é bem importante. Gandalf, o mago que mais ou menos representa a sabedoria, está dizendo para Frodo, rebelado contra Gollum, que ele não pode dar a vida a ninguém – portanto não tem o direito de tirar a vida de ninguém. Muitas pessoas que morreram deveriam viver. Como ele não pode fazer isso, não tem o direito de matar quem merece morrer. É uma lição de sabedoria para o Frodo, que não é criança – ele tem 33 anos. Ele é pequenininho, mas é um sujeito jovem. Os hobbits ficam muito mais velhos. Ele é alguém entrando na vida adulta, para um hobbit.

> Pois mesmo os muito sábios não conseguem ver os dois lados. Não tenho muita esperança de que Gollum possa se curar antes de morrer, mas existe uma chance. E ele está ligado ao destino do Anel. Meu coração me diz que ele tem ainda algum tipo de função a desempenhar, para o bem ou para o mal, antes do fim; e quando a hora chegar, a pena de Bilbo pode governar o destino de muitos – e o seu também. (pág. 62)

PROF. MONIR: O fato de que o Gollum não foi morto pode ser decisivo para que as coisas tomem determinado paradeiro. É isso que Gandalf está dizendo para ele. No fundo, para prestar atenção e não ser simplista.

Frodo oferece o Anel a Gandalf, mas o Mago recusa, argumentando que se ele o usasse, tornar-se-ia demasiadamente poderoso e acabaria corrompido por seu poder, ainda que o desejasse para o bem.

PROF. MONIR: Reparem que o mago não quer pegar o anel na mão. O mago não aceita o anel.

Alertado de que o Anel – que só pode ser destruído no local onde foi forjado – "está tentando voltar para seu Mestre" e que não é mais seguro mantê-lo no Condado, Frodo decide partir. Gandalf aprova a decisão e o aconselha a ir o quanto antes até a cidade élfica de Valfenda, o que anima o Hobbit, "tomado pelo desejo de ver a casa de Elrond Semi-elfo e respirar o ar daquele vale profundo, onde grande parte do Belo Povo ainda vivia em paz."

PROF. MONIR: Esses elfos são muito bonitos. São seres especialíssimos. Têm habilidades extraordinárias. São imortais. Elrond é o senhor da cidade élfica de Valfenda, para onde Frodo irá em primeiro lugar, a conselho do Gandalf, que é o mago.

O Mago lembra-o de que não precisa ir sozinho e parte para pedir conselhos a Saruman, o Branco, chefe de sua ordem de magos, pedindo a seu pequeno amigo que o esperasse até setembro daquele ano, o mês do aniversário de Bilbo.

> – Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época - disse Frodo.
> – Eu também – disse Gandalf. – Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado. (pág.54)

PROF. MONIR: Quem fala exatamente a mesma coisa, com outras palavras, é Hamlet. Em *Hamlet,* quando a personagem central dá-se conta, quando o fantasma diz a ele que o pai dele tinha sido assassinado, ele diz assim: *"Maldito o tempo em que eu nasci para consertar o mundo"*. Mas alguém tinha que fazer. A mesma coisa acontece aqui. Há uma inspiração shakespeariana clara nesse trecho. Então Gandalf diz para Frodo ir com o anel para Valfenda e ele mesmo vai visitar Saruman – que não é a mesma coisa que Sauron, cuidado quem não leu o livro. Sauron é a entidade maligna que está se fortalecendo. Saruman é o mago chefe da ordem dos magos a qual pertence Gandalf. Então, não são a mesma pessoa.

Capítulo 3: Três não é Demais

Frodo hesita em partir e antes vende suas terras no Bolsão (para uma parente desagradável chamada Lobélia) e compra uma casa nova em Cricôncavo, na Terra dos Buques, uma região mais afastada onde havia passado a infância. Na mudança, é acompanhado por seu amigo e jardineiro Samwise Gamgi (que havia sido flagrado por Gandalf enquanto escutava a conversa pela janela, e acabou obrigado a ajudar Frodo em sua missão) e seus amigos Peregrin (chamado de Pippin) e Meriadoc (a quem chamam de Merry), aos quais nada contou sobre o Anel.

Durante a viagem para a Terra dos Buques, nos limites do Condado, os hobbits percebem estar sendo seguidos por cavaleiros negros, mas, com cuidado, conseguem viajar sem serem vistos por eles.

PROF. MONIR: Todos entenderam que são quatro hobbits que estão agora em viagem: Frodo, Sam - que ficou lá espionando e foi obrigado a ir junto – e esses outros dois aí, cujos apelidos são Pippin e Merry. São quatro hobbits indo para Valfenda.

Na primeira noite encontram um grupo de altos-elfos com quem acampam e conversam. Seu líder, Gildor Inglorion, aconselha Frodo a alcançar Valfenda o quanto antes, apesar de Gandalf ainda não ter aparecido. No segundo dia de viagem por pouco escapam de um cavaleiro negro, cuja proximidade parece despertar em Frodo desejo súbito de colocar o Anel no dedo. Frodo começa a se preocupar com Gandalf, pois "setembro estava passando, e ainda nenhuma notícia dele. O Aniversário, e a mudança, se aproximavam, e mesmo assim ele não veio nem enviou recado".

No caminho, lembram-se das aventuras de Bilbo que "costumava sempre dizer que só havia uma Estrada, que se assemelhava a um grande rio: suas nascentes estavam em todas as portas, e todos os caminhos eram seus afluentes."

PROF. MONIR: É necessário dizer o quão importante é este pedacinho aqui. Bilbo dizia que só há uma única estrada e as outras são todas afluentes desta única estrada. Isso a gente guarda para discutir no final. Mas é um momento importantíssimo da história.

– É perigoso sair porta afora, Frodo – ele costumava dizer – você pisa na Estrada, e, se não controlar seus pés, não há como saber até onde você pode ser levado. Você percebe que é exatamente esse o caminho que atravessa a Floresta das Trevas, e que, se você deixar, poderá levar você até a Montanha Solitária muito mais além, e para lugares piores?

Capítulo 4: Um Atalho para Cogumelos

Pegando um atalho para o rio Brandevin, Frodo e seus amigos passam primeiro pela propriedade do hobbit fazendeiro Magote que lhes conta ter sido questionado por um estranho cavaleiro negro a respeito de um certo Bolseiro. O fazendeiro, que aparenta ter habilidades especiais, lhes oferece cogumelos e os ajuda a seguir viagem, levando-os em sua carroça, mas os aconselha a não deixar o Condado.

Capítulo 5: Conspiração Desmascarada

Ao cruzar Brandevin e chegar à nova casa de Frodo no Cricôncavo, os hobbits percebem mais uma figura negra. Frodo conta a Merry e Pippin sobre o

Anel e declara que pretende continuar viagem, mesmo sem Gandalf. Estes, surpreendentemente, parecem já saber tudo sobre a história e decidem acompanhá-lo, ajuda que Frodo aceita, apesar de estar receoso em submeter os amigos aos perigos que enfrentará. Merry e Pippin ficam muito animados com a ideia da viagem e cantam uma canção que compuseram:

> Adeus vamos dar à casa e ao lar!
> Pode chover e pode ventar,
> Vamos embora antes da aurora,
> Mata e montanha atrás vão ficar.
> A Valfenda vamos onde elfos achamos
> Em descampados e por entre ramos
> Por trechos desertos seguimos espertos,
> O que vem depois nós não divisamos.
> Na frente o inimigo, atrás o perigo.
> Dormindo ao relento, o céu por abrigo.
> Até que por sina a dureza termina,
> Finda a jornada, cumprido o castigo. (pág. 113)

Após celebrarem o aniversário de Frodo, decidem partir para Valfenda, mas, temendo os cavaleiros negros, entendem que "a única coisa a fazer é partir numa direção totalmente inesperada", isto é, pela Velha Floresta "quase tão perigosa quanto os cavaleiros negros" e muitíssimo temida pela maior parte dos hobbits. Naquela noite, Frodo sonha estar em uma floresta escura (onde há animais procurando por ele), ouvindo o som do grande mar (que ele nunca viu). Sonha também com uma alta torre branca, que ele luta para escalar.

PROF. MONIR: Quatro hobbits perseguidos por terríveis cavaleiros negros, levando o anel – que é o assunto do livro – para Valfenda. E agora decidem ir pelo caminho mais difícil, aquele que não se espera que eles tomem – até porque todos os caminhos são difíceis porque só há um, de acordo com Bilbo. Vão enfrentar agora a Floresta Velha.

Capítulo 6: A Floresta Velha

> E as árvores não gostam de forasteiros.
> Elas vigiam as pessoas. (pág. 117)

A atmosfera na floresta – que parece viva – é opressiva e as árvores parecem hostilizar os hobbits. Logo Frodo e seus companheiros perdem-se e, sempre que conseguem se reorientar, sentem as árvores alterando a direção da trilha. Atingindo o rio Voltavime, decidem descansar sob um velho e gigantesco salgueiro, mas estranhamente ficam muito sonolentos e todos adormecem encostados na árvore, exceto Sam, que havia ido verificar os pôneis. Ao retornar, encontrou seus amigos atacados pelo salgueiro, que arremessara Frodo no rio e capturara os outros com suas raízes. Não conseguindo soltar os companheiros, que vão sendo engolidos pela árvore, Sam e Frodo gritam por ajuda. Aparece um homem de casaco azul e botas amarelas que vem dançando e cantando pela estrada e que chama a si mesmo Tom Bombadil e ordena ao "salgueiro-homem" que solte os hobbits. A árvore obedece. Satisfeito, Tom convida os excursionistas para jantar com ele e sua esposa Fruta d'Ouro e, então, "com um aceno de mão foi pulando e dançando pela trilha em direção ao leste, ainda cantando alto uma canção que não fazia sentido". Os hobbits o seguem.

PROF. MONIR: Isso não está no filme. Suspeito que tenham tirado isso no filme porque não seria agradável para esta conversa ambientalista que tivesse uma árvore querendo comer os hobbits. Então, apenas para evitar alguma coisa politicamente incorreta. A natureza nem sempre é do jeito que os ambientalistas pensam que é. Às vezes a natureza é agressiva.

Capítulo 7: Na Casa de Tom Bombadil

"Mestre da madeira, da água e da colina" é a resposta de Fruta D'Ouro à pergunta de Frodo sobre a identidade de Tom. Durante a estadia na casa do casal, os hobbits participam de um grande jantar e, ao dormir, Frodo sonha com um homem sobre uma grande torre de pedra. Concordam em passar mais um dia na companhia de Tom, que lhes conta – de maneira poética, musical e enigmática – coisas sobre a floresta, sobre sua flora e fauna, bem como sobre a história da Terra-Média.

> Contou-lhes histórias de abelhas e flores, do jeito de ser das árvores e das estranhas criaturas da Floresta, sobre coisas más e coisas boas, coisas amigas e hostis, coisas cruéis e gentis, e sobre segredos escondidos sob os arbustos espinhosos. Conforme escutavam, os hobbits passaram a entender a vida da Floresta, separada deles; na realidade, até começaram a se sentir estranhos, num lugar onde todos os outros elementos estavam em casa. Entrando e saindo da conversa, sempre estava o Velho Salgueiro-homem, e Frodo pôde aprender o suficiente para satisfazer sua curiosidade, na verdade mais que suficiente, pois o assunto não era fácil. As palavras de Tom

> desnudavam o coração e o pensamento das árvores, que sempre eram obscuros e estranhos. (pág. 130)

PROF. MONIR: Então, a natureza é assim, não é? A natureza não é só boa. Essa história de que somos filhos da natureza... Nós não somos filhos da natureza! A natureza é nossa irmã, não somos filhos dela. Porque do mesmo modo que a natureza é nossa mãe, é também nossa madrasta, como dizia Chesterton. A natureza nos mata também. Então isso que está escrito aqui é a razão pela qual os produtores acharam imprudente colocar uma coisa dessas no filme, para não irritar o *Greenpeace*.

Bombadil alega ser o mais antigo de todos os habitantes daquela terra, dizendo dele mesmo que "já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. (...) Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo – antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora." Tendo perguntado a Frodo sobre o Anel, pediu para vê-lo e o colocou "na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer."

Após ouvir uma bela canção de Fruta D'Ouro, os hobbits partem, com o conselho de tomar muito cuidado na Colina dos Mortos. Tom ensina-lhes ainda uma rima para chamá-lo em caso de perigo.

Capítulo 8: Névoa nas Colinas dos Túmulos

Seguindo na direção norte, os hobbits não conseguem evitar passar pelos

túmulos na colina. Ao meio-dia, param para descansar numa elevação com uma estranha e solitária pedra gelada em seu centro. Adormecem e, ao tentar seguir viagem, acabam se perdendo, como se as colinas os tivessem desorientado. Frodo pensa ver a saída, mas, ao dirigir-se para ela, percebe-se sozinho e acaba capturado por uma criatura tumular. Acorda dentro de uma cripta onde encontra seus companheiros inconscientes, adornados com ouro e joias e ameaçados por uma grande espada sobre seus pescoços. Frodo ouve uma estranha voz e vê uma grande mão movendo-se na direção de seus colegas. Embora tentado a usar o Anel (para ficar invisível e escapar), decide defender seus amigos com uma adaga que encontra por perto. Lembrando-se da rima, chama Tom que aparece e os salva, dissipando a criatura. Tom distribui o tesouro do espectro, dando uma adaga para cada hobbit e os conduz em segurança até o caminho para a cidade próxima de Bri, onde pretendem procurar por Gandalf. Na entrada da cidade, Frodo – seguindo um conselho do Mago – pede aos amigos que não mais se refiram a ele usando seu nome verdadeiro.

PROF. MONIR: Que é Frodo Bolseiro.

Capítulo 9: No Pônei Saltitante

Ao entrar no Pônei Saltitante, a principal hospedaria de Bri, encontram hobbits, anões e homens do sul que os recebem com curiosidade. Frodo anuncia sua chegada sob o nome falso de Monteiro. O estalajadeiro Carrapicho, ao ver os pequenos, parece lembrar-se de algo, embora não saiba dizer o que ao certo. Depois de se instalarem e jantarem, os quatro amigos juntam-se aos outros hóspedes no salão principal e rapidamente tornam-se o centro das atenções, já que em Bri são raros os visitantes vindos diretamente do Condado.

Intrigado com certo cavaleiro, Frodo vai falar com Carrapicho que lhe revela tratar-se do viajante chamada Passolargo, "um dos errantes, os guardiões, como os chamamos" e que "suas pernas longas andam numa velocidade muito grande; mas ele não conta a ninguém o motivo de tanta pressa." Enquanto isso, Pippin, embriagado, começa a falar mais do que devia no salão cheio de soturnos observadores. Frodo decide desviar a atenção dele, dançando e cantando em cima de uma mesa, mas acaba caindo e acidentalmente colocando o Anel (que entrou em seu dedo dentro do bolso), tornando-se invisível e assustando a todos. Frodo rapidamente reaparece de debaixo de uma mesa, mas os demais hóspedes passam a encará-lo com suspeita. O episódio atrai o guardião Passolargo, que se dirige ao portador do Anel, revelando saber o seu verdadeiro nome, bem como a causa do seu desaparecimento. Passolargo parece saber muito sobre os estranhos cavaleiros que vêm perseguindo os hobbits e os alerta a não confiarem nos outros hóspedes, pois havia visto alguns deles envolvidos com cavaleiros negros. Carrapicho pede uma conversa particular com Frodo.

PROF. MONIR: Nesse momento aparece uma personagem importantíssima na história, chamado Passolargo, que é um guardião, um sujeito solitário, muito habilidoso, com habilidades marciais muito grandes, muito corajoso e que sabe de toda a história. Esse Passolargo não irá mais largar os hobbits, daí para frente. E vamos ver como é que ele se apresenta de fato.

Capítulo 10: Passolargo

Carrapicho finalmente lembra de ter se esquecido de enviar uma carta que Gandalf havia deixado para certo hobbit chamado Frodo Bolseiro. Frodo rapidamente revela sua identidade e, ao ler a carta, descobre que Gandalf, tendo percebido o perigo que se aproximava, havia pedido a eles que saíssem

do Condado com urgência (dois meses antes da data em que efetivamente saíram) e se dirigissem para Valfenda, prometendo juntar-se a eles assim que pudesse. Ironicamente, na mensagem, há advertência contra a falta de memória de Carrapicho. O Mago ainda relembra Frodo de não usar o Anel em hipótese alguma, e que um guardião chamado Passolargo, cujo verdadeiro nome é Aragorn, é amigo e pode ajudá-los. Mas "certifique-se de que se trata do verdadeiro Passolargo. Há muitos homens estranhos na estrada. Seu nome verdadeiro é Aragorn. Nem tudo que é ouro fulgura, Nem todo o vagante é vadio. O velho que é forte perdura, raiz funda não sofre o frio. Das cinzas um figo há de vir. Das sombras a luz vai jorrar; a espada há de, nova, luzir, o sem-coroa há de reinar." Irritado com os problemas causados pelo desmemoriado Carrapicho, Frodo conversa com Passolargo que oferece seus serviços como guia. Embora ainda desconfiados, os hobbits aceitam a oferta e, aconselhados pelo Guardião do Norte (o Passolargo), passam a noite em outro local que não nos quartos designados a eles.

PROF. MONIR: Então esse Passolargo está sendo indicado pelo Gandalf como sendo alguém para ajudá-los, e diz a eles que não podem dormir nos quartos designados. Resolvem que os hobbits passarão a noite naquela estalagem, mas num quarto diferente. E à noite acontece o que se previa que fosse acontecer, ou seja, houve uma tentativa de atacá-los.

Capítulo 11: Uma Faca no Escuro

Na manhã seguinte, os hobbits descobrem que seus quartos tinham sido invadidos e quase destruídos. (Os cavaleiros negros haviam arrombado a nova casa de Frodo em Cricôncavo e, não o encontrando, tinham seguido para Bri.) Felizmente, estavam seguros em outro local, mas todos os pôneis pareciam ter

sido soltos à noite e fugido assustados, pelo que os pequenos acabam sendo obrigados a comprar de Bill Samambaia, tipo velhaco, um pônei magricela e faminto por preço exorbitante. Guiados por Aragorn e levando o máximo de mantimentos, seguem com pressa para Valfenda, sob os olhos curiosos da cidade inteira.

Buscando evitar os cavaleiros negros, Passolargo os leva por um caminho pantanoso no qual sofrem muito com insetos, mas chegam à colina Topo do Vento e deduzem que Gandalf havia acampado ali (havia uma runa élfica recentemente gravada em uma pedra). Na colina, onde uma vez houvera importante torre de vigia, restavam apenas ruínas.

Acampam ali para a noite e Aragorn conta-lhes muitas histórias e fala sobre os cavaleiros, explicando-lhes que "eles não conseguem enxergar o mundo da luz como nós, mas nossas formas lançam sombras em suas mentes, que apenas o sol do meio-dia pode destruir; e no escuro eles percebem muitos sinais e formas que ficam escondidos de nós: nessas ocasiões é que devemos receá-los mais. E a qualquer hora, sentem o cheiro do sangue de criaturas vivas, desejando-o e odiando-o. Sentidos também existem outros além da visão e do olfato. Podemos sentir a presença deles – preocupa nossos corações desde que chegamos aqui, e antes que os víssemos; eles sentem a nossa presença de forma mais aguda. Além disso – acrescentou ele, e nesse momento sua voz se reduziu a um sussurro, – o Anel os atrai."

Naquela noite, são atacados por cinco cavaleiros negros. Passolargo e os hobbits resistem bravamente, mas

> a resistência se tornou insuportável, e finalmente (Frodo) tirou a corrente devagar e colocou o Anel no dedo indicador da mão esquerda. Imediatamente, embora tudo continuasse como antes, escuro e sombrio, as figuras se tornaram terrivelmente claras. Frodo podia ver através de suas roupas pretas. Havia cinco figuras altas: duas em pé, na saliência do valezinho, três avançando. Nos seus rostos brancos brilhavam olhos agudos e impiedosos; sob as capas havia grandes túnicas cinzentas; sobre os cabelos cinzentos, elmos de prata; nas mãos magras, espadas de aço. Seus olhos caíram sobre ele e o penetraram enquanto corriam na sua direção. (pág. 209)

Frodo assusta os cavaleiros ao invocar nomes élficos ("O Elbereth! Gilthoniel!") e atinge o pé do líder com sua adaga, mas acaba ferido por um golpe de espada e cai inconsciente, logo após remover o Anel.

PROF. MONIR: Então aí vocês ficam sabendo que há um ataque, o primeiro ataque verdadeiro dos cavaleiros contra a excursão. São cinco agora: quatro hobbits e mais Passolargo, que se chama na verdade Aragorn. Os cavaleiros os atacam e Frodo descobre que quando ele põe o anel no dedo é facilmente identificado pelos cavaleiros, que são espectros, não são pessoas reais e que, portanto, têm dificuldades em enxergar as coisas em volta deles. Frodo sai ferido dessa história, gravemente ferido, embora tenha também ferido um dos cavaleiros. E vamos ver agora se o nosso herói Frodo se salva para cumprir a missão que lhe será confiada.

Capítulo 12: Fuga para o Vau

Frodo acorda enfraquecido e descobre que, graças à bravura de Passolargo, os cavaleiros haviam sido espantados. Com a ajuda de ervas colhidas por Sam, Aragorn prepara tratamento emergencial para os ferimentos de Frodo, mas adverte-o de que o veneno da lâmina de um cavaleiro negro é fatal e que uma cura verdadeira só poderia ser obtida em Valfenda.

Os dias que se seguem são cansativos. A saúde de Frodo deteriora-se progressivamente, mas cruzando o rio Fontegris e reconhecendo uma região descrita por Bilbo em sua primeira aventura (encontram dois tróis transformados em estátuas), alegram-se um pouco. Na estrada que conduz ao rio Bruinen (que passa por Valfenda) encontram o senhor élfico Glorfindel, enviado por Elrond, o Sábio, para auxiliá-los. Frodo, cada vez pior, é levado no cavalo do elfo. Tudo parece correr bem, mas, ao aproximar-se do vau do Bruinen – e da entrada para Valfenda – o grupo é atacado pelos nove cavaleiros negros reunidos. Graças ao veloz corcel branco de Glorfindel e a uma súbita inundação do Bruinen (provocada por Elrond com a ajuda de Gandalf), os cavaleiros são arrastados rio abaixo. Frodo chega a salvo, mas muito doente, na fortaleza élfica.

Livro II

Capítulo 1: Muitos Encontros

Frodo desperta em Valfenda, quase inteiramente curado graças às habilidades medicinais do senhor da cidade, Elrond, que removeu um pedaço da lâmina negra alojada em seu ombro e que lentamente movia-se em direção do coração. Em celebração à vitória contra os cavaleiros negros, que ficariam um tempo

desativados, os hobbits são convidados de honra em um banquete. Além de conhecer a belíssima filha de Elrond, Arwen Undómiel (Estrela Vespertina), bem como o anão Glóin, antigo companheiro de Bilbo, reencontram o próprio Bilbo, que havia passado ali os últimos anos.

PROF. MONIR: Lembram que Bilbo tinha saído, entregou tudo para o menino e foi embora? Bilbo foi parar em Valfenda, onde eles o encontram agora.

Gandalf conta aos hobbits sobre a verdadeira natureza dos cavaleiros negros, ensinando que são conhecidos, em élfico, como nazgûls ou espectros do Anel, e que são os nove reis dos homens que se tornaram mortos-vivos quando Sauron lhes deu os nove Grandes Anéis e passou a controlá-los.

Bilbo e Frodo conversam sobre suas aventuras e o velho hobbit pede para dar uma olhada em seu antigo Anel, estendendo a mão para tocá-lo, "mas Frodo rapidamente afastou o Anel. Para sua tristeza e espanto, viu que não olhava mais para Bilbo; uma sombra parecia ter caído entre os dois, e através dela Frodo passou a ver uma criatura pequena e enrugada, com um rosto faminto e mãos ossudas e ávidas. Sentiu um desejo de bater nela. A música e a cantoria ao redor pareceram sumir, e um silêncio caiu. Bilbo olhou rápido para o rosto de Frodo, e passou a mão sobre seus olhos." Assustado com seu próprio comportamento, Bilbo desculpa-se e ambos vão dormir e descansar para o grande conselho que aconteceria no dia seguinte:

> – Entendo agora – disse ele. – Guarde-o! Sinto muito: sinto por você ter entrado nessa história para carregar um fardo tão pesado: sinto por tudo. As aventuras nunca acabam? Acho que não. Outra pessoa sempre tem de continuar a história. (pág. 245)

PROF. MONIR: Na hora em que Bilbo viu a perspectiva de recuperar o anel, ele tenta pegar de volta. Aí ele percebe que não podia fazê-lo. Então o anel de fato tem um poder hipnótico. É o poder de controlar quem quer que se aproxime dele. No dia seguinte à chegada em Valfenda, há um conselho com todos os grandes representantes das raças livres para saber o que vão fazer com este anel, afinal de contas. Estavam lá, então, os quatro hobbits com o anel, mais Gandalf e mais os outros representantes. Vamos ver então, como é que isso acontece. É claro que no filme existe um romance muito grande entre Aragorn e Arwen. Esse romance não está no livro. No livro há uma sugestão de simpatia mútua, mas pouquíssimo romance entre Arwen e Aragorn nesse momento aí. No filme isso foi completamente modificado.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Pois é. Não há praticamente menções a um romance entre Arwen e Aragorn, embora no filme a cena dure cinco minutos. É claro que o cinema procura explorar os detalhes eróticos das coisas, mas aqui não seria o caso.

Capítulo 2: O Conselho de Elrond

PROF. MONIR: Elrond é uma espécie de sábio. Ele é um elfo antigo, velho, sábio, pai da moça. É ele que agora vai conduzir a conversa.

Pela manhã, os Bolseiros são convocados para o Conselho onde se reúnem representantes de todas as raças livres do Oeste (Sam vai sem ser convidado). Lá estão Elrond, Gandalf, Glóin, Glorfindel e Aragorn além dos recém-chegados Legolas, filho do rei dos elfos silvestres, e Boromir, filho do regente do reino de Gondor.

PROF. MONIR: Reino de Gondor é um daqueles reinos ali, fica à esquerda de Mordor. Mordor é o reino que está dominado por Sauron. Gondor é um dos reinos livres – ainda livres – daquela época.

Muitas são as notícias de atividade guerreira crescente em Mordor. Glóin demonstra-se preocupado com o destino do rei-anão Balin, de quem não se tinha notícias desde que partira, anos antes, em missão para restabelecer o reinado dos anões nas minas de Moria, sob as Montanhas Sombrias. Glóin conta ainda que mensageiros de Mordor haviam vindo aos reinos dos anões oferecendo-lhes aliança (e até mesmo novos Grandes Anéis) e buscando informações sobre os hobbits e o Anel.

Elrond, o Sábio, que lutara na última grande guerra contra Sauron,

PROF. MONIR: 3.000 anos antes.

conta a história dos Grandes Anéis, desde sua criação na Segunda Era até a batalha em que Isildur cortara a mão de Sauron, tomando o Anel para si e subsequentemente perdendo-o, ao que se seguiu grande declínio das terras dos homens do Oeste, com o abandono de inúmeros reinos e o progressivo enfraquecimento de outros, como Gondor. Boromir informa que Gondor estava sofrendo muitas derrotas para orcs vindos de Mordor e pergunta pelo paradeiro dos restos da espada de Elendil, a arma usada por Isildur para cortar a mão de Sauron três mil anos antes. Neste momento, Aragorn revela a todos ser o herdeiro de Isildur e guardião dos restos da espada, que havia sido quebrada durante a Grande Batalha.

PROF. MONIR: Essa batalha em que um antepassado de Aragorn cortou a

mão de Sauron, 3.000 anos antes, e pegou o anel. Aí ele é emboscado pelos orcs, uns sujeitos desagradáveis, e naquela briga ele acaba caindo no rio. Assim fica perdido o anel, até ser reencontrado e acabar na mão de Frodo, ali naquele momento.

Também Frodo e Bilbo relatam suas experiências com o Anel e Gandalf explica como descobrira que se tratava do Um Anel pesquisando nos arquivos da biblioteca de Minas Tirith, em Gondor.

PROF. MONIR: Capital de Gondor, Minas Tirith.

Narra também seu encontro com o chefe de sua ordem de magos, Saruman, o Branco. Gandalf conta ter descoberto que Saruman corrompera-se e se tornara aliado de Sauron. Tendo protestado contra a traição de Saruman, Gandalf foi derrotado por ele em um duelo e aprisionado na torre de Isengard (daí o seu atraso), mas havia sido salvo por Gwaihir, a grande águia, que o levara à terra dos cavaleiros de Rohan de onde regressara montado em Scadufax, o mais veloz dos cavalos.

Várias propostas são feitas sobre o que fazer com o Um Anel: Erestor, um senhor elfo, sugere que o Anel seja entregue a Tom Bombadil, enquanto Boromir sugere que o Anel seja usado para lutar contra Sauron. Todas as ideias são rejeitadas por Gandalf, que insiste em destruir o Anel nos fogos de Orodruin, na Montanha da Perdição, no coração de Mordor, onde havia sido forjado.

> – Então voltamos novamente à destruição do Anel – disse Erestor. – E mesmo assim, ainda estamos onde começamos. Que força possuímos para encontrar o Fogo

> no qual foi feito? Esse é o caminho do desespero. Da tolice, eu diria, se a longa sabedoria de Elrond não me proibisse.

PROF. MONIR: Este Erestor, que é um elfo, não acha boa ideia destruir o anel. Como se faz isso? É muito difícil. Como o anel tem poderes, a ideia mais comum é que se use os poderes para lutar contra o próprio Sauron. Mas essa é uma ideia contra a qual está Gandalf. Vamos ver como é que continua a conversa.

> – Desespero, ou tolice? – disse Gandalf – Desespero não, pois o desespero é para aqueles que enxergam o fim como fato consumado. Não, não. É sábio reconhecer a necessidade, quando todas as outras soluções já foram ponderadas, embora possa parecer tolice para aqueles que têm falsas esperanças. Bem, que a tolice seja nosso disfarce, um véu diante dos olhos do Inimigo! Pois ele é muito sábio, e pondera todas as coisas com exatidão nas balanças de sua malícia. Mas a única medida que conhece é o desejo, desejo de poder; e assim julga que são todos os corações.

PROF. MONIR: Olha que coisa importante! Ele está dizendo assim: "Ora, Sauron julga que todo o mundo quer o poder do anel como ele quer; ele não é capaz de entender que alguém não o queira. Pois a nossa opção por destruir o anel e abandonar esse poder jamais será considerada por Sauron, que não acha que alguém nesse mundo com o mínimo de inteligência faria isso." Entenderam o que o Gandalf está argumentando? Que a única coisa que o Sauron não acha que eles vão fazer é destruir o anel.

> – Seu coração não cogita a possibilidade de qualquer um recusá-lo; de que, tendo o Anel em mãos, vamos procurar destruí-lo. Se tentarmos fazer isso, vamos despistá-lo.
> – Pelo menos por um tempo – disse Elrond. – A estrada deve ser percorrida, mas será muito difícil. E nem a força nem a sabedoria nos levarão muito longe, caminhando por ela. Essa busca deve ser empreendida pelos fracos com a mesma esperança dos fortes. Mas é sempre assim o curso dos fatos que movem as rodas do mundo: as mãos pequenas os realizam porque precisam, enquanto os olhos dos grandes estão voltados para outros lugares. (pág. 285)

PROF. MONIR: É por isso que uma pessoa pequeníssima, um hobbit, é escolhido para tomar para si uma tarefa complicada como essa.

Elrond parece sugerir que esta tarefa compete a Bilbo, mas Frodo se apresenta como voluntário para levar o Anel, com o que Gandalf e Elrond concordam. Frodo declara:

> – Levarei o Anel – disse ele, – embora não conheça o caminho. Elrond levantou os olhos e olhou para ele, e Frodo sentiu o coração devassado pela agudeza daquele olhar.
> – Se entendo bem tudo o que foi dito, – disse ele – penso que essa tarefa é destinada a você, Frodo; e que, se você não achar o caminho, ninguém saberá. É chegada a hora do povo do Condado, quando deve se levantar de seus

campos pacíficos para abalar as torres e as deliberações dos Grandes. Quem, entre todos os Sábios, poderia prever isto? Ou, se são mesmo sábios, por que deveriam esperar sabê-lo, até que a hora chegasse?

– Mas o fardo é pesado. Tão pesado que ninguém poderia impô-lo a outra pessoa. Não o imponho a você. Mas se o toma livremente, direi que sua escolha foi acertada; e se todos os poderosos amigos-dos-elfos de antigamente, Hador, e Húrin, e Túrin, e o próprio Beren, estivessem reunidos juntos, haveria um lugar para você entre eles. (pág.287)

PROF. MONIR: Para você dominar todos estes nomes, teria que ler várias vezes o trabalho. Porque há um mundo enorme inventado por Tolkien que fica meio difícil de gravar para quem está apenas lendo um livro entre outros.

Capítulo 3: O Anel Vai para Sul

A Sociedade do Anel é assim formada por Frodo e mais oito companheiros: seus amigos hobbits Sam, Merry e Pippin, mais o guardião errante Aragorn, o mago Gandalf, o elfo Legolas, o anão Gimli e o humano Boromir. Reproduzindo velhos desentendimentos entre anões e elfos, Legolas e Gimli suspeitam um do outro. A inclusão dos hobbits no grupo não ocorreu sem polêmica. Gandalf acabou influenciando a decisão.

PROF. MONIR: Não era para os hobbits irem junto, a não o ser Frodo. Mas aí eles vão armar um escândalo e vão acabar indo junto também.

– A Comitiva do Anel deverá ser composta de Nove; e os Nove Andantes devem ser colocados contra os Nove Cavaleiros, que são maus.

PROF. MONIR: São nove cavaleiros negros e nove brancos, estes aqui.

Com você e seu fiel servidor, Gandalf deve partir, pois esta será sua maior tarefa, e talvez o fim de seus trabalhos.

PROF. MONIR: Até o fim da sua vida.

– Quanto aos restantes, devem representar os Povos Livres do Mundo: elfos, anões e homens. Legolas irá representando os elfos, e Gimli, filho de Glóin, representará os anões. Estão dispostos a ir no mínimo até as passagens das Montanhas, e talvez mais além. Representando os homens, você terá Aragorn, filho de Arathorn, pois o Anel de Isildur é de grande interesse para ele.
– Passolargo! – disse Frodo.

PROF. MONIR: Porque para Frodo, Aragorn é Passolargo. Então aqui nesse momento a gente pode passar para a página seguinte. Está aqui, então, a despedida, Elrond dizendo que está estabelecida a sociedade do anel. E aí começa a discussão.

– Sim – disse ele com um sorriso. – Peço novamente permissão para ser seu companheiro, Frodo.
– Eu teria implorado que viesse comigo – disse Frodo –,

mas pensei que você iria para Minas Tirith com Boromir.

– E irei – disse Aragorn. – E a Espada-que-foi-Quebrada deverá ser reforjada antes que eu parta para a guerra. Mas sua estrada e a nossa serão a mesma por muitas centenas de milhas. Portanto, Boromir também estará na Comitiva. É um homem valoroso.

– Restam mais dois – disse Elrond. – Nesses ainda vou pensar. Em minha própria casa poderei encontrar alguém que me agrade.

– Mas assim não restará lugar para nós! – gritou Pippin desanimado.

– Não queremos ficar para trás. Queremos ir com Frodo.

– Isso porque vocês não entendem e não imaginam o que os espera pela frente – disse Elrond.

– Nem Frodo – disse Gandalf, inesperadamente apoiando Pippin. – Nem qualquer um de nós pode enxergar claramente. É verdade que se esses hobbits entendessem o perigo não ousariam ir. Mas ainda assim desejariam ir, ou desejariam ousar, ficando envergonhados e infelizes. Eu acho, Elrond, que nessa questão seria bom confiar mais na grande amizade deles do que na grande sabedoria. Mesmo que escolha para nós um senhor élfico, como Glorfindel, ele não poderia abalar a Torre Escura, nem abrir a estrada que conduz ao Fogo, por meio dos poderes que tem. (pág. 294)

Comandos são enviados para investigar a movimentação das forças de Mordor. Bilbo presenteia Frodo com sua velha espada, Ferroada, capaz de anunciar a presença de orcs, e uma cota de malha de mithril[16] confeccionada pelos anões.

PROF. MONIR: Todo mundo sabe o que é uma cota de malha? É uma roupa que os cavaleiros colocavam, feita de malha de ferro para não ser transpassada pela espada.

Aragorn reforja a espada de Elendil, que passa a se chamar Andúril. A sociedade parte ao som fenomenal da corneta de Boromir e tenta atravessar as Montanhas Sombrias por cima, isto é, pela chamada passagem de Caradhras, mas seu percurso é bloqueado por uma grande tempestade de neve e eles se veem forçados a escolher outro caminho.

PROF. MONIR: Então a sociedade sai com o objetivo de destruir o anel nas montanhas onde ele foi forjado pela primeira vez. Nove amigos. Nove sócios nessa empreitada, sendo que o mais importante deles é Gandalf, que é o mais experiente, e o central é Frodo, carregando o anel.

Capítulo 4: Uma Jornada no Escuro

A comitiva é assim obrigada a atravessar a montanha pelas minas de Moria, um antigo reino subterrâneo dos anões. Gandalf não deseja seguir por dentro da montanha – pois sabe que os anões, em sua ganância, haviam cavado muito fundo, despertando males muito antigos – e Aragorn prudentemente reforça sua preocupação.

16 Nota do resumidor: O mithril é o mais precioso dos metais encontrados na Terra-Média. É extremamente resistente e leve.

No entanto, parece não haver opção. Gimli, ao contrário, fica animado, pois há muito desejava saber o que acontecera com a expedição do rei Balin que, trinta anos antes, para lá havia se dirigido com o propósito de reclamar para os anões a cidade subterrânea.

São atacados por lobos à noite, mas chegam na manhã do dia seguinte às margens de um lago onde está o portão selado de Moria, que só pode ser aberto pela resposta a um enigma gravado na própria porta. Quando Gandalf finalmente descobre a senha, são atacados por uma criatura tentacular que emerge do lago. Fogem para dentro, mas a entrada desmorona, impedindo o retorno. Estavam condenados a prosseguir pelas sombrias minas de Moria.

Vagam pelos corredores escuros, guiados por Gandalf, que lá já estivera. "As Minas de Moria eram vastas e intrincadas, mais do que podia conceber a imaginação de Gimli, filho de Glóin, embora fosse um anão da raça das montanhas. Para Gandalf, as lembranças de uma viagem realizada há muito tempo eram agora de pouca ajuda, mas mesmo na escuridão, e apesar de todas as curvas da estrada, ele sabia aonde desejava ir, e não vacilou, enquanto havia um caminho que conduzia na direção de seu objetivo." Depois de algumas horas, o Mago – irritado com Pippin que derrubara uma pedra em um poço, fazendo muito barulho – decide parar para fumar cachimbo e refletir sobre qual caminho tomar. Prosseguem e acabam encontrando a tumba de Balin:

> – Então ele está morto - disse Frodo. – Receava que fosse verdade. Gimli cobriu o rosto com o capuz. (pág. 340)

PROF. MONIR: Esse Balin é o tal do rei anão que havia sumido lá nas minas. Então, neste ponto em que eles descobrem que Balin morreu, nós fazemos

aqui um café em homenagem a este fato. Tomamos ali um café e voltamos daqui a 10 minutos. Vamos lá.

****

PROF. MONIR: Quando paramos aqui no nosso assunto chamado *O Senhor dos Anéis*, a Sociedade do Anel – um grupo de nove excursionistas – está acompanhando Frodo para levar o anel para a destruição nas montanhas da perdição. Esse grupo está lá nas cavernas de Moria, tentando ver como é que faz para atravessar aquilo. E aí o líder espiritual do grupo, que é Gandalf, parou um pouquinho pra tomar um fôlego e pensar na vida. Voltamos ao capítulo 5. Vamos lá.

Capítulo 5: A Ponte de Khazad-dûm

Um velho diário encontrado na câmara do túmulo de Balin revela os acontecimentos nos últimos dias de Moria, antes de a fortaleza ser inteiramente tomada por hordas de orcs, e fala em misteriosa força maligna. Ao sair da câmara, a comitiva é atacada por orcs e por um grande trol das cavernas. Durante a batalha, Frodo é atingido no peito pelo trol, mas, para a surpresa de todos, não se fere graças à cota de malha de mithril. Gandalf fracassa em trancar a porta com um feitiço (graças a poderoso contra-feitiço vindo do outro lado), mas consegue bloquear o caminho, fazendo desmoronar parte da câmara. Assim a sociedade pôde escapar para o segundo salão, de onde já podiam ver a passagem para os portões, acessíveis apenas por estreita ponte de pedra. Correm para a saída, mas ao atravessar a ponte descobrem o mal de que falava o diário e aquilo que Gandalf mais temia: Balrog, um grande demônio das profundezas, cercado de fogo e sombra, que "na mão direita carregava uma espada como uma língua de

fogo cortante; na mão esquerda trazia um chicote de muitas correias." Enquanto os outros fogem, Gandaf enfrenta o inimigo sobre a ponte "e a sombra à sua volta se espalhou como duas grandes asas. Levantou o chicote, e as correias zuniram e estalaram. Saía fogo de suas narinas". Gandalf ficou firme:

> – Você não pode passar – disse ele. Os orcs estavam quietos, e fez-se um silêncio mortal. – Sou um servidor do Fogo Secreto, que controla a chama de Anor. Você não pode passar. O fogo negro não vai lhe ajudar em nada, chama de Udún. Volte para a Sombra! Não pode passar. (pág. 352)

Gandalf destrói a ponte sob o monstro com um feitiço e, enquanto os outros fogem, o Balrog mergulha nas profundezas, arrastando com ele Gandalf, enroscado no chicote.

O resto da sociedade consegue sair a salvo de Moria, mas "a tristeza tomou conta deles, que choraram por muito tempo: alguns em pé e quietos, alguns atirados ao chão. Dum, dum, as batidas dos tambores foram ficando mais fracas, até que não se ouviu mais nada".

PROF. MONIR: Houve a primeira baixa, não é? Gandalf luta com Balrog dentro das cavernas de Moria, e então é morto. O grupo agora é só composto de oito pessoas, oito indivíduos, já sem Gandalf. Foi um prejuízo muito grande, afinal tratava-se do mais importante de todos eles. Mas vamos ver como é que eles se saem.

Capítulo 6: Lothlórien

Aragorn assume o comando da sociedade e cuida dos feridos. Após lamentar a perda de Gandalf, e temendo a retaliação dos orcs, a sociedade prossegue rapidamente em direção à floresta de Lórien, cruzando o rio Nimrodel, onde são abordados por elfos liderados por Haldir. Os elfos suspeitam dos estranhos viajantes, sobretudo do anão que os acompanha, mas, ao reconhecer Legolas e ler as mensagens enviadas por Elrond, concordam em levá-los vendados até a cidade secreta sobre as árvores de Lothlórien. O grupo percebe estar sendo seguido por Gollum.

Ao aproximar-se do centro da floresta de Lórien, cruzam a colina de Cerin Amroth, onde Aragorn parece ficar muito feliz, como se o local lhe despertasse belas recordações. "Despertando de seu devaneio, olhou para Frodo e sorriu. – Aqui está o coração do Reino Élfico na terra – disse ele – e aqui mora meu coração para sempre, a menos que haja luz além das estradas escuras que devemos percorrer, você e eu. Venha comigo!"

> – E, segurando a mão de Frodo, deixou a colina de Cerin Amroth, para a qual nunca mais retornou em vida. (pág. 375)

Capítulo 7: O Espelho de Galadriel

Na cidade élfica de Caras Galadhon, os viajantes conhecem, no grande salão construído sobre a mais alta árvore da floresta, o casal que a governa: Celeborn e Galadriel, senhor e senhora de Lórien, que lamentam a perda de Gandalf, de quem eram velhos amigos. Todos os membros da sociedade ficam

com a sensação de terem suas mentes lidas por Galadriel, que parecia estar telepaticamente oferecendo a cada um aquilo que mais desejava.

> Todos eles pareciam ter tido uma experiência semelhante: cada um sentiu que se lhe oferecia uma escolha entre uma sombra cheia de medo, que se encontrava lá na frente, e alguma coisa profundamente desejada, que se apresentava clara aos olhos do espírito, e que para tê-la bastava desviar-se da estrada e deixar a Demanda e a guerra contra Sauron para outros.
> – Tive também a sensação – disse Gimli – de que minha escolha permaneceria em segredo e seria apenas de meu próprio conhecimento.
> - Para mim pareceu muito estranho - disse Boromir. - Talvez tenha sido apenas um teste, e ela pensou em ler nossos pensamentos para seus próprios propósitos. Mas quase poderia dizer que ela estava nos tentando, e oferecendo o que ela fingia ter o poder de nos dar. (pág. 381)

Durante a estadia em Caras Galadhon, Legolas e Gimli começam a se aproximar. Numa determinada noite, Frodo e Sam são levados por Galadriel até uma fonte que reflete como um espelho capaz de mostrar imagens de lugares e tempos distantes, passados ou futuros. Galadriel permite que olhem "no espelho", mas adverte para os perigos de interpretar ou deixar-se guiar pelas imagens por ele reveladas.

> – Posso ordenar ao Espelho que revele muitas coisas - respondeu ela. – E para algumas pessoas posso mostrar

o que desejam ver. Mas o Espelho também revelará fatos que não foram ordenados, e estes são sempre mais estranhos e compensadores do que as coisas que desejamos ver. O que você verá, se permitir que o Espelho trabalhe livremente, não posso dizer. Pois ele revela coisas já passadas, coisas que estão acontecendo, e as que ainda podem acontecer. Mas o que ele vê, nem mesmo o mais sábio pode dizer. Você deseja olhar? (pág. 385)

Enquanto Sam vê o Condado sendo devastado, Frodo em princípio observa Gandalf usando uma roupa branca e Bilbo descansando em seu quarto "mas, de repente, o Espelho ficou totalmente escuro, como se um buraco se abrisse no mundo da visão, e Frodo olhasse no vazio. No abismo negro apareceu um único Olho que cresceu lentamente, até cobrir quase toda a extensão do Espelho. Tão terrível era aquela visão que Frodo ficou colado ao solo, sem poder gritar ou desviar o olhar. O Olho estava emoldurado por fogo, mas era ele mesmo que reluzia, amarelo como o de um gato, vigilante e atento, e a fenda negra de sua pupila era um abismo, uma janela que se abria para o nada. Então o Olho começou a se movimentar, procurando algo de um lado e de outro, e Frodo percebeu, com medo e certeza, que ele próprio era uma das muitas coisas que estavam sendo procuradas. Mas também percebeu que não podia ser visto – por enquanto, a não ser que o desejasse. O Anel que estava pendurado na corrente em seu pescoço ficou pesado, mais pesado que uma pedra, fazendo a cabeça pender para baixo." (pág.388). Ao observar o anel no dedo de Galadriel e descobrir tratar-se de um dos três Grandes Anéis élficos, Frodo – impressionado com a beleza e esplendor da senhora de Lórien – oferece o Um Anel a ela, que o rejeita, temendo, como Gandalf, ser corrompida por seu poder.

PROF. MONIR: Todos entenderam esse pedaço? Bom, encontraram mais uma cidade élfica no alto das árvores e lá há esta Galadriel, que é a rainha da cidade, e que mostra a eles um poço com efeito de espelho. Frodo vê, então, que o olho está olhando pra ele. O olho de Sauron o está procurando o tempo todo. Ele tem o anel que atrai Sauron. Continuamos.

Capítulo 8: Adeus a Lórien

Em três barcos cedidos pelos elfos, Frodo e seus amigos navegam o Rio Anduin mas, antes de deixar a terra de Lórien, são homenageados com um banquete de despedida a bordo do navio de Galadriel e Celeborn.

PROF. MONIR: Este rio Anduin é o rio central que divide o leste do oeste. É o rio mais importante de todos.

Além de receberem mantos élficos que os tornariam semi-invisíveis e um tipo especial de alimento chamado pão de lembas, ganham outros presentes: um frasco com a chamada Luz de Eärendil para Frodo (a luz da estrela de Eärendil, uma jóia engastada na fonte de Galadriel, uma luz brilhante, que "brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor"), uma bainha e um broche prateado incrustado com uma pedra esverdeada para Aragorn, pequenos cintos de prata para Merry e Pippin, um arco para Legolas, e uma caixa de terra para Sam. Gimli, fascinado com a beleza de Galadriel, pede-lhe uma mecha de seu cabelo e ela lhe concede três fios dourados.

PROF. MONIR: Por que uma caixa de terra para Sam? Porque o Sam é jardineiro. Não esqueçamos isso.

Capítulo 9: O Grande Rio

A viagem é longa, a sociedade é seguida de perto por Gollum (que desce o rio sobre um tronco de madeira) e há a suspeita de que orcs estejam nas imediações. De fato, quando passam pelas cataratas de Sarn Gebir, são atacados, mas os orcs se espantam quando uma criatura alada que os acompanha é alvejada por Legolas. Passam então por entre os grandes Pilares dos Reis, grandes estátuas de antigos reis de Gondor, e param perto das cataratas de Rauros para decidir se prosseguiriam para Mordor ou se desviariam o caminho para prestar auxílio à capital de Gondor, Minas Tirith, como preferiria Boromir, carregando sempre sua corneta.

Capítulo 10: O Rompimento da Sociedade

A decisão cabe ao portador do Anel. Quando se afasta para meditar sobre seu destino, Frodo é interpelado por Boromir que, sem ser notado, o havia seguido.

PROF. MONIR: Esse pedacinho eu vou explicar, para a gente ganhar tempo. A sociedade chegou num ponto que tinha que decidir se atravessava o rio e ia então para o lado leste, tentando destruir o anel, ou se ficava no lado direito do rio, ou seja, no lado oeste (para quem está olhando a fotografia), para ir ajudar Boromir lá em Minas Tirith. Boromir é filho do regente de Gondor, que morava em Minas Tirith. Como não sabiam o que fazer, porque havia esta dúvida, Frodo se afasta para pensar no assunto. Quando ele se distancia dos outros, Boromir o segue e diz a ele que era um absurdo tentar destruir o anel porque, afinal de contas, um anel como aquele certamente daria uma vantagem muito grande para quem quer que o tivesse. E Boromir, modificado, impressionado com a presença do anel, faz tudo o que pode

para retirar o anel de Frodo, até tenta tirar à força. Quando Frodo percebe que vai ser roubado, torna-se invisível e se esconde de Boromir. É assim que ele não perde o anel nesse episódio.

Então Frodo decide que deve ir embora sozinho para entregar o anel, porque ele não tem o direito de pedir que os outros o acompanhem numa viagem como essa, cujo desfecho é completamente sem cabimento. Ele então, invisível, tenta pegar outro barco para continuar a viagem sozinho, atravessar o rio, ir para o outro lado do rio, para a direção de Mordor. Enquanto isso, Boromir sai daquele transe em que o anel o colocou, dá-se conta de que tinha exorbitado e volta para o convívio dos outros. É o que está na página seguinte. E nós continuamos a leitura.

> – Acho que já sei que tipo de conselho você vai me oferecer, Boromir – disse Frodo. – E eu poderia considerá-lo um sábio conselho, se não fosse pela advertência do meu coração.
> – Advertência? Advertência contra quê? – disse Boromir abruptamente.
> – Contra a demora. Contra o caminho que parece mais fácil. Contra a recusa do fardo que é colocado sobre meus ombros. Contra.
> – Bem, é melhor que eu diga, contra a confiança na força e na sinceridade dos homens. (pág. 424)
> (...)
> – Não há esperança enquanto o Anel continuar existindo – disse Frodo.
> – Ah! O Anel – disse Boromir, com os olhos faiscando. –

O Anel! Não é um destino estranho nós sofrermos tanto medo e dúvida por uma coisa tão pequena? Uma coisa tão pequena! E eu o vi apenas por um instante na Casa de Elrond. Poderia vê-lo um pouco outra vez? – Frodo levantou os olhos. De repente, seu coração gelou. Captou o brilho estranho no olhar de Boromir, apesar de seu rosto ainda se manter gentil e amigável.

– É melhor que ele fique escondido – respondeu ele.

(...)

– Gandalf, Elrond... todos esses lhe ensinaram a falar desse modo. Em relação a eles próprios, podem estar certos. Esses elfos e meio-elfos e magos, eles talvez fracassassem. Apesar disso, ainda tenho dúvidas se são sábios, e não apenas tímidos. Mas cada um é do seu modo. Homens de coração sincero, estes não serão corrompidos. Nós, de Minas Tirith, temos permanecido firmes através de longos anos de provações. Não desejamos o poder dos senhores dos magos, só a força para nos defendermos, a força numa causa justa. E veja! em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor. É loucura não fazer uso dela, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo. Os corajosos, os destemidos, só estes conseguirão a vitória. (pág. 425)

(...)

O único plano proposto é que um pequeno deva andar cegamente para dentro de Mordor e oferecer ao Inimigo todas as chances de recapturá-lo. Loucura. (pág. 426)

Boromir exige que Frodo lhe dê o Anel. Mas como o hobbit mostra-se determinado em mantê-lo e seguir em direção à Mordor, Boromir ameaça tomar o Anel de Frodo, que se assusta, fica invisível e foge. Pela primeira vez Frodo permanece invisível por tempo mais longo e, subindo as colinas de Amon Hen, vê terras distantes, sobretudo Mordor.

> Subiu e sentou-se na antiga cadeira, como uma criança perdida que tivesse escalado o trono dos reis das montanhas. (...) Em todo lugar que olhava, via sinais de guerra. As Montanhas Sombrias se agitavam como formigueiros: orcs saíam de mil tocas. (...) Todo o poder do Senhor do Escuro estava em ação. Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-se sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazia sob o sol. O fogo reluzia em meio à fumaça. A Montanha da perdição queimava e um cheiro insuportável empesteava o ar. Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. Perdeu todas as esperanças. E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura que nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve

> iria tocá-lo e saber exatamente onde estava. Tocou Amon Lhaw. Olhou sobre Tol Brandir –Frodo se jogou da cadeira, agachado, cobrindo a cabeça com seu capuz cinzento. Ouviu-se dizendo: 'Nunca, nunca!' Ou seria: 'Sim, eu irei, irei até você?' Não saberia dizer. Então, como um relâmpago, de algum outro ponto de poder veio à sua mente um outro pensamento: Tire-o! Tire-o! Tolo, tire-o. Tire o Anel! (pág. 428)

Preocupado com a atitude de Boromir e assumindo o fardo da missão exclusivamente para si, Frodo decide que é mais seguro ir sozinho até Mordor para que seus colegas não sejam corrompidos pelo artefato. Decide também que é melhor partir naquele instante e sem qualquer aviso. Enquanto isso, Boromir, arrependido, volta para junto dos outros. Todos começam a procurar por Frodo, mas somente Sam adivinha os seus planos e vai até o rio onde o encontra arrastando um barco para a água. Impõe sua companhia atirando-se na água e, assim, Sam e Frodo partem juntos para a Terra da Sombra.

PROF. MONIR: E acabou o primeiro livro. Tem mais dois. Este primeiro livro acaba, então, quando a sociedade está desfeita. Porque Gandalf morre. Sam e Frodo vão embora juntos para tentar entregar e destruir o anel sozinhos. E os outros ficam lá, sem que os dois tivessem se despedido deles.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Livro III

Capítulo 1: A Partida de Boromir

O som da grande corneta de Boromir ecoa por Amon Hen e é ouvido por Aragorn que subira a colina para procurar Frodo. Passolargo corre em auxílio ao guerreiro, mas encontra Boromir, emboscado por orcs, agonizando. O guerreiro de Gondor morre nos braços de Aragorn, tendo tido tempo apenas para confessar, arrependido, a tentativa de tomar o Anel de Frodo e relatar a captura de Merry e Pippin por orcs. Gimli e Legolas também aparecem e, ao notarem um dos barcos e as bagagens de Frodo e Sam faltando, deduzem a partida destes. Por não terem condições ou tempo para realizar o funeral apropriado, entregam o corpo de Boromir ao rio, acomodando-o num dos barcos e o fazendo descer o rio no seu esquife improvisado até o grande mar.

> Vamos deitá-lo num barco com suas armas, e com as armas de seus inimigos derrotados – disse Aragorn. – Vamos enviá-lo à Cachoeira de Rauros e oferecê-lo ao Anduin. O Rio de Gondor cuidará para que pelo menos nenhuma criatura maligna desonre seus ossos. (pág. 8)

Os três membros restantes da comitiva decidem tentar resgatar Merry e Pippin e iniciam a caçada aos orcs que os haviam levado.

> Com ou sem esperança, seguiremos a trilha de nossos inimigos. E ai deles se acabarmos sendo mais rápidos! Faremos uma caçada que será considerada um prodígio nos Três Reinos: dos elfos, anões e homens. Lá vão os Três Caçadores! (pág. 13)

PROF. MONIR: Do grupo de nove, ficaram três. Gandalf morreu. Sam e Frodo foram sozinhos com o barco. Boromir morreu. E dois hobbits que tinham sobrado foram sequestrados por orcs. Portanto, só sobraram o anão, o elfo Legolas e o homem Aragorn. Esses três resolvem ir atrás dos dois sequestrados, seguindo a trilha dos orcs.

Capítulo 2: Os Cavaleiros de Rohan

Por três dias o trio remanescente segue a trilha dos orcs e, no quarto, encontra uma tropa de rohirins, cavaleiros do reino de Rohan, que segundo Aragorn "são voluntariosos e cheios de orgulho mas têm o coração sincero, são generosos em pensamentos e ações; destemidos mas não cruéis; sábios mas incultos, não escrevendo nenhum livro mas cantando muitas canções, à maneira dos filhos dos homens antes dos Anos Escuros."

Os cavaleiros são liderados por Éomer, sobrinho do Rei Théoden de Rohan, que lhes diz terem enfrentado e derrotado dois dias antes um grupo de orcs, sem que contudo tenham encontrado qualquer vestígio das criaturas pequenas a que o trio chama de "hobbits", o que causa espécie:

PROF. MONIR: O pessoal não conhece os hobbits. Vejam, há mistérios nessa situação, porque os rohirins que são vizinhos de Gondor – estão mais ao norte de Gondor, entre Gondor e o Condado. Eles não conhecem os hobbits, que acreditam ser apenas uma espécie de figura mitológica. Acham aquilo muito estranho.

> – Pequenos! – riu o Cavaleiro que estava do lado de Éomer.
> – Pequenos! Mas eles são apenas um pequeno povo em

> velhas cantigas e histórias infantis do norte. Estamos andando em lendas ou sobre a terra verde à luz do dia?
> – Um homem pode fazer as duas coisas – disse Aragorn.
> – Pois não seremos nós, mas os que vierem depois, que farão as lendas de nossa época. A terra verde, você diz? Este é um grande assunto para as lendas, embora você pise nela sob a luz do dia. (pág. 29)

Éomer explica que, graças a Gandalf, sabe que a guerra entre Rohan e Isengard, terra controlada por Saruman, é inevitável, mas lamenta o Rei não ter ouvido o Mago Cinzento.

PROF. MONIR: O mago cinzento é Gandalf. E o mago branco é Saruman. É esse Saruman que domina Isengard. Lembrem que ele havia traído os magos e se bandeado para o lado de Sauron. É essa a guerra que vai nascer entre Saruman e os homens de Rohan. Continuamos.

A Aragorn e seus companheiros é concedida permissão especial para atravessar as terras de Rohan e Éomer cede-lhes um par de cavalos pertencentes a cavaleiros caídos na batalha contra os orcs. O trio, com Legolas e o anão montando o mesmo animal, vai investigar os vestígios da batalha entre os orcs e os rohirins, à procura de pistas dos hobbits. Ao acampar ao lado da floresta de Fangorn, veem aproximar-se e rapidamente desaparecer um velho homem vestido de branco, que julgam ser Saruman espionando.

Capítulo 3: Os Uruk Hai

A narração retrocede para a perspectiva dos hobbits raptados, que são poupados porque seus captores haviam recebido ordens de não matá-los antes de achar o Anel. Pippin lamenta-se:

> Gostaria que Gandalf não tivesse persuadido Elrond a permitir que viéssemos, pensou ele. Que fiz de bom? Nada: fui só um peso morto, um passageiro, uma peça de bagagem. E agora fui raptado e sou uma peça de bagagem para os orcs. (pág. 40)

No entanto, desentendimentos entre os orcs – que pertenciam a clãs diferentes e falavam idiomas diferentes – fazem com que eles briguem entre si. Quando um grande e orgulhoso uruk-hai chamado Grishnákh leva os hobbits para longe para melhor os revistar, é morto pelos cavaleiros de Rohan, que acabam liquidando o resto dos orcs. Os hobbits, pequenos, não são percebidos na luta e escapam rastejando para a floresta.

PROF. MONIR: O capítulo 4 eu vou explicar. Não precisamos lê-lo. É um dos capítulos mais fracos da história. É o capítulo em que esses dois hobbits, Pippin e Merry, se metem floresta adentro pra escapar dos orcs e encontram uma árvore falante e andante, que se chama Barbárvore, na tradução que temos aí – uma mistura de árvore com barba. E essa árvore diz a eles que é, na verdade, um ent, um tipo de árvore – de que há muitas outras –, mas que já estão todas em decadência, cada vez mais raras. E que estão muito preocupadas porque o vizinho da floresta, que se chama Saruman, o Mago Branco, tem feito devastação na floresta para retirar lenha com a qual está

alimentando as fornalhas de uma fábrica de orcs em Isengard. Ele montou uma fábrica de orcs, criaturas desagradabilíssimas, que é movimentada com a lenha dessas madeiras. Então essa árvore conduz os dois hobbits para um "entebate", que é uma reunião, um debate de ents, que são essas árvores especialíssimas. Nesse "entebate", as árvores decidem que vão atacar Isengard para acabar com aquela destruição. No filme conta-se uma história muito diferente: as árvores não decidem atacar Isengard; só atacam depois que os dois hobbits fazem uma porção de chantagens emocionais, muito diferente do que está aqui no original. No original, no "entebate" as árvores – não todas, mas aquele tipo de árvores – decidem atacar Saruman, que estava destruindo [a floresta]. É o que foi contado na página 20, no alto da página.

Capítulo 4: Barbárvore

Merry e Pippin adentram a floresta de Fangorn e lá conhecem um tipo de árvore falante e móvel (um "ent") chamado Barbárvore, que os acolhe e lhes fala da floresta e de sua raça:

> – Somos pastores de árvores, nós, os velhos ents. – Restou um número suficiente de nossa espécie. As ovelhas ficam como os pastores, e os pastores como as ovelhas, é o que se diz; mas lentamente, e nenhum dos dois permanece muito no mundo. Acontece mais rápido e mais de perto com as árvores e os ents, e eles caminham juntos através das eras. Pois os ents são mais como os elfos: menos interessados em si próprios do que os homens, e melhores para penetrar os outros seres. E apesar disso os ents são

> mais como os homens, mais mutáveis que os elfos, e mais rápidos para assumir as cores do exterior, por assim dizer. Ou melhores que ambos: pois são mais firmes e mantêm as mentes nas coisas por mais tempo. Alguns de meus parentes são exatamente como árvores atualmente, e precisam de algo grandioso que os desperte; agora só conversam aos sussurros. Mas outros têm os membros flexíveis, e muitos conseguem conversar comigo. Os elfos começaram tudo, é claro, despertando as árvores e ensinando-as a falar e aprendendo sua fala-de-árvore. Eles sempre desejaram conversar com tudo, os velhos elfos. Mas depois a Grande Escuridão chegou, e eles foram para longe através do Mar, ou fugiram para vales distantes e se esconderam, e fizeram canções sobre tempos que jamais voltariam. Nunca mais.
>
> – É sim, houve um tempo em que só havia uma floresta, daqui até as Montanhas de Lûn, e esta era apenas a Extremidade Leste. (pág. 66)

Fala também sobre o Saruman, o mago vizinho que havia mudado e começara a ameaçar a floresta, destruindo árvores e extraindo madeira para produzir um exército.

> – Quem é Saruman? – perguntou Pippin. – Você sabe algo sobre a história dele?
>
> – Saruman é um Mago – respondeu Barbárvore. – Mais que isso não posso dizer. Não conheço a história dos Magos. Eles apareceram primeiro, depois que os Grandes Navios

> vieram através do Mar; mas se vieram com os Navios eu não sei. Saruman era considerado importante entre os seus, eu acho. Ele desistiu de vagar por aí e de se preocupar com os problemas dos homens e dos elfos, há algum tempo – vocês chamariam isso de muito, muito tempo –, e se acomodou em Angrenost, ou Isengard, como os homens de Rohan chamam o lugar. No início ficou muito quieto, mas sua fama começou a crescer. Foi escolhido como o presidente do Conselho Branco, pelo que dizem; mas isso não deu muito certo, Fico imaginando agora se mesmo naquela época Saruman já não estava se voltando para o mal. Mas, de qualquer forma, não costumava trazer problemas para seus vizinhos. Eu costumava conversar com ele. Houve um tempo em que estava sempre perambulando por minhas florestas. Era educado naquela época, sempre pedindo minha permissão (pelo menos quando me encontrava); e sempre ansioso por escutar. Eu lhe disse coisas que ele nunca descobriria por conta própria, mas nunca me retribuiu da mesma forma. Não consigo recordar de ele me ter contado qualquer coisa. E ficou cada vez mais assim; o rosto, pelo que me lembro – não o vejo há muitos dias –, ficou parecido com janelas numa muralha de pedra: janelas, vedadas por dentro. (pág. 71)

Por causa da devastação produzida por Saruman, Barbárvore, revoltado, convoca os outros ents para um "entebate" em que discutem o que fazer. Depois de um bom tempo – pois os ents fazem tudo com paciência e vagarosidade – decidem

marchar militarmente contra Isengard, a morada de Saruman. Os dois hobbits acompanham a movimentação de guerra.

> Pippin olhou para trás. O número de ents tinha crescido – ou o que estava acontecendo? No lugar onde deveriam estar as encostas nuas que tinham atravessado, ele teve a impressão de ver bosques de árvores. Mas elas estavam se movendo. Será que as árvores de Fangorn estavam acordadas, e que a floresta estava subindo, marchando sobre as colinas em direção à guerra? (pág. 85)

PROF. MONIR: Estavam sim, com certeza.

Capítulo 5: O Cavaleiro Branco

A narração volta para Aragorn, Legolas e Gimli que encontram as adagas dos hobbits no campo de batalha e decidem perseguir a pista floresta de Fangorn adentro, onde – no mesmo local em que Barbárvore havia encontrado os pequenos – são confrontados por um velho vestido de branco. Para a surpresa de todos, trata-se de Gandalf, renascido após sua batalha com o Balrog que causara a morte de ambos.

PROF. MONIR: Agora reapareceu Gandalf. Ele de fato morreu naquela batalha, mas ressuscitou, e não nos diz por quê. No texto ele nos diz que não contará o que aconteceu com ele. Na verdade, ele está de volta, com uma diferença. Em vez de ser Gandalf, o Cinzento, agora é Gandalf, o Branco. De alguma maneira foi promovido em termos de cor, em termos de importância. Vamos lá.

Gandalf, que parece saber tudo sobre o paradeiro dos hobbits, conta-lhes sobre Barbárvore ("o guardião da floresta; é o mais velho dos ents") e sobre o perigo que ronda o reino de Rohan, pois Saruman, que prepara-se para enfrentar o rei Théoden, tem disseminado discórdia entre os rohirins para enfraquecê-los. Assim, decidem partir para a capital de Rohan, a cidade de Edoras. Quanto a Frodo, Gandalf observa que a concentração das forças de Sauron no exterior, em busca pelo Anel, provavelmente resultaria em atenção menor aos portões de Mordor, que ficariam menos bem guardados, facilitando a entrada do portador do Anel, pois "o Inimigo, é claro, já sabe há muito tempo que o Anel está viajando, e que seu portador é um hobbit. Sabe o número dos integrantes de nossa Comitiva, que partiu de Valfenda, e que tipo de pessoas somos. Mas ainda não percebe nosso propósito claramente". (pág. 95)

Quando Gimli lhe pergunta sobre sua luta com o Balrog e sobre suas novas vestes, brancas e não cinzentas, Gandalf responde que por uma "eternidade" lutou nas profundezas até que "uma grande fumaça se ergueu à nossa volta. O gelo caiu como chuva. Joguei o inimigo para baixo, e ele caiu e quebrou a encosta da montanha no ponto em que a atingiu ao ser destruído. Depois a escuridão me dominou, e eu me perdi do pensamento e do tempo, e vaguei muito por estradas que não vou contar". Aragorn sente-se mais confiante por ter Gandalf de volta ao seu lado, dizendo-lhe: " – Gandalf, você é nosso capitão e nossa insígnia. O Senhor do Escuro tem Nove. Mas nós temos Um, mais poderoso que eles: o Cavaleiro Branco. Passou pelo fogo e pelo abismo, e eles devem temê-lo. Iremos aonde nos levar".

PROF. MONIR: Gandalf passou pelo fogo e pelo abismo. Fico sempre dizendo pra vocês que há uma coincidência incrível de livros que aparecem por aqui em que há visitas ao fogo e ao inferno. Há o caso de Ulisses, na *Odisseia*; há

o caso de Fausto, na *Noite de Valpurgis*; há o caso de Jesus Cristo, que vai ao inferno antes de subir aos céus; há o caso de Dante Alighieri, que viaja pelos infernos. É como se não fosse possível, para o ser humano, passar para o céu sem passar pelo inferno antes. Os muçulmanos, no seu esoterismo, dizem que o trono do diabo fica entre o céu e a terra – o trono do diabo é mais ou menos a ideia de inferno. Ou seja, há uma coincidência incrível. Gandalf faz um processo de purificação ao cair com Balrog nas profundezas do inferno, e volta então com uma modificação de qualidade: agora ele já não é mais Gandalf, o Cinzento; ele é Gandalf, o Branco. Essa é mais uma das coincidências que acontecem aqui. Então, Gandalf ressurgiu e agora renasce a esperança de eles conseguirem vencer. Então vamos agora para Rohan, porque o rei de Rohan, que se chama Théoden, está indiretamente dominado por Saruman, que quer controlá-lo. Esse rei é aquele a quem pertencem aqueles cavaleiros que disseram para Legolas, Gimli e Aragorn que haviam matado os orcs. Eles vão pra lá agora tentar ver se conseguem salvar o rei da influência de Saruman.

Capítulo 6: O Rei do Palácio Dourado

Ao chegarem em Edoras, são informados pela guarda de que ninguém é bem-vindo em tempos de guerra e de que, segundo as ordens do cortesão Língua-de-Cobra, não é possível receber visitantes no palácio.

PROF. MONIR: Língua-de-Cobra não deve ser boa pessoa, não é? Muito bem.

Gandalf insiste e a entrada acaba permitida, desde que todos se desarmem (todavia, Gandalf preserva seu cajado). O rei Théoden encontra-se enfraquecido e envelhecido em seu trono. Ao seu lado, estão sua sobrinha

Éowyn e o conselheiro chamado Grima, o Língua-de-Cobra, que controla psicologicamente o Rei e não hesita em ofender Gandalf dizendo-lhe: "Duvidamos que seja bem-vindo aqui, Mestre Gandalf. Você sempre foi um arauto do pesar. Os problemas o seguem como corvos, e, quanto maior a frequência, tanto pior." O Mago fica furioso e denuncia Língua-de-Cobra como falso conselheiro a serviço de Isengard. Derrubando Grima com um relâmpago de seu cajado, Gandalf exorta o Rei a acordar e reivindicar sua força e autoridade. Théoden acorda de uma espécie de encantamento e percebe o quanto havia se tornado fraco sob a influência de Grima, e o mal que havia causado enquanto o "sussurro de Língua-de-Cobra estava em seus ouvidos, envenenando seus pensamentos, enregelando seu coração, enfraquecendo seus músculos, enquanto os outros viam tudo e não podiam dizer nada, pois sua vontade era controlada por ele".

Théoden confronta seu traiçoeiro ministro, acusando-o de traição e dando-lhe a alternativa de lutar contra Isengard junto a Rohan ou fugir. Grima foge e o rei ordena a libertação de seu sobrinho Éomer, que havia sido preso por ter se voltado contra o mau conselheiro Língua-de-Cobra. O senhor de Rohan presenteia Gandalf com o cavalo Scadufax, oferecendo também armaduras para seus companheiros.

PROF. MONIR: Antes, ele já tinha o cavalo porque tinha recebido emprestado, agora o rei dá de presente para Gandalf o tal do cavalo branco.

O rei Rohan decide enfrentar Saruman com seu exército e designa sua sobrinha Éowyn para governar Edoras na sua ausência.

PROF. MONIR: No filme, Éowyn vai parar no castelo lá no Abismo de Helm porque o filme quer fazer um par romântico entre ela e o Aragorn, mas, na verdade, na história original a moça fica em Edoras e não vai para essa guerra – é apenas uma invenção comercial do filme.

Capítulo 7: O Abismo de Helm

Théoden e suas tropas, acompanhado de Aragorn, Gimli, Legolas e Éomer cavalga para o sul. Legolas e Gandalf percebem sombras se movendo à distância, e o Mago, pressentindo perigo, pois julga com razão tratar-se de um exército de orcs, parte sozinho e em grande velocidade para Isengard (para pedir ajuda aos ents) e diz ao Rei que leve as tropas de Rohan para a segurança da fortaleza do abismo de Helm.

Na fortaleza, os rohirins são atacados por gigantesco exército de orcs e homens selvagens do Sul. A batalha é difícil e Théoden chega a julgar a vitória impossível, já que os atacantes conseguiram dinamitar os muros até então inexpugnáveis. No entanto, concentrados na última defesa, o forte da Trombeta, os cavaleiros resistem e emergem para o contra-ataque no mesmo momento em que Gandalf retorna com a ajuda de Erkennbrand, um senhor do Folde Ocidental. Os orcs são encurralados em uma floresta ("recém-nascida"), armadilha preparada pelos ents. Assim os inimigos em fuga "passaram gemendo sob a sombra das árvores que os esperava; e daquela sombra nenhum deles saiu de novo."

PROF. MONIR: Então, os orcs tentaram matar os cavaleiros de Rohan, os rohirins, e são mortos, são derrotados com a ajuda de pessoas que vieram trazidas por Gandalf e pelas árvores que montaram uma floresta armadilha – quando os orcs entraram nela para se esconder, foram mortos pelas árvores.

Daqui para a frente, para que a gente possa ter um bom debate sobre o conteúdo eu vou, mais ou menos, resumindo a continuação da história. A gente vai ler ainda daqui a pouquinho.

O que acontece em seguida, no capítulo 8 – *A Estrada para Isengard* – é que, depois dessa vitória o grupo volta para Isengard para ver o que havia acontecido lá e descobre que as árvores tinham destruído tudo. As árvores – lembram que haviam tido aquele "entebate"? – destruíram uma represa e inundaram todas as fábricas subterrâneas de orcs do Saruman. E Saruman ficou junto com Língua-de-Cobra, que havia fugido para o seu mestre. Ficaram então ilhados naquela torre onde Saruman morava.

No capítulo 9, a comitiva que vem do Abismo de Helm encontra Pippin e Merry, que julgavam perdidos e até então ainda sequestrados. Refaz-se parte da sociedade, apenas com a ausência de Sam e de Frodo, que estão tentando entregar o anel para as profundezas do fogo, e de Boromir, que havia sido morto de fato.

Quando chega ao capítulo 10, Saruman, que está bloqueado, tenta fazer uma negociação usando feitiçaria e, usando habilidades de sedução, tenta conseguir que o rei de Rohan e Gandalf façam com ele um acordo, para que ele não se sinta tão derrotado. Na verdade ele é repelido, o anão o chama de maligno, há uma briga entre eles. Língua-de-Cobra tenta atingir Gandalf jogando nele uma esfera de vidro que ele, Língua-de-Cobra, certamente não sabia o que era, e que não chegou a atingir Gandalf. Merry pega aquela esfera e a guarda. Em seguida descobre-se, no capítulo 11, que aquela esfera é um palantir, uma espécie de esfera de comunicação em que você olha para se comunicar com outras pessoas. Era muito perigosa, porque

por ela Sauron podia descobrir onde estava o anel – se Sauron pudesse se comunicar com alguém da sociedade que lhe contasse que o anel estava viajando com Frodo.

Gandalf tenta impedir esse perigo dormindo agarrado na esfera, mas Pippin, que é encrenqueiro e muito moleque, vai lá de noite e a tira com todo o cuidado das mãos de Gandalf. Olha na esfera e entra em contato com Sauron. Quando Gandalf descobre, retira a esfera dele, mas é muito tarde. Não que Sauron tenha recebido alguma informação importante. De certo modo, houve até um benefício nisso, porque Sauron ficou na dúvida sobre quem é que tinha o anel de verdade. Houve uma certa confusão. Mas essa confusão quase gerou o final de toda a história, com esta falta de cuidado de Pippin.

Enquanto isso está acontecendo no oeste, no Abismo de Helm, Frodo e Sam seguem a leste em direção a Mordor, e são finalmente interceptados por Sméagol, que nesta altura se chama Gollum. E Gollum quer fazer tudo para tirar deles o anel. Ele não é um agente do Sauron, mas gostaria de reaver o anel pela mesma razão que todo mundo quer o anel: para ficar com o poder que o anel representa. Gollum, então, tenta reaver o anel. Ele é subjugado pelos dois hobbits e, sendo preso, faz uma cena terrível, pede perdão e coloca-se à disposição dos dois para levá-los até Mordor.

Gollum é uma criatura ambígua, ambivalente porque dentro dele existe ainda a lembrança do seu passado como Sméagol – uma espécie de hobbit bom –, ao mesmo tempo em que há o próprio Gollum, que é a degeneração da figura original chamada Sméagol. Essa criatura então está o tempo todo ambivalentemente falando com si mesma, como se falasse

com outra pessoa. Há uma esquizofrenia, no sentido técnico da palavra, dentro dessa criatura chamada Gollum. No entanto ele é aceito como guia pelos dois, porque nenhum dos dois tem a menor ideia de como é que se chega a Mordor. Sabendo que seriam dificílimas as estradas, eles aceitam que Gollum os guie. No entanto, mantêm com relação a Gollum um certo ceticismo, cuidado e prudência. Sobretudo Sam, que não confia em Gollum de jeito nenhum.

O que acontece é que Gollum, no capítulo 2, vai levando os dois pelos pântanos, os vai carregando... A grande vantagem é que Gollum não come o pão de lembas. A única comida que os dois têm é o pão élfico lembas, de extrema capacidade de nutrição. Gollum acha aquilo a coisa mais nojenta do mundo e vai, de vez em quando, conseguindo pescar um peixe, que come cru. Gollum é uma criatura animalesca. Não deixa de ter alguns aspectos positivos, mas é basicamente um sujeito decadente, uma criatura degenerada. E ele não quer de modo nenhum que o anel caia nas mãos do Senhor do Escuro; ele sabe que Sauron quer o anel porque esteve preso lá, e provavelmente foi torturado por Sauron para contar onde estava o anel. Ele quer o anel para si. Gollum não é associado a Sauron, ele quer ficar com o anel porque todo mundo quer o poder.

Eles vão atravessando os pântanos, todas as regiões mais inóspitas que se possa imaginar, até que no capítulo 3, na página 25, eles chegam aos portões negros de Mordor. Mordor é protegida por uma única entrada totalmente contornada por montanhas. É uma grande entrada, onde há um portão negro completamente fechado, e eles não conseguem ir em frente porque o portão impede. Sam, que tem pouca paciência com Gollum, o obriga a contar qual seria o caminho alternativo.

Então eles acabam indo por uma região que ainda não está totalmente tomada pelo espírito maligno de Sauron. É uma região onde há prados e florestas, água limpa e animais silvestres. Nessa região, finalmente Gollum caça dois coelhos que são assados por Sam. Gollum se irrita profundamente com a perspectiva de assar os coelhos, porque o coelho cru tem muito mais gosto para alguém como ele. Só que, ao assar aqueles coelhos faz-se um pouco de fumaça e esta atrai, no capítulo 5, um outro guerreiro humano que estava nas imediações, chamado Faramir. Faramir é irmão de Boromir, aquele que morreu tentando impedir que os orcs sequestrassem os dois pequenos hobbits. Obviamente Gollum dá no pé, porque percebe perigo. E Faramir, sem denunciar-se como irmão do Boromir, ouve as explicações daqueles dois hobbits, que não contam para ele da sua missão. Mas ele acaba descobrindo sozinho. No filme pinta-se Faramir muito mal, como querendo também pegar o anel. Isso não aparece no livro em momento nenhum, nenhum, nenhum, nenhum. No livro, Faramir não tenta pegar o anel, na verdade ele compreende. No filme não. Pinta-se Faramir como sendo um sujeito invejoso do anel. Ele não faz nada disso.

Faramir leva então os dois hobbits para comer alguma coisa e descansar na sua caverna oculta sob o véu de uma cachoeira. A cachoeira encobre a entrada da caverna. No dia seguinte àquele descanso, soldados de Faramir descobrem Gollum tentando caçar peixes num determinado lago que era proibido e que ficava ali ao lado da caverna. Faramir desconfia que aquele é o terceiro daquele pequeno grupo e chantageia Frodo, dizendo que se ele não ajudasse a capturá-lo, eles iriam matar Gollum a flechadas, porque o lago era vigiado. Frodo então vai lá e convence Gollum a vir para a direção dele. Gollum é preso, é interrogado sem grandes violências e depois libertado junto com Frodo e com Sam para que pudessem partir juntos. Gollum, na

verdade, é perdoado sob *sursis*. É colocado condicionalmente em liberdade contanto que obedecesse Frodo. Gollum não entende nada disso, então acha-se meio traído. Aquele pedaço de Gollum que era contra Frodo fica fortalecido. Então ele dizia assim: "*Kill him, he hates us, kill him*."[17] Ficava com aquela conversinha de Golum.

Aí eles continuam na sua direção de encontrar as montanhas onde deverão destruir o anel. E, no capítulo 8, eles sobem e pegam outro atalho no monte chamado Cirith Ungol, tentando evitar o caminho em que os orcs estão vigiando.

No capítulo 9 Gollum arma uma armadilha para os dois. Essa armadilha no filme é muito mal contada, porque ali está narrado que Frodo expulsa Sam, o que não acontece em nenhum momento, de jeito nenhum. Os dois são entregues para uma caverna onde mora uma aranha, chamada Laracna, uma terrível e desagradável aranha, muito grande, e ela ataca os dois hobbits. Gollum obviamente dá no pé. E Frodo é paralisado pelo veneno. Sam tira o anel dele e, colocando o anel no dedo, consegue então, invisível, ouvir os orcs dizendo que Frodo não estava morto, mas apenas paralisado, porque a aranha não comia ninguém morto. Aí então Sam resolve seguir. Em seguida, ele ataca a aranha com aquela espada chamada Ferroada que Bilbo havia dado para os dois na saída de Valfenda. Sam acaba machucando Laracna, coisa que ninguém havia feito. Não só faz isso, como também consegue abrir uma passagem por uma abertura coberta com os fios da Laracna, que eram excepcionalmente fortes. Então Frodo, já enrolado como se fosse um pacote, é levado pelos orcs para uma torre de controle, e Sam os segue, invisível. Ao chegar lá na torre, não sabe como fazer para resgatar o amigo que ele sabe que está vivo. Ele tem o anel, mas quer resgatar o amigo.

---

17 "Mate-o, ele nos odeia, mate-o."

Aí então começa uma briga terrível entre os orcs – porque os orcs são de duas facções diferentes, que falam línguas diferentes e que têm diferenças muito grandes. Os orcs mais ou menos se entrematam, e Sam então consegue resgatar Frodo e continua com ele na direção dos abismos de fogo, onde deverá destruir o anel. Gollum está desaparecido neste momento. Mas agora eles conseguem entender o que os orcs dizem ficando invisíveis de vez em quando, e descobrem que Gollum ainda está vivo.

E aí chegamos ao fim do segundo volume, acabou o segundo livro. O início do terceiro livro começa então com Gandalf. Quando aquela situação de Isengard acaba, ele pega Pippin e, para impedir que Pippin faça mais besteira – ele já tinha derrubado a pedra dentro das minas e chamado os orcs, ele já tinha aberto o palantir sem que tivesse jeito pra isso – então Gandalf pega Pippin e o leva com ele para Minas Tirith, que é a capital de Gondor, a mais importante cidade daquela região toda. Chega lá e encontra Denethor, o rei de Gondor. Ele é pai de Boromir e Faramir, de ambos. Faramir é mais novo do que Boromir. Chega lá e encontra o rei profundamente decadente – tão decadente que a tal da Árvore Branca, uma árvore mágica que garantia a vitalidade de Gondor, já estava morta há muitas e muitas dezenas de anos. Desde que se havia retomado a atividade do anel, toda aquela região estava lentamente se perdendo. Encontram então este rei profundamente magoado com a perda do filho Boromir. E tentam alertar o rei para a necessidade de tomar medidas contra as tropas de Sauron, que viriam necessariamente atacá-lo. O rei encontra-se num estado de desinteresse profundo. Com ódio pelo fato de que o seu filho Boromir tinha morrido, ele envia o filho Faramir para uma missão suicida, ou seja, para uma missão da qual ele não poderia voltar vivo. Faramir obedece ao pai. Vai para esta missão suicida e volta logo em seguida, ferido por uma ponta de

flecha envenenada. O rei então recebe o filho moribundo. Resolve imolar-se com o filho, ambos vivos, nas Casas dos Mortos, um pedaço do castelo onde se faz isso, imolam-se os mortos. O rei Denethor, então, completamente louco, abandona o Estado, o governo, e Gandalf, o Branco, agora assume o comando das tropas que irão rechaçar os inimigos, as tropas de Sauron.

Antes que isso acontecesse, o rei de Gondor havia pedido auxílio para os vizinhos – no filme quem faz isso é Gandalf, mas não é a verdade; no livro quem pede auxílio é o rei de Gondor. E havia tropas chegando, e chegavam a cada momento, tropas aliadas a Gondor para lutar contra Sauron. Mas estas tropas eram todas muito pequenas e não seriam capazes de rechaçar um exército muito, muito, muito maior que Sauron havia enviado para atacá-lo.

Enquanto isso acontecia, o rei de Rohan, que havia escapado já do primeiro ataque, arrumava as suas tropas em Edoras para poder vir ajudar Gondor contra Sauron. No entanto Aragorn, que estava junto naquele episódio do Abismo de Helm, resolve tomar outro caminho e ir para a Senda dos Mortos, lugar maldito do qual ninguém podia sair porque ali existiam guerreiros fantasmas condenados a passar o resto de sua existência sob forma espectral por terem traído o antigo Isildur, antepassado de Aragorn. Aragorn então vai até o reino dos mortos e diz para aqueles guerreiros espectrais que ele os libertaria daquela maldição caso eles os ajudassem a atacar as tropas de Sauron. Feito isso, começa uma grande batalha que no filme é extremamente bem feita. Uma batalha monumental, que é a batalha do cerco de Gondor.

Estamos agora, nessa altura, no capítulo 4. Temos aí a descrição do cerco de Gondor, quando as tropas de orcs de Sauron começam levando muita

vantagem. Gandalf coordena as tropas de Minas Tirith contra os atacantes. Enquanto isso, o rei louco Denethor tenta matar-se com o filho moribundo nas Casas dos Mortos. Os defensores começam tendendo a perder. No entanto, na medida em que chega Rohan, e depois quando chegam os cavaleiros espectrais, a luta torna-se contrária, a situação inverte-se e, finalmente, Sauron é completamente derrotado.

Em *A Cavalgada dos Rohirins*, capítulo 5 – isso aqui é certamente homenagem à Cavalgada das Valquírias, de Wagner –, mais ou menos no fim desse capítulo, o que acontece de importante é que o rei de Rohan acaba sendo morto em batalha, apesar da ajuda muito grande de Pippin.

Havia uma lenda que dizia que os reis tinham poder de cura. Aragorn então testa estas suas habilidades e acaba mostrando que ele é o rei que precisava voltar a reinar em Gondor. O rei de Gondor chamado Denethor, não era rei, era regente, era alguém que estava no lugar do rei. Então Aragorn, neste momento – e apenas nesse momento – fica claramente qualificado como o rei que estava voltando para recuperar a ordem, recuperar o poder perdido com a destruição por parte das forças malignas de Sauron. Então o que acontece é que Gandalf e seus amigos, tendo vencido Sauron, pensam assim: "Bom, o que interessa no fundo é que Frodo consiga destruir o anel. Como podemos ajudar para que isso aconteça? A única coisa possível é pegar as nossas tropas disponíveis e marchar contra o portão negro de Sauron, porque se fizermos isso, já que Sauron não sabe de fato onde está o anel, é muito provável que nos ataque e então se distraia, e quanto mais se distrair conosco, maior será a possibilidade de Frodo passar pelas defesas de Mordor". Fazem isso e chamam então Sauron para a briga. Sauron manda um sujeito chamado Boca de Sauron, uma espécie de diplomata, ordenar

que se rendessem. Eles não aceitam e começa então uma luta entre os remanescentes das tropas vencedoras da batalha de Minas Tirith e um imenso exército de Sauron, muito maior do que o deles.

Enquanto isso, Frodo e Sam arrastam-se finalmente na direção da montanha onde deveriam jogar o anel nas profundezas cálidas do monte. Não têm mais água, não têm mais comida, estão completamente exaustos e cansados. No entanto, uma força excepcional os faz continuar seguindo em frente. De um lado, nas portas de Mordor, há uma luta muito grande com as forças do oeste, tentando chamar atenção de Sauron. Enquanto isso, os dois hobbits arrastam-se penosamente na direção das profundezas de fogo, da montanha dentro da qual era para jogar o anel.

Quando eles estão praticamente chegando em cima, reaparece Gollum, que eles sabiam que não estava morto. Sam luta com Gollum, permitindo que Frodo então chegue até a beirada do abismo onde jogaria o anel. Na hora em que Frodo vai tentar fazer isso, ele fraqueja, e aí então estamos no capítulo 3 – *A Montanha da Perdição*. Poderia ler, por favor, quem estiver na vez?

Capítulo 5: A Cavalgada dos Rohirins

Por quatro dias havia o exército de Théoden cavalgado sem descanso, tomando atalho revelado por um povo aliado de homens selvagens, marchando ao som do chifre de Théoden, e caindo sobre os exércitos de Sauron exatamente a tempo.

Capítulo 8: A Estrada para Isengard

> Isengard era um lugar forte e maravilhoso, e fora belo por muito tempo; ali moraram grandes senhores, os guardiões de Gondor no oeste, e homens sábios que observavam as estrelas. Mas Saruman lentamente transformou o lugar para seus propósitos mutantes, e o melhorou, na sua opinião; mas se enganava – pois todas as artes e sutis artifícios, pelos quais abandonou sua sabedoria antiga, e que ingenuamente imaginou serem seus, vinham de Mordor; assim tudo o que fez não passou de uma pequena cópia, um modelo infantil ou uma adulação de escravo, daquela vasta fortaleza, do arsenal, da prisão, da fornalha de grande poder, Barad-dûr, a Torre Escura, que não tinha rival, e ria da adulação, ganhando tempo, segura de seu orgulho e de sua força incomensurável. (pág. 159)

Após a vitória sobre os exércitos de Saruman, os remanescentes da sociedade decidem cavalgar para Isengard acompanhados do Rei e de alguns cavaleiros. No caminho, Gimli e Legolas, agora amigos, falam das maravilhas das cavernas e das florestas da região e combinam voltar lá um dia para juntos visitá-las.

Quando chegam à região chamada de "Vale do Mago", deparam com estranho líquido negro escorrendo pelo chão e quando chegam a Isengard, para seu espanto, encontram-na em escombros. "O rei e toda a comitiva permaneceram montados em seus cavalos, estupefatos, percebendo que o poder de Saruman fora derrotado; mas como, eles não podiam adivinhar". Próximo aos portões, encontram Merry e Pippin bebendo e fumando descontraidamente, recostados em uma grande pedra.

Capítulo 9: Escombros e Destroços

Os dois hobbits narram o ataque das árvores, contando como os ents haviam devastado Isengard, abrindo a represa que Saruman havia construído nas imediações, inundando as fornalhas subterrâneas para a produção de armas e afogando os orcs que lá estavam. A resistência contra os ents fora inútil, pois "flechas não adiantam nada contra os ents. É claro que os machucam, e os enfurecem: como picadas de insetos. Mas um ent pode ficar crivado de flechas de orcs como uma almofada de alfinetes, sem que fique seriamente ferido". Contam ainda como Grima havia fracassado em passar-se por um mensageiro do Rei, tendo sido encurralado em Orthanc (torre de Saruman) juntamente com seu mestre. Gimli, que resmungava não ter com o que fumar, recebe um cachimbo de presente de Pippin.

Capítulo 10: A Voz de Saruman

Segue-se, ao pé da torre, confronto dos vencedores com Saruman – precedido por uma aparição de Grima, em que fica claro que se tratava de um espião – no qual o mago decaído se vale de sua voz enfeitiçante para tentar convencer Théoden e Gandalf a formar uma aliança pacífica com Isengard. A sedução de Saruman é recusada, mas não facilmente, pois:

> As pessoas que escutavam aquela voz desavisadamente mal conseguiam depois reportar as palavras que tinham ouvido; e quando conseguiam titubeavam, pois pouca força restava nelas. A maior parte do que conseguiam lembrar era o prazer que sentiram ao ouvir a voz falando, e que tudo o que ela dissera parecera sábio e razoável,

> despertando neles um desejo de, mediante um acordo rápido, parecerem sábios também. Quando outras vozes falavam, pareciam por contraste rudes e grosseiras; e se se opusessem à voz o ódio se acendia no coração dos que estavam sob o efeito do encanto. Para alguns o encanto durava apenas enquanto a voz lhes falava, e quando ela se dirigia aos outros eles sorriam, como os homens fazem quando percebem o truque de um ilusionista diante do qual os outros ficam pasmos. Para muitos, apenas a voz era o suficiente para mantê-los cativos; mas para aqueles que eram seduzidos por ela o encantamento perdurava mesmo quando estava longe, e eles continuavam escutando a voz suave sussurrando e incitando-os. Mas ninguém ficava impassível; ninguém conseguia recusar seus pedidos e seus comandos sem um esforço de mente e de vontade, enquanto seu mestre tivesse controle dela.
> (pág. 184)

Gandalf dá ao seu antigo mestre a alternativa de entregar seu cajado, sair da torre e ajudá-los a derrotar Sauron ou permanecer para sempre nela trancado. Furioso, Saruman pragueja e tenta retirar-se, mas Gandalf o imobiliza magicamente.

> – Não lhe dei permissão para sair – disse Gandalf numa voz firme. Ainda não terminei. Você se transformou num tolo, Saruman, e apesar disso causa pena.
> (...)
> – Olhe! Não sou Gandalf, o Cinzento, que você traiu. Sou Gandalf, o Branco, que retornou da morte. Agora você não

> tem cor alguma e eu o expulso da ordem e do Conselho.
> Ergueu a mão e falou lentamente, numa voz límpida e fria.
> – Saruman, seu cajado está quebrado. Houve um estalido, o cajado se partiu em pedaços, e sua parte superior caiu aos pés de Gandalf. (pág. 190)

Grima, enfurecido, arremessa uma esfera de cristal pela janela tentando atingir Gandalf, mas erra o alvo e Pippin agarra o globo que decidem guardar, julgando ser algum artefato de grande poder, o que é confirmado por um grito de raiva de Saruman que é ouvido assim que eles saem. Gandalf pede a Barbárvore que mantenha inundado o poço ao redor de Orthanc e vigie a torre para que Saruman e Grima não saiam dela.

Capítulo 11: O Palantir

A sociedade decide acompanhar o Rei até Edoras. No caminho, Pippin, tomado de curiosidade pela esfera que havia sido atirada por Grima, a surrupia dos braços de Gandalf enquanto este dorme. Quando olha no globo, Pippin vê a torre escura de Morgul e entra em comunicação direta com o próprio Sauron, que o interroga. Com um grito, o hobbit derruba a esfera, acordando um enfurecido Gandalf que, após certificar-se de que nada havia sido revelado a quem quer que estivesse do outro lado, compreende tratar-se a pedra de um dos palantires, artefatos mágicos usados pelos antigos reis dos homens que permitem observação e comunicação por grandes distâncias. Como observa Aragorn, provavelmente era assim que Saruman se comunicava com Sauron e deve ter sido este o instrumento maior da corrupção do mago. Gandalf nota ainda que, apesar do risco pelo qual acabam de passar, a tolice de Pippin talvez tenha tido o efeito benéfico de confundir o senhor das trevas (gerando dúvida

se o hobbit visto possuía ou não o Anel, e se ele se encontrava ou não em Isengard). A guarda da pedra é confiada a Aragorn, que reconhece o perigo da tarefa, mas que a recebe legitimamente:

> – Há uma pessoa que poderá reivindicá-la por direito. Pois este é certamente o palantír de Orthanc, do tesouro de Elendil, colocado aqui pelos Reis de Gondor. Agora minha hora se aproxima. Vou ficar com ele! (pág. 203)

Gandalf cavalga para Minas Tirith e, por prudência, leva o encrenqueiro Pippin consigo. Os outros prosseguem para Edoras.

Livro IV

Capítulo 1: Sméagol Domado

> – Bem, senhor, estamos numa enrascada, sem dúvida – disse Sam Gamgi. (pág. 212)

A narração retrocede ao que acontecera com Frodo e Sam enquanto atravessavam sozinhos, no terceiro dia desde que haviam deixado seus companheiros, as colinas de Emyn Muil (que só conseguiram escalar graças às cordas élficas que lhes haviam sido presenteadas) quando percebem estarem sendo seguidos por Gollum, que acaba os atacando para roubar o Anel. Os hobbits reagem e subjugam Gollum. A criatura implora misericórdia e jura serv-los e ajudá-los. Mesmo não confiando muito em Gollum, acabam por aceitá-lo como guia, já que não têm a menor ideia do caminho para Mordor. Após o juramento, Gollum parece sofrer transformação de caráter e "se levantou

e começou a saltitar, como um vira-latas que depois de açoitado é acariciado pelo dono. Desde esse momento, uma mudança, que durou algum tempo, operou-se nele. Ao falar chiava e choramingava menos, e se dirigia aos seus companheiros diretamente, e não à sua própria e preciosa pessoa. Se os hobbits se aproximassem ou fizessem qualquer movimento súbito, ele se encolhia e recuava, e também evitava o toque de suas capas élficas; mas era amigável e na verdade dava pena ver como se esforçava para agradar. Era capaz de rir às gargalhadas e fazer cabriolagens, por qualquer brincadeira, ou até mesmo se Frodo lhe dirigisse a palavra com gentileza, e de chorar se Frodo o repelisse. Sam não lhe dizia quase nada. Suspeitava dele agora mais do que nunca e, se isso fosse possível, gostava menos do novo Gollum, o Sméagol, do que do antigo."

Capítulo 2: A Travessia dos Pântanos

Buscando evitar os campos abertos, muito vigiados por orcs, os dois hobbits são conduzidos por Gollum à noite, já que ele teme o Sol ("o rosto amarelo") através de região deserta nos arredores das terras de Mordor, conhecida como Pântanos Mortos, local sombrio onde muitos guerreiros foram enterrados quando da guerra que encerrou a Segunda Era. Sob a lama do pântano, em alguns pontos, é possível ainda ver as faces dos mortos, meio cadáveres, meio espectros, iluminados por luzes fantasmagóricas, para as quais Gollum adverte que não se deveria olhar.

O único alimento que lhes resta são os pães de lembas, que – felizmente para os hobbits – Gollum recusa-se a comer. Frodo parece ganhar alguma confiança na criatura, mas Sam vigia-o constantemente e jamais adormece antes dele. Numa das noites são aterrorizados por nazgûls (que sentem a presença do Anel) montados em monstros alados que sobrevoam a região. Na medida em que se

aproximam de Mordor, o peso do Anel aumenta e torna-se progressivamente mais difícil para Frodo carregá-lo e resistir à tentação de usá-lo. Gollum, por sua vez, entra em conflito consigo mesmo e divide-se entre o desejo pelo Anel e o juramento feito a Frodo, a quem ele chama de mestre e é, em troca, tratado por seu nome verdadeiro, Sméagol. Assim volta a se manifestar o aspecto original de Gollum que há muito havia sido sufocado pelo poder do Anel. Mesmo o lado corrompido de Gollum deseja fazer todo o possível para evitar que o Anel caia nas mãos do senhor do escuro.

> O bom é que nenhuma das metades do velho vilão sabe o que o mestre pretende fazer, pensou ele (Sam). Se ele soubesse que o Sr. Frodo está tentando pôr um fim em seu Precioso de uma vez por todas, haveria problemas logo, logo, eu aposto. De qualquer forma, o velho Fedegoso está com tanto medo do Inimigo - e está obedecendo a algum tipo de ordem dele, ou estava - que preferiria nos entregar a ser pego nos ajudando, ou talvez a permitir que seu precioso fosse derretido. Pelo menos é isso que penso. E espero que o mestre considere o assunto com cuidado. Sabedoria não lhe falta, mas tem o coração mole, esse é o jeito dele. Está fora do alcance de qualquer Gamgi adivinhar o que ele fará em seguida. (pág. 251)

Capítulo 3: O Portão Negro está Fechado

Chegando aos Portões de Mordor, encontram-nos fechados e amplamente vigiados por orcs e homens do Leste, sobretudo nas duas torres que o cercam, conhecidas como os dentes de Mordor. Irritado pela impossibilidade de

continuar, Sam exige que Gollum mostre-lhes outro caminho e este acaba revelando a existência da passagem conhecida como Cirith Ungol, localizada depois da cidade fantasma de Minas Ithil (renomeada para Minas Morgul) e a Torre da Lua, fortemente guardada por orcs. Diz ser este o caminho que ele tinha usado para escapar de Mordor e que é muito perigoso. Embora desconfie de que a fuga de Gollum de Mordor provavelmente não havia sido contra a vontade de Sauron, e que Gollum não esteja sendo inteiramente honesto, Frodo aceita a sugestão, por falta de alternativa.

Durante a jornada por Mordor, Sam e Frodo veem muitos homens com bandeiras vermelhas e longos cabelos negros marchando para juntar-se às forças de Sauron.

Capítulo 4: De Ervas e Coelho Cozido

Viajando em direção sul, atingem as terras de Ithilien, uma região de Gondor apenas recentemente conquistada por Sauron e ainda livre da devastação (e desertificação) típica da topografia de Mordor. Lá encontram bosques e água fresca. Gollum captura dois coelhos e Sam faz um guisado, mas o fogo atrai homens armados que patrulhavam a região. Gollum foge. Os guerreiros ficam intrigados com os homenzinhos e o líder deles, Faramir, Capitão de Gondor, alerta-os de que não podem viajar por Ithilien sem permissão. Frodo conta a história de sua missão e Faramir fica subitamente muito interessado quando houve o nome de Boromir, mas a conversa é interrompida pelo chamado dos vigias para a proximidade de uma batalha. Os guardas de Gondor enfrentam um grupo de homens selvagens do Leste e os hobbits assistem pela primeira vez uma luta entre homens. Pela primeira vez, também, veem um olifante, uma criatura similar a um elefante, mas muito maior.

Capítulo 5: A Janela no Oeste

Faramir questiona Frodo e revela ser irmão de Boromir, que suspeita tenha sido traído por aqueles pequenos e que ele sabe já estar morto, pois havia encontrado casualmente seu corpo em um barco descendo o rio Anduin. Revela também saber de uma profecia sobre um hobbit carregando um objeto de grande valor (que Faramir pensa ser os fragmentos da espada de Isildur). Como ignora a morte de Boromir, Frodo conta ao capitão de Gondor seu último encontro com ele sem, no entanto, revelar sua missão ou mencionar o Anel.

Faramir acredita em Frodo, que é levado juntamente com Sam para um acampamento numa gruta escondida sob o véu de uma cachoeira. No esconderijo, comida e bebida são oferecidas aos hobbits e Faramir conta-lhes muitas histórias sobre Gondor e sua capital, a cidade branca de Minas Tirith. Durante a conversa, Sam, boquirroto, acaba sem querer falando do Anel.

> Sim, senhor, com as suas desculpas, e seu irmão era um homem bom, se me permite dizer. Mas o senhor sempre esteve no rastro certo. Eu observei Boromir e o escutei, de Valfenda, por toda a estrada – tomando conta de meu mestre, se o senhor me entende, e não desejando qualquer mal a Boromir –, e minha opinião é que em Lórien ele pela primeira vez viu claramente o que eu adivinhei antes: o que queria. Desde a primeira vez que o viu, ele quis o Anel do Inimigo.
>
> – Sam! – gritou Frodo horrorizado. Ficara mergulhado nos próprios pensamentos por um tempo, e saiu deles repentinamente e tarde demais. (pág. 297)

Faramir, ao contrário de seu irmão, não pretende tomar o Anel de Frodo.

Capítulo 6: O Lago Proibido

Os homens de Faramir encontram Gollum caçando peixes em um lago proibido. O Capitão questiona Frodo sobre a criatura, que o hobbit confessa estar ligada a ele. Faramir adverte-lhe que deve ajudar a capturar Gollum, ou ele será morto pelos arqueiros que vigiam o lago. Assim, tentando salvar seu guia, Frodo chama-o para longe do lago, onde os homens de Gondor o capturam e interrogam, fazendo-o jurar não mais regressar àquele local e colocando-o sob a responsabilidade de Frodo. Gollum se junta aos hobbits, mas como não compreende bem o que aconteceu, sente-se traído por Frodo.

Capítulo 7: Viagem às Encruzilhadas

Faramir despede-se dos hobbits, fornece-lhes cajados e algumas provisões e adverte-os para que não bebam das águas do vale dos Mortos-Vivos, Imlad Morgul, não muito distante de onde estão. Gollum os dirige até um lugar que ele chama de Encruzilhadas, onde encontram a estátua sem cabeça de um antigo rei de Gondor.

Capítulo 8: As Escadas de Cirith Ungol

Gollum e os hobbits chegam a Minas Morgul onde ficam impressionados com a visão da Torre da Lua. O caminho torna-se mais irregular e a terra parece permeada por cheiro nauseabundo que dificulta a respiração dos hobbits. No caminho, veem batalhões liderados pelo líder dos nazgûls e por pouco não são descobertos, ajudados pelos mantos élficos. Igualmente, por pouco

Frodo não cede à tentação de colocar o Anel. Frodo começa a preocupar-se com sua missão e com a demora de sua viagem, temendo que talvez já seja tarde demais para destruir o Anel. Sam e Frodo discutem várias coisas, como o nível de confiabilidade que podem atribuir a Gollum e se algum dia eles serão personagens de canções:

> Os feitos corajosos das velhas canções e histórias, Sr. Frodo: aventuras, como eu as costumava chamar. Costumava pensar que eram coisas à procura das quais as pessoas maravilhosas das histórias saíam, porque as queriam, porque eram excitantes e a vida era um pouco enfadonha, um tipo de esporte, como se poderia dizer. Mas não foi assim com as histórias que realmente importaram, ou aquelas que ficam na memória. As pessoas parecem ter sido simplesmente embarcadas nelas, geralmente - seus caminhos apontavam naquela direção, como se diz. Mas acho que eles tiveram um monte de oportunidades, como nós, de dar as costas, apenas não o fizeram. E, se tivessem feito, não saberíamos, porque eles seriam esquecidos. Ouvimos sobre aqueles que simplesmente continuaram - nem todos para chegar a um final feliz, veja bem; pelo menos não para chegar àquilo que as pessoas dentro de uma história, e não fora dela, chamam de final feliz. O senhor sabe, voltar para casa, descobrir que as coisas estão muito bem, embora não sejam exatamente iguais ao que eram - como aconteceu com o velho Sr. Bilbo. Mas essas não são sempre as melhores histórias de se escutar, embora possam ser as melhores histórias para se embarcar nelas! Em que tipo de história teremos caído? (pág. 331)

Decidem descansar e Sam, ao acordar, vê Gollum espreitando e observando Frodo. Segue-se uma discussão. Frodo diz a Gollum que ele é livre para ir, se desejar, mas Gollum diz que os acompanharia até o topo da passagem.

Capítulo 9: A Toca de Laracna

Não demora muito para que a passagem continue por uma caverna que Gollum diz ser a entrada de longo e escuro túnel. Conforme avançam, intensifica-se o mau cheiro e Frodo sente que algo hostil espreita na escuridão. Quando chegam a uma bifurcação, descobrem que Gollum havia desaparecido. Com a luz de Earendil (o frasco dado por Galadriel), Frodo ilumina inúmeros pequenos olhos que descobrem ser de uma imensa criatura com forma de aranha chamada Laracna. "Eram olhos monstruosos e abomináveis, bestiais e ao mesmo tempo cheios de propósito e de um prazer horrendo, exultando sobre suas vítimas, presas e sem qualquer esperança de escaparem." Ao tentar escapar, encontram a passagem bloqueada por teias de aranha que Frodo corta com a Ferroada. Laracna ataca Frodo. Sam tenta defendê-lo, mas é impedido por Gollum, que joga-se contra o hobbit e foge.

> Sam e seu mestre sabiam muito pouco sobre a astúcia de Laracna. Ela tinha muitas saídas de sua toca. (...) Como Laracna chegara ali, fugindo da ruína, ninguém sabe, pois dos Anos Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e antes da primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de sombra; pois todos os

> seres vivos eram sua comida, e seu vômito a escuridão. (...) Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buracos escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a escuridão de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida. (...) Quanto a Sauron, ele sabia onde ela estava entocada. Prezava a ideia de tê-la morando lá, faminta mas não diminuída em malícia, uma sentinela mais eficiente daquela passagem antiga para suas terras que qualquer outra que seu talento poderia ter criado. (pág. 144)

Capítulo 10: As Escolhas de Mestre Samwise

Sam persegue Laracna e a encontra enleando Frodo em fios de teia como um embrulho. Furioso, ataca a criatura com sua adaga, conseguindo feri-la no olho e na barriga. A aranha foge e Sam, ao verificar o estado de seu amigo, julga-o morto, pelo que se confronta com a necessidade de prosseguir sozinho, como herdeiro da missão.

> - Gostaria de não ser o último - gemeu Sam. - Gostaria que o velho Gandalf estivesse aqui, ou alguém. Por que fui deixado sozinho para tomar uma decisão? (pág. 353)

Sam ouve vozes de orcs e rapidamente pega o Anel que, sem refletir muito, acaba colocando no dedo, o que o torna invisível e capaz de compreender o idioma de Mordor.

> Então Sam colocou o Anel no dedo. O mundo mudou, e um único momento de tempo se encheu de uma hora de ponderação. Imediatamente Sam percebeu que sua audição se aguçara, enquanto a visão ficara obscurecida, mas de modo diferente do obscurecimento ocorrido na toca de Laracna. Agora todas as coisas ao seu redor não estavam escuras, mas difusas; enquanto ele mesmo estava lá, num mundo cinzento e enevoado, sozinho, como uma pequena rocha sólida e negra, e o Anel, pesando em sua mão esquerda. Era como um círculo de ouro escaldante. Sam não se sentia invisível de forma alguma, mas terrível e singularmente visível; e sabia que em algum lugar um Olho o procurava. (pág. 356)

Ouvindo, invisível, a conversa dos orcs, que arrastam o corpo de Frodo, Sam descobre que o amigo ainda encontra-se vivo (um dos orcs, Shagrat, afirma que Laracna nunca mata suas vítimas com o veneno, pois gosta de devorá-las vivas) e que há duas facções de orcs rivais na Torre da Lua. Sam segue os orcs, que levam Frodo para a torre. Sam também descobre que os orcs sabem da presença de outro visitante que julgam ser um cavaleiro muito poderoso, porque nunca até então alguém havia cortado as teias de Laracna, muito menos a ferido. Fica orgulhoso.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

Livro V

Capítulo 1: Minas Tirith

Gandalf e Pippin chegam à cidade-fortaleza de Minas Tirith. A cidade é toda construída com pedra branca em sete níveis circundados por sete semicírculos de muralhas de pedra. É possível, todavia, sentir o quanto a cidade havia decaído. Ao longe estavam acesas as fogueiras, sinal de que Gondor pedia ajuda aos aliados. No coração da cidade encontra-se a Torre Branca, para onde se dirige Gandalf, pedindo uma audiência com o atual regente de Gondor, Denethor, pai de Boromir e Faramir. No pátio do Regente, a Árvore Branca, símbolo da vitalidade de Gondor, estava morta há mais de cento e cinquenta anos. Encontram o Regente de luto, segurando a corneta quebrada de seu filho Boromir. Gandalf adverte Pippin para não contar a Denethor mais do que o necessário e para não mencionar Frodo ou Aragorn.

Durante a audiência, fica clara a antipatia recíproca entre Denethor e Gandalf. Pippin, desprezando o conselho de Gandalf, é quem mais fala, contando a Denethor muito sobre como seu filho Boromir havia morrido lutando para salvá-lo. O hobbit acaba jurando fidelidade a Gondor, oferecendo seus serviços ao Regente, que os aceita. Pippin observa que "Denethor se assemelhava muito mais a um grande mago que Gandalf, com mais realeza, mais beleza, mais poder e mais idade. Apesar disso um sentido em Pippin, que não era a visão, percebia que Gandalf tinha o poder maior, e a sabedoria mais profunda, e uma majestade velada. E era mais velho, muito mais velho. 'Quanto mais velho?', perguntou-se ele, e então pensou como era estranho nunca ter pensado nisso antes. Barbárvore dissera algo sobre os magos, mas mesmo naquele momento ele não pensara em Gandalf como um deles. O que era Gandalf? Em que lugar e época

distantes surgira no mundo, e quando o deixaria? Então suas meditações foram interrompidas, e ele viu que Denethor e Gandalf ainda estavam se olhando, olhos nos olhos, como se estivessem lendo a mente um do outro".

Gandalf deseja alertar Denethor e contar-lhe sobre o que havia ocorrido em Rohan e sobre a ameaça a Gondor, mas Denethor pede a Pippin para que fale e parece não se interessar por nada que Gandalf tenha a dizer, alegando saber cuidar de seu reino:

> Apesar disso (de saber do perigo crescente), o Senhor de Gondor não deve ser transformado na ferramenta dos propósitos de outros homens, não importa quanto sejam valorosos. E para ele não há propósito mais alto no mundo, como ele se apresenta agora, do que o bem de Gondor; e a lei de Gondor, meu senhor, é minha e de nenhum outro homem, a não ser que o rei retorne.
> – A não ser que o rei retorne? – disse Gandalf.
> – Bem, meu senhor Regente, é sua tarefa manter ainda algum reino tendo em vista esse evento, que agora poucos esperam ver. Nessa tarefa terá toda a ajuda que estiver disposto a pedir. Mas vou lhe dizer isto: a lei de nenhum reino é minha, nem a de Gondor nem a de qualquer outro, grande ou pequeno. Mas todas as coisas que correm perigo no mundo como ele agora se apresenta, estas são a minha preocupação. E, de minha parte, não terei fracassado inteiramente em minha missão, mesmo que Gondor venha a perecer, se alguma coisa atravessar esta noite e ainda puder crescer bela e dar flores e frutos de novo nos dias vindouros.

> – Pois também sou um regente. Você não sabia? – E com isso virou-se e se afastou do salão, com Pippin correndo ao seu lado. (pág. 18)

Após a audiência, Gandalf comenta com Pippin as habilidades de Denethor em ler a mente dos homens. Pippin conhece um soldado chamado Beregond que lhe faz companhia e lhe entrega as senhas da cidade. Mais tarde, Pippin e Bergil, filho de Beregond, vão aos portões da cidade onde assistem à chegada dos insuficientes exércitos de reinos aliados dos homens que vêm reforçar as defesas de Minas Tirith. Imrahil, príncipe de Dol Amroth é o mais impressionante dos aliados e aquele que traz maior número de tropas, ainda que, no total, os reforços tenham sido bem inferiores ao esperado.

Capítulo 2: A Passagem da Companhia Cinzenta

Enquanto isto, em Rohan, um grupo de guardiões do norte, parentes de Passolargo – os dúnedains – acompanhados pelos filhos do sábio élfico Elrond, Elladan e Elrohir, vem juntar-se ao exército de Théoden, conforme pedido que receberam de Valfenda. No abismo de Helm, Passolargo decide usar o palantir. Com muito esforço, consegue impressionar a mente de Sauron alertando-lhe de que ele, o herdeiro de Isildur, está vivo. Julgando que os cavaleiros não chegarão a Minas Tirith a tempo, Aragorn decide seguir conselho de Elrond, e separar-se de Théoden – que ainda precisa concentrar os exércitos em Edoras antes de partir para Minas Tirith – tomando o rumo das sendas dos Mortos, onde um exército de guerreiros amaldiçoados por terem traído Isildur durante a grande batalha vive há milênios sob forma fantasmagórica esperando por uma chance de se redimir e cumprir seu juramento quebrado, chance que Aragorn julga-se apto a lhes oferecer, na condição de herdeiro dos reis de Gondor. Acompanhado dos

dunedáins, de Legolas e Gimli, adentra a passagem pela montanha que abriga o povo amaldiçoado, e lá convoca os mortos:

> Então ouviu-se uma voz saída da noite, que lhe respondeu, como se viesse de muito longe:
> – Viemos para cumprir nosso juramento e ter paz. Então Aragorn disse:
> – Finalmente é chegada a hora. Agora vou para Pelargir, sobre o Anduin, e deveis me seguir. E, quando toda esta terra estiver livre dos servidores de Sauron, vou considerar o juramento cumprido, e tereis paz e podereis partir para sempre. Pois eu sou Elessar, herdeiro de Isildur de Gondor. (pág. 50)

Aragorn ordena que se levante uma bandeira negra e marcha para Minas Tirith em grande velocidade acompanhado do exército de mortos-vivos.

> – Os Mortos estão nos seguindo - disse Legolas. – Vejo vultos de homens e cavalos e pálidas bandeiras como retalhos de nuvens, e lanças como arbustos hibernais numa noite de névoa. Os Mortos estão nos seguindo. (pág. 50)

Capítulo 3: A Concentração das Tropas de Rohan

Enquanto Aragorn toma o mais rápido e inusitado caminho das sendas, Théoden reúne seu exército e vai ao encontro da princesa Éowyn, que havia ficado governando Edoras. Aragorn já havia passado por lá e Éowyn, que o

ama secretamente, ficara triste com a estranha decisão de Aragorn de partir pelas sendas dos Mortos, local de onde nunca ninguém havia voltado vivo (os rohirins acreditam que ninguém pode sair vivo de lá), e todos lamentam o que já consideram a perda de um grande aliado. O Rei recebe um mensageiro de Minas Tirith, que carrega uma flecha vermelha, sinal de que Gondor precisava de ajuda com urgência, pois o grande o exército de Mordor preparava-se para atacar a cidade. Théoden decide então partir de imediato, ainda que com contingente reduzido, e pede a Merry que fique em Edoras com Éowyn. Merry aceita contrariado, mas quando da partida acaba recebendo a oferta de ser levado em segredo por um jovem cavaleiro chamado Dernhelm. Ele aceita.

Capítulo 4: O Cerco de Gondor

Pippin, que se tornou um servidor de Gondor (tendo até recebido um uniforme), observa o regresso de Faramir à cidade. O hobbit acompanha Gandalf durante o encontro do Capitão com Denethor, que demonstra muito menos consideração por seu filho mais novo do que por Boromir, chegando a dizer que preferiria que Faramir tivesse morrido no lugar do irmão. O Regente também condena Faramir por não ter tomado o Anel de Frodo. Gandalf defende Faramir, e segue-se um debate:

> Você talvez seja sábio, Mithrandir (nome de Gandalf em Gondor), e apesar disso, com todas as sutilezas, você não detém toda a sabedoria. Pode haver planos que não sejam nem as teias dos magos nem a pressa dos tolos. Nesse assunto, tenho mais conhecimento e sabedoria do que você supõe.
>
> – Qual é então a sua sabedoria? – perguntou Gandalf.

– A suficiente para perceber que há duas loucuras que se devem evitar. Usar essa coisa é perigoso. Nesta hora, enviá-la nas mãos de um Pequeno desmiolado para dentro da terra do próprio Inimigo, como você fez, e também este meu filho, isso é sandice.

– E o Senhor Denethor, que teria ele feito?

– Nenhuma das duas coisas. Mas, com toda certeza, por argumento algum teria ele colocado essa coisa num perigo que elimina as esperanças de qualquer um, a não ser que se trate de um tolo, arriscando nossa completa ruína, no caso de o Inimigo recuperar o que perdeu. Não, ela deveria ter sido guardada, escondida, muito bem escondida. Não usada, eu lhe digo, exceto numa extrema necessidade, mas colocada fora do alcance dele, a não ser que ocorresse uma vitória tão decisiva que o que acontecesse depois não nos incomodasse, pois estaríamos mortos.

–Você está pensando, meu senhor, como é seu costume, apenas em Gondor – disse Gandalf. – Apesar disso há outros homens e outras vidas, e outro tempo ainda por vir. E, quanto a mim, condoo-me até dos escravos dele. (pág. 78)

(...)

Você é forte e ainda pode se controlar em alguns pontos, Denethor, mas, se tivesse recebido essa coisa, ela o teria derrotado. Se fosse enterrada embaixo das raízes do Mindolluin, ainda assim ela iria continuar queimando sua mente, enquanto cresce a escuridão, e sobrevêm coisas ainda piores, que logo nos surpreenderão. (pág. 79)

Faramir acaba sendo enviado por Denethor para defender as passagens ao longo do rio Anduin, tarefa inútil e suicida, e regressa logo, mortalmente ferido por flecha envenenada. Ao mesmo tempo, inicia-se o cerco à cidade, com tropas de Sauron atacando por terra e por ar. Denethor, enlouquecido pela culpa, desespera-se ao ver o último filho à beira da morte e, em um ato extremo, renuncia ao comando da cidade e decide incinerar-se a si próprio e ao filho moribundo, trancando-se com ele nas Casas dos Mortos. E "foi assim que Gandalf tomou para si o comando da última defesa da Cidade de Gondor. Aonde quer que fosse, fazia com que os corações dos homens ficassem de novo mais leves, e as sombras aladas desaparecessem da lembrança".

"Finalmente, a Cidade estava cercada, fechada num circulo de adversários. A Rammas fora derrubada, e todo o Pelennor estava abandonado ao Inimigo." Os portões da cidade são derrubados por gigantesco aríete e o líder dos nazgûls, que comandava o ataque, confronta-se com Gandalf.

> O Cavaleiro Negro jogou para trás o capuz e todos ficaram atônitos: ele tinha uma coroa real, e mesmo assim ela não repousava sobre nenhuma cabeça visível. As labaredas rubras reluziam entre a coroa e os ombros largos e escuros protegidos pela capa. De uma boca invisível veio uma risada mortal
> – Velho tolo! – disse ele. – Velho tolo! Esta é a minha hora. Não reconhece a morte ao deparar com ela? Morra agora e pragueje em vão! - E com essas palavras ergueu a espada, de cuja lâmina escorriam chamas. Gandalf não se mexeu. E naquele exato momento, em algum pátio distante da Cidade, um galo cantou. Cantou num tom estridente e

> cristalino sem se importar com feitiçaria ou guerra, apenas saudando a manhã que no céu, acima das sombras da morte, chegava com a aurora. E como em resposta veio de longe uma outra nota. Trombetas, trombetas, trombetas. Ecoaram fracas nas encostas escuras do Mindolluin. Grandes trombetas do norte, num clangor alucinado. Rohan finalmente chegara. (pág. 95)

Capítulo 5: A Cavalgada dos Rohirins

Por quatro dias havia o exército de Théoden cavalgado sem descanso, tomando atalho revelado por um povo aliado de homens selvagens, marchando ao som do chifre de Théoden, e caindo sobre os exércitos de Sauron exatamente a tempo.

Capítulo 6: A Batalha dos Campos do Pelennor

O capitão dos nazgûls desiste de enfrentar Gandalf e volta-se contra Théoden, atacando-o. Mas, juntos, Merry e Derhelm (que na verdade é Éowyn disfarçada) derrotam o espectro, à custa de graves ferimentos. Théoden perece, mas antes designa Éomer seu sucessor.

A batalha pende para o lado de Mordor e os defensores começam a perder a esperança, até que "negra contra a água reluzente eles divisaram uma frota trazida pelo vento: dromundas e navios de grande calado com muitos remos, com velas negras enfunadas ao vento". A frota desembarca com Aragorn, seus companheiros, os exércitos aliados de Gondor meridional e um temível exército negro de mortos-vivos que assusta até mesmo as forças de Sauron "e a alegria

dos rohirim foi uma torrente de riso e um clarão de espadas, e o contentamento e a surpresa da Cidade foi uma música de trombeta e um badalar de sinos. Mas os exércitos de Mordor ficaram atônitos, e lhes parecia um grande feitiço que seus próprios navios estivessem cheios de seus inimigos; foram tomados de um terror negro, percebendo que a maré do destino se voltava contra eles, e seu fim estava próximo".

Capítulo 7: A Pira de Denethor

Gandalf é alertado por Pippin sobre os planos homicidas de Denethor e vai até as Casas dos Mortos dissuadi-lo de sua loucura, mas o regente está descontrolado e convencido da invencibilidade de Mordor.

> – Ele não acordará de novo – disse Denethor. – A batalha é inútil. Por que deveríamos desejar viver por mais tempo? Por que não deveríamos nos encaminhar para a morte lado a lado?
> - A autoridade não lhe foi dada, Regente de Gondor, para ordenar a hora de sua morte – respondeu Gandalf – E apenas os reis bárbaros, sob o domínio do Poder Escuro, fizeram isso, matando-se por orgulho e desespero, assassinando seus parentes para aliviar a própria morte. (pág. 121)

Denethor tenta queimar seu filho (que ainda está vivo, porém inconsciente), mas o soldado Beregond o impede. Desesperado, Denethor lança-se ao fogo e é consumido pelas chamas. Mais tarde Gandalf descobre que o regente de Gondor também possuía um palantir escondido na Torre Branca. "O conhecimento que

obteve, sem dúvida, muitas vezes lhe foi útil; apesar disso, a visão do grande poder de Mordor que lhe foi revelada alimentou o desespero de seu coração até subjugar sua mente."

Capítulo 8: As Casas de Cura

Nas Casas de Cura, Gandalf fica sabendo da lenda segundo a qual "as mãos dos reis são sempre as mãos de um curador. Dessa maneira sempre se sabia quem era o verdadeiro rei." Confirmando a lenda, Aragorn, usando a erva athelas (ou erva-do-rei), consegue tratar de terríveis ferimentos proporcionados pelo veneno e pelo "hálito negro" dos nazgûls, como os de Merry e de Éowyn, que se encontram muito feridos. Apesar disto, Aragorn decide não reivindicar o trono de Gondor enquanto durar a guerra contra Sauron.

Capítulo 9: O Último Debate

Legolas e Gimli finalmente conhecem Minas Tirith, reencontram Merry e Pippin e conhecem o príncipe Imrahil, que debate, com Éomer, Gandalf, Aragorn e os filhos de Elrond sobre que atitude tomar frente a Sauron após a vitória nos campos de Pelennor. Gandalf propõe enviar um exército a Mordor como distração para facilitar o trabalho de Frodo, já que toda a esperança estava nas mãos dele.

> – Seu Olho está agora perscrutando em nossa direção, praticamente cego para tudo o mais que se move. Assim devemos mantê-lo. Aí está toda a nossa esperança. Este, então, é o meu conselho: não possuímos o Anel. Por sabedoria, ou por uma grande loucura, nós o enviamos

> para longe para ser destruído, e para evitar que nos destruísse. Sem o Anel, não podemos pela força destruir a força de Sauron. Mas devemos a todo custo manter seu Olho longe do verdadeiro perigo que o ameaça. Não podemos conquistar a vitória por meio das armas, mas por meio das armas podemos dar ao Portador do Anel sua única oportunidade, por mais frágil que seja. (pág. 150)

Capítulo 10: O Portão Negro se Abre

Marcham assim em direção a Mordor com uma significativa parte de suas forças (quase nada se comparada aos exércitos de Sauron) e no caminho fazem de tudo para serem notados, proclamando o mais alto possível o regresso do rei de Gondor. No Portão Negro, desafiam Sauron a sair e enfrentá-los, mas quem aparece é Boca de Sauron (um feiticeiro que se apresenta como mensageiro e embaixador de Sauron e lugar-tenente de Barad-dûr), que declara ter capturado um espião hobbit, mostrando as vestes de Frodo e Sam, e exigindo a rendição incondicional do Oeste. Gandalf recusa os termos de Boca de Sauron, mas toma as roupas dos hobbits. Irritado, o embaixador retorna ao Portão que se abre e expele um imenso exército, "forças dez vezes maiores e ainda mais numerosas que isso os cercariam num mar de inimigos. Sauron tinha mordido a isca com mandíbulas de aço". A batalha inicia-se e Pippin luta bravamente.

Livro VI

Capítulo 1: A Torre de Cirith Ungol

A narrativa volta para o drama de Sam na caverna de Laracna tentando recuperar

Frodo das mãos dos orcs. Enquanto busca a outra passagem para a torre de Cirith Ungol, para onde os orcs haviam levado seu amigo paralisado, Sam descobriu que na torre grassava o caos causado por uma batalha entre duas facções de orcs, que brigavam pelos pertences de Frodo. Assim que a batalha terminou, Sam atravessou os portões, agora guardados apenas pelos Dois Sentinelas, guardiões semi-estátuas cujo olhar Sam acredita ter conseguido ofuscar com a luz do frasco de Galadriel:

> Naquela hora de provação, foi o amor por seu mestre que mais o ajudou a manter-se firme; mas também, no fundo de seu ser, ainda vivia independente seu senso simples de hobbit: sabia em seu coração que não era grande o suficiente para carregar tal fardo, mesmo que aquelas visões não fossem apenas uma mera ilusão para atraiçoá-lo. O pequeno jardim de um jardineiro livre era tudo o que desejava e de que precisava, não um jardim expandido em um reino; queria trabalhar com as próprias mãos, e não ter as mãos dos outros para comandar. (pág. 172)

Na torre encontra muitos orcs mortos e nota que estes realmente vestiam dois tipos diferentes de uniformes. Sam começa a cantar e ouve resposta de Frodo, preso na câmara mais alta da torre. Lá encontra e ataca o orc guardião Snaga, que acaba caindo da escada e quebrando o pescoço. Frodo já pode se mover e Sam decide que devem se disfarçar com roupas de orcs (suas roupas ali abandonadas são as que Boca de Sauron mostraria a Gandalf). Ao sair, são surpreendidos por grito terrível dos Sentinelas, mas conseguem escapar.

Capítulo 2: A Terra da Sombra

Passando sede e fome, os dois hobbits viajam disfarçados e escondidos para o norte. Ouvindo a conversa de alguns orcs descobrem que Gollum continua vivo. No meio do caminho, são interceptados por uruk-hais – que os creem orcs desertores –, mas a súbita confusão causada por uma nova luta entre diferentes grupos dos servidores de Sauron permite que escapem novamente. Decidem seguir o quanto possível pelo caminho mais rápido e menos seguro – uma grande estrada margeando pântanos pestilentos – e no caminho perguntam-se sobre como os orcs podiam viver em tal lugar.

Capítulo 3: A Montanha da Perdição

Quando se aproximam de Orodruin, deixam a estrada exaustos, famintos e sedentos e decidem desfazer-se de todo o peso morto que levavam para aguentar o resto da caminhada. Quando Sam, tentando animar o amigo, pergunta-lhe se se lembrava do olifante e de outras coisas incríveis que haviam visto em sua viagem, Frodo responde que:

> – Não, receio que não, Sam – disse Frodo. – Pelo menos, sei que essas coisas aconteceram, mas não consigo vê-las em minha mente. Nem sentir o gosto de comida, nem a sensação da água, nem ouvir o som do vento. Nem me lembrar de árvore ou grama ou flor, nenhuma imagem de lua ou estrela me resta. Estou nu no escuro, Sam, e nenhum véu se coloca entre mim e a roda de fogo. Começo a vê-la até com os olhos despertos, e todo o resto desaparece. (pág. 213)

Tendo de suportar fardo cada vez mais pesado, Frodo desmaia de exaustão e precisa ser carregado por Sam. Ao aproximarem-se da montanha são atacados por Gollum e Sam o enfrenta. Enquanto isso, Frodo escapa e corre até a beirada das câmaras de fogo, mas não é forte o suficiente para arremessar o Anel e não resiste a colocá-lo no dedo.

> – Cheguei - disse ele. – Mas agora minha escolha é não fazer o que vim aqui para fazer. Não vou realizar este feito. O Anel é meu!

PROF. MONIR: *"My precious! My precious!"* É o Frodo dizendo *"My precious!"*

> – E de repente, colocando-o no dedo, desapareceu da visão de Sam. Sam abriu a boca assombrado, mas não pôde gritar, pois naquele momento muitas coisas aconteceram. (pág. 222)

Gollum ataca o Frodo, e "na beira do abismo, lutava como um ser ensandecido contra um inimigo invisível". Com uma mordida, a criatura arranca um dedo do hobbit juntamente com o Anel, mas, extasiado por tê-lo recuperado, desequilibra-se e despenca nos poços de fogo da Montanha da Perdição.

PROF. MONIR: Gollum cai com o anel, que ele arrancou junto com o dedo do Frodo com uma mordida. Frodo não queria mais jogar o anel fora, porque jogar o anel fora seria ficar sem ele – é o *"my precious"*, não é? Continue, por favor.

O espírito de Sauron perece juntamente com o Anel e todo seu reino entra em colapso. "Torres caíram e montanhas deslizaram; paredes desmoronaram e derreteram, esboroando-se; enormes espirais de fumaça e jatos de vapor subiam, subiam e se espalhavam, até formarem um teto semelhante a uma onda ameaçadora, e sua crista alucinada se crispou e veio descendo e cobrindo tudo, espumando sobre a terra. E então, por fim, através das milhas da planície chegou um ribombo, crescendo até se tornar um estrondo e um rugido ensurdecedores; a terra tremeu, a planície arfou, abriu-se em brechas e o Orodruín cambaleou". A missão estava cumprida e Frodo lembra-se das palavras de Gandalf, segundo as quais até mesmo Gollum tinha um papel a fazer. "Se não fosse por ele, Sam, eu não poderia ter destruído o Anel. A Demanda teria sido em vão, no fim de tanta amargura. Então vamos perdoá-lo! Pois a Demanda está terminada, e com sucesso, e tudo está acabado. Estou contente por tê-lo comigo. Aqui, no fim de todas as coisas, Sam."

PROF. MONIR: Muito bem! Daí para frente o que acontece é que aqueles orcs que estavam lutando com as tropas do oeste na frente dos portões, com morte de Sauron, com a destruição do anel, automaticamente perdem as forças. Eles se dispensam, são mortos e trucidados. E acaba fundamentalmente a história.

A história fica muito importante um pouco mais para a frente quando, então, Aragorn, tendo sido compreendido como o rei que precisava voltar – tanto é que o terceiro livro chama-se *A Volta do Rei* – é coroado por Gandalf, como se faz sempre: o poder espiritual coroa o poder temporal. É coroado o novo rei das terras humanas, ou seja, o novo rei da Terra do Meio, e Aragorn assume finalmente a coroa. Vem de Valfenda a princesa Arwen que então finalmente casa com Aragorn –no final da história, sem que tenhamos

sabido de verdade que os dois mantinham qualquer espécie de romance. Arwen é aquela moça filha de Elrond, elfo de Valfenda, que encontramos no começo.

Há uma dispersão de todo mundo; cada um vai para o seu lado e os quatro hobbits voltam para o Condado. Chegando lá, encontram o Condado em polvorosa porque havia sido implantada uma tirania do pior tipo possível. Eles então não aceitam a tirania e descobrem que por trás estavam Saruman e Língua-de-Cobra, que haviam fugido da torre e estabelecido lá uma tirania, mas muito menor do que a outra – quer dizer, uma espécie de tirania sul-americana. Esses quatro, então, organizam uma rebelião contra Saruman, que acaba sendo morto por Língua-de-Cobra, e Língua-de-Cobra termina sendo morto pelos hobbits. Isso fez com que as coisas aparentemente se pacificassem. E a coisa toda apenas se modifica quando Frodo começa a perceber que aquela ferida que ele havia recebido na luta contra o cavaleiro negro, logo no início da história, nunca se cicatrizaria. Ele se sente sempre mal, até que um belo dia resolve aproveitar o fato de que Arwen havia cedido o lugar para ele – os elfos, com a volta do rei Aragorn, estavam indo embora da Terra do Meio, estavam todos pegando um navio e indo para o oeste. Então Arwen, que não podia mais ir, porque se casara com Aragorn e tornara-se mortal – ela abdicou de sua imortalidade para fazer isso – cede o lugar a Frodo, e Frodo vai em direção aos Portos Cinzentos. No final toma um barco para o oeste, mais ou menos como se alguém dissesse assim: "para outro nível de existência", junto com Gandalf e com os elfos que estavam ali. E acabou a história de *O Senhor dos Anéis*.

Capítulo 4: O Campo de Cormallen

Enquanto isso, no campo de batalha em frente ao Portão Negro, as forças do Oeste recebem o apoio inesperado das águias que atacam os monstros alados dos nâzguls e, no momento em que o Anel é destruído o portão desmorona e os exércitos negros entram em desespero e fogem. Gandalf vai até a Montanha da Perdição, mais uma vez montado em Gwahir, o Senhor das águias, e resgata os dois hobbits perdidos em meio à destruição.

Alguns dias depois, Frodo e Sam, já recuperados, são honrados pelo exército do Oeste em Ithilien e lá passam alguns dias com os amigos que há muito não viam.

Capítulo 5: O Regente e o Rei

A narração retrocede brevemente para as Casas de Cura, onde Éowyn e Faramir se conhecem e se apaixonam (Éowyn desiste de sua paixão por Aragorn).

Logo o exército chega a Gondor onde Aragorn é coroado. Mas "para a surpresa de muitos, Aragorn não colocou a coroa sobre a própria cabeça, mas devolveu-a a Faramir, dizendo:

> – Pelo trabalho e pelo valor de muitos tomo posse do que é meu por herança. Em sinal disto gostaria que o Portador do Anel trouxesse a coroa até mim, e que Mithrandir a colocasse sobre minha cabeça, se assim desejar; pois foi ele o promotor de tudo o que foi realizado, e esta vitória lhe pertence. Então Frodo veio à frente e tomou a coroa

de Faramir e levou-a para Gandalf; Aragorn ajoelhou-se, e Gandalf colocou-lhe a coroa Branca sobre a cabeça, dizendo:

- Agora chegaram os dias do Rei, e que sejam bem-aventurados enquanto perdurarem os tronos dos Valar. (pág. 248)

(...)

– Este é o seu reino, e o coração do reino maior que haverá. A Terceira Era do mundo está terminada, e a nova era começou; é sua tarefa ordenar o início e preservar o que pode ser preservado. Pois, embora muito tenha sido salvo, muita coisa deve agora morrer, e o poder dos Três Anéis também terminou. E todas as terras que você está vendo, e aquelas que ficam em torno delas, deverão ser moradias de homens. Chegou o tempo do Domínio dos Homens, e a Gente Antiga deverá desaparecer ou partir. (pág. 251)

Faramir, na condição de novo regente, recebe Ithilien como principado. Alguns dias após Aragorn e Gandalf encontram uma muda da Árvore Branca em um antigo santuário na montanha e a plantam no pátio do Rei. Elrond chega do norte acompanhado de sua filha, Galadriel, e uma comitiva de elfos. "E Aragorn, o rei Elessar, casou-se com Arwen Undómiel na Cidade dos Reis no dia do Solstício de Verão, e cumpriu-se a história de seus árduos trabalhos e de sua longa espera."

Capítulo 6: Muitas Despedidas

O corpo do Rei Théoden é levado para Rohan e lá enterrado. O novo rei,

Éomer, anuncia o casamento de Éowyn e Faramir. Após revisitar Isengard (onde descobrem que Saruman escapara de Orthanc), Legolas e Gimli partem para seus lares. Aragorn assume o reino de Gondor em Minas Tirith.

Na viagem de volta, Gandalf e comitiva encontram Saruman e Grima viajando como mendigos. Os companheiros elfos ficam em Lórien e em Valfenda. Finalmente (e após passar algum tempo em Valfenda com Bilbo, que completou 129 anos), os quatro hobbits despedem-se de Gandalf (que os acompanhou até Bri e foi visitar Tom Bombadil) e voltam sós para o Condado. Sam fica imensamente feliz: "Bem, Sr. Frodo, estivemos em muitos lugares e vimos muitas coisas, mas não acho que encontramos um lugar melhor do que este. Há um pouco de tudo aqui, se o senhor me entende". (pág. 267)

Capítulo 7: De Volta para Casa

Em Bri são informados por Carrapicho que coisas estranhas têm acontecido na região, sobretudo no Condado. Os ferimentos de Frodo continuam a doer muito, e ele não consegue apagar a lembrança de seu fardo.

Capítulo 8: O Expurgo do Condado

Chegando a sua terra natal, os hobbits descobrem que um grupo de rufiões e mercenários chamados "condestáveis" tomaram conta de parte da região e guardam a ponte do Brandevin, Estariam sob as ordens do hobbit Lotho Sacola-Bolseiro, que teria autorizado vários homens de Isengard a causar confusão e destruição por toda a parte. Os hobbits desobedecem às novas e absurdas regras impostas no Condado e são atacados por um grupo de condestáveis que, surpresos por encontrar resistência de hobbits armados,

fracassam na tentativa de prendê-los. Os quatro decidem organizar uma revolta (com o auxílio do fazendeiro Villa) e inicia-se uma verdadeira batalha, na qual

> Muitos hobbits tombaram e o resto estava vacilando quando Merry e Pippin, que estavam no lado leste, vieram na direção dos rufiões e os atacaram. O próprio Merry matou o líder, um brutamontes vesgo que parecia um orc grande. Então recuou suas forças e prendeu os últimos homens num largo círculo de arqueiros. Por fim tudo terminou. Quase setenta rufiões jaziam mortos no campo, e uns doze foram presos. Dezenove hobbits morreram, e uns trinta estavam feridos. Os rufiões mortos foram colocados em carroças e puxados para um velho poço de areia nas proximidades, e ali foram enterrados: no Poço da Batalha, como ficou sendo chamado. (pág. 298)

Liderados por Frodo, os hobbits marcham até Bolsão onde, em vez de Lotho, encontram Saruman e Língua de Cobra, que estavam por trás de tudo. Língua de Cobra (que havia matado Lotho sob as ordens de seu mestre) é humilhado pelo traiçoeiro mago e o acaba apunhalando, sendo em seguida derrubado por arqueiros hobbits.

> – Isto é pior que Mordor! – disse Sam. – De certa maneira muito pior. A gente sente na própria pele, como se diz; porque aqui é nossa casa, e ficamos lembrando de como era antes de ser toda destruída.
> – Sim, isto aqui é Mordor - disse Frodo. – Apenas um de seus trabalhos. Saruman esteve fazendo o trabalho de

> Mordor todo o tempo, mesmo quando julgava estar trabalhando para si mesmo. E o mesmo vale para aqueles que Saruman enganou, como Lotho. (p. 301)
> – E esse é o fim do fim da Guerra, eu espero – disse Merry. (pág. 304)

Capítulo 9: Os Portos Cinzentos

Os invasores derrotados, o Condado reorganiza-se e os hobbits passam um ano calmo e próspero reparando os estragos. Sam (que usa a poeira e sementes que recebeu de Galadriel para plantar árvores por toda a região) casa-se com Rosinha Villa e tem uma filha, passando a viver em Bolsão junto com Frodo, que consegue terminar de escrever o livro de Bilbo, acrescentando sua história à dele. Frodo, no entanto, continua atormentado por seus ferimentos.

> – Qual é o problema, Sr. Frodo? – perguntou Sam
> – Estou ferido – respondeu ele – estou ferido; isso nunca vai sarar. (pág. 311)

Em setembro, Frodo parte para Valfenda e Sam o acompanha, julgando que estejam indo celebrar o aniversário (dele e de Bilbo), mas logo encontram muitos elfos (inclusive Galadriel e Celeborn) e Sam descobre que Frodo pretende ir aos Portos Cinzentos (Arwen, que havia tornado-se mortal por casar-se com Aragorn, havia cedido "sua vaga" para Frodo) para seguir para o Oeste.

> – Meu ferimento foi muito profundo, Sam. Tentei salvar o Condado, e ele foi salvo, mas não para mim. Muitas vezes precisa ser assim, Sam, quando as coisas correm perigo:

alguém tem de desistir delas, perdê-las, para que outros possam tê-las. (pág. 314)

Chegando aos Portos, encontram Gandalf, Cirdan o armador, bem como Merry e Pippin que vieram despedir-se de Frodo e acompanhar Sam de volta para casa. Os elfos, Bilbo e Frodo deixam a Terra-Média em um navio élfico. É o fim da Terceira Era.

FIM

Trajetória da Viagem:

(Resumo feito por Tomaz Nasser Appel, com excertos traduzidos por Lenita Maria Rimoli Esteves, retirados de "O Senhor dos Anéis", Martins Fontes, 3 vol., 2ª. ed., São Paulo, 2000.)

PROF. MONIR: Gostaram da história? É uma história muito bonita, não se pode dizer que não. A gente pode dizer que ela é um pouquinho prolixa, um pouco longa, mas tem um significado extraordinário. É isso que interessa, em última análise, a gente perceber agora.

Como é a história?

Há um anel maligno que está perdido. Este anel então é encontrado e começa a criar poder, fazendo-se notar pelas forças malignas. Essas forças malignas chamam Sauron, que estava enfraquecido. Sauron então começa a procurar o anel para adquirir poder total e controlar todas aquelas comunidades naquele mundo chamado Terra do Meio, ou Terra-Média – se quiserem chamar assim.

Este Sauron só pode ser combatido se não tiver o anel, mas o anel não pode ser transformado numa arma contra Sauron – ele tem que ser destruído. Essa tarefa então é entregue a um pequeno hobbit, comparativamente o menor e mais fraco de todos os indivíduos daquela comunidade. Esse hobbit, apesar de não ter nada com isso diretamente, aceita a tarefa, e se associa com um grupo de outros heróis, digamos assim, que vão fazer um empreendimento quase suicida de jogar o anel nas fornalhas, na Montanha da Perdição, para que o anel deixe de existir e Sauron possa, então, morrer. Depois de muitas e muitas peripécias, isso acontece, e com a morte de Sauron, volta o rei Aragorn, que assume o trono e se casa com uma elfa chamada Arwen. Então, a normalidade retorna à Terra do Meio.

É isso. É ou não é? Eu podia ter começado dizendo isso logo de cara, porque assim, vocês não teriam passado a tarde inteira aqui, não? Isso para quem viu o filme parece completamente óbvio. Certamente para os outros não seria tanto. Queria perguntar: Vocês têm ideia de que tipo de literatura é essa? O nome disso é conto de fadas. É claro, isso começou como um conto de fadas. Tolkien queria fazer um filho dormir e começou a contar uma história. Começou a inventar: "Num chão, num buraco, morava um hobbit". Vocês têm ideia do que seja um conto de fadas como obra literária? O que é um conto de fadas? Todo mundo aqui leu um monte e contou para os seus filhos – ou contará, os que não têm ainda.

O que é um conto de fadas? É uma coisa tão interessante, que as pessoas não compreendem uma coisa básica sobre conto de fadas. É uma história em que pessoas normais se viram em um mundo de loucos. Vocês compreendem? Conto de fadas é uma história para ensinar para crianças, pessoas normais, como é que você consegue viver num mundo de malucos,

de loucos, de feras, monstros. É exatamente o contrário do que temos hoje, porque a literatura moderna é a literatura em que pessoas profundamente anormais comportam-se num mundo normal. Não é isso?

Os contos de fadas foram inventados para você ensinar a criança como a gente se comporta normalmente num mundo de doidos. E a literatura moderna trata do contrário, trata de malucos completos convivendo num mundo de normalidade. Não é uma coisa interessante que isso tenha sido completamente invertido?

Qual é o sentido dessa história que vocês leram? Já sabemos que não é uma alegoria, porque o próprio Tolkien nos proibiu de achar que Sauron é Hitler, que os hobbits são os ingleses, etc. Isso não se pode dizer. Não é uma alegoria.

Mário Ferreira dos Santos – para quem não conhece, é o maior filósofo brasileiro de todos os tempos – tem um livro maravilhoso chamado *Tratado de Simbólica*, que acabou de ser reeditado pela É Realizações. Este livro só havia em sebo, é um pouco difícil de ler, mas há várias pessoas presentes que fizeram comigo o esforço de ler boa parte do livro num grupo de leitura. Mário Ferreira dos Santos diz que hoje em dia ninguém mais sabe o que é simbólica, porque todo mundo só consegue enxergar alegoria. Tudo que usamos para interpretar o mundo são métodos alegóricos: sempre achamos que as coisas estão associadas com algum fato do mundo moderno, com alguma coisa que está acontecendo em volta de nós, quando na verdade – diz Mário Ferreira dos Santos – há uma coisa muito mais profunda. Mas o que é na verdade símbolo? Se não entendermos bem o sentido do símbolo,

não vamos entender a interpretação possível da história de *O Senhor dos Anéis*.

Vamos fazer um raciocínio bem básico: de um lado tenho a realidade; de outro, a mente humana. A mente humana percebe a realidade, mas por alguma intermediação. Porque tudo aquilo que percebemos da realidade entra pelos sentidos – os sentidos precisam lidar com alguma coisa. Essa coisa que entra pelos sentidos é chamada por vários nomes: signos, sinais... – enfim, há muitos nomes que damos para isso que está entre a realidade e o nosso cérebro.

Antigamente achava-se que havia uma categoria especial de intermediário chamado símbolo; isso, hoje em dia, ninguém mais acha que tem. Pela mesma razão pela qual só se consegue pensar em alegoria, também hoje em dia se pensa que todos os símbolos se reduzem a símbolos linguísticos – porque a linguagem é um tipo de simbologia. Por exemplo, em português você sabe que as letras G-A-T-O equivalem a certo animal peludo que faz "miau-miau"; mas se você for um birmanês que não conhece português, a palavra "gato" não te diz nada. Portanto, a linguagem também é um processo simbólico que aprendemos quando dominamos a linguagem. No entanto, como o mundo moderno não reconhece, de modo nenhum, que possa haver diferenças de profundidade, não reconhece diferenças qualitativas nas coisas, para o mundo moderno tudo virou signo, todos esses intermediários são signos. Esses signos foram então resumidos, no mundo moderno, por uma ciência chamada semiótica, ou semiologia – semiótica é o nome que dá a essa ciência John Locke, que é um filósofo inglês, e semiologia foi o nome que Ferdinand de Saussure deu a isso.

Para esses modernos, o conjunto do estudo desses intermediários é chamado semiótica, semiologia. Não sei se vocês compreendem que isso representa uma profunda decadência. Do mesmo modo que a alquimia decaiu para a química, ou seja, perdeu o sentido simbólico (decair é perder o sentido simbólico), do mesmo modo que a astrologia perdeu o sentido simbólico e decaiu para a astronomia, em que você apenas estuda apenas relações neutras entre astros, também a simbologia perdeu o sentido simbólico e virou semiologia. Isso que chamamos de semiótica no mundo moderno é apenas uma versão decadente da velha simbólica – essa que Mário Ferreira dos Santos nos ensina a entender – e que não é mais possível no mundo moderno, porque este não reconhece mais símbolos.

Por isso é que todo mundo acha que Sauron é Hitler: porque não reconhecemos mais símbolos. No máximo, no máximo o que fazemos é nos contentarmos com alguma imagem pantográfica do mundo moderno, como se fosse uma paráfrase, por exemplo, uma paródia – é o *Casseta e Planeta* fazendo paródia da novela – e pensamos que tudo é assim. Por que pensamos isso? Porque não reconhecemos mais a existência do símbolo. Mas como é possível não reconhecer a existência do símbolo? Ora, os símbolos são muito diferentes dos outros signos. Por exemplo, vamos imaginar que você mora com um amigo e é criado entre vocês um código para que quando alguém está com a namorada se pendure na janela uma camisa vermelha, então o outro não sobe. Não é uma coisa comum? Esta camisa vermelha na parede é um signo. Por que, enfim, é um signo? Afinal de contas, o que são signos e símbolos? O que é a palavra "gato"? São todas as coisas que estão no lugar de outra. Então, em vez de trazer um gato e mostrar para vocês, eu digo "gato". "Gato", o que é? É alguma coisa que está no lugar do bichinho. Não preciso buscar um para falar daquele bicho para

você, para você saber do que eu estou falando. Signos e sinais são coisas que estão no lugar de outra coisa.

No entanto, há uma diferença extraordinária entre a camisa vermelha, que é um código – portanto, é um signo, um sinal de que o outro não pode subir – e um símbolo como a cruz, por exemplo, ou como o círculo. E onde está a diferença essencial entre essas duas coisas? É que, enquanto a maioria dos signos é pura convenção, mais ou menos determinada em conjunto – a gente convenciona que é assim –, os símbolos não são convenções, são maiores do que os indivíduos, e portanto têm alguma ligação profunda com a estrutura do espírito humano. São, de alguma maneira, universais.

O que acontece, na verdade, é que há uma gradação entre os sinais em geral, que vão desde os sinais mais convencionais possíveis – meramente estabelecidos porque combinamos de chamar assim – até chegar a um momento em que encontramos um conjunto de sinais que são totalmente diferentes, porque são sinais associados com as realidades tensionais da vida humana, e esses sinais são como que apreendidos por intuição.

Enquanto os signos eu tenho que explicar, os símbolos não preciso explicar, porque pertencem a uma espécie de estrutura da consciência humana, de que todo mundo compartilha, e que estão lá no fundo das coisas. E é só com esses símbolos que estão no fundo das coisas que conseguimos conversar com Deus, por exemplo. É só por meio da simbologia profunda que somos capazes de ter uma conversa com o transcendente.

Além disso, não esqueçam que quando falamos a mesma coisa em termos de comunicação – comunicação é "comunhão", comunicação vem de "comum"

–, a única maneira de ter uma comunicação verdadeiramente profunda entre seres humanos é a partir da simbologia básica que todo mundo tem. Aquilo que Jung quer chamar de arquétipo, por exemplo, é isso. A ideia de arquétipo de Jung é essa, fundamentalmente: a ideia de que há alguma simbologia compartilhada. O que Jung não sabe fazer é explicar bem o que isso significa, porque ele acha que isso são resquícios da vida animal do ser humano, e não são. São resquícios de coisas que estão em cima, e não das que estão embaixo. Mas Jung não conseguiu se libertar daquela ideia freudiana de que a nossa existência é baseada nos nossos piores instintos, e esse é o problema de Jung – que é um psicólogo importante.

O que eu quis dizer para vocês é que a única possibilidade de compreender *O Senhor dos Anéis* é por uma interpretação simbólica. E o símbolo fundamental que está aí em questão, o símbolo fundamental que está sendo trazido é o **símbolo do anel**. Ora, o que o anel representa, em última análise? Por que o anel tem de ser destruído de qualquer jeito?

A história não é entre o bem e o mal. A interpretação mais comum é achar que essa é a velha e incansável luta entre o bem e o mal, mas não é; podemos ir um pouco mais a fundo, somos capazes de olhar para isso com um pouco mais de profundidade, e entender de verdade a obra.

Por que o anel tem de ser destruído? Para poder responder isso, temos que responder à seguinte pergunta: o que ele simboliza? **O que o anel simboliza?** O que o anel é? Pensem. Uma das características do símbolo é que enquanto os sinais, em princípio, não precisam ter nenhuma analogia – posso, em vez de colocar uma camisa vermelha, colocar qualquer camisa na janela, não há nenhuma ligação entre a roupa e o perigo de interromper

um ato amoroso – os símbolos não, os símbolos necessariamente têm em si algum processo de analogia, tem alguma coisa neles que fala, que entrega aquilo que eles simbolizam. O que o anel tem, basicamente? É só descrever o que o anel é: um círculo perfeito... mas tem outra característica. Qual é?

ALUNO: *Maligno*.

PROF. MONIR: Maligno não. Essa característica não é implícita a um anel. Mas o que está na cara do anel, está no próprio anel, que não podemos deixar de perceber? Ele é circular, perfeito, e... pequeno. O anel não é pequeno? Ele tem que caber no dedo. O anel é circular, perfeito e pequeno. Pois o que tem que ser destruído é isso: aquilo que é circular, perfeito e pequeno. Ora, o que é isso, em última análise? Por que Tolkien se deu ao trabalho de levar uma vida inteira estudando isso, para fazer esse livro? Ele não queria fazer um livro de aventuras – muito embora seja bom como livro de aventuras, não é esse o sentido pelo qual um autor eruditíssimo como Tolkien, um homem que passou a vida inteira estudando coisas difíceis, foi fazer um livro desse. Toda a essência, toda a trama, todo o coração da obra está na destruição do anel. Ora, o que é o anel?

Para entendermos o que é o anel, poderíamos pensar em olhar para esse assunto com outro olhar agora, para chegarmos à conclusão certa. Há duas maneiras básicas de olharmos para a vida e para o mundo que está em volta de nós. É assim: a primeira maneira é achar que esse mundo é cheio de mistérios, e a outra maneira é achar que esse mundo é cheio de certezas.

Há uma tensão fundamental na nossa vida, que é o fato de que vivemos num mundo misterioso, e, no entanto só conseguimos viver na medida

em que encontramos certezas. O que se chama de ciência? Não é um processo de se obter alguma certeza sobre alguma coisa? Todo o processo do conhecimento humano é um processo de perseguir certezas, de alguma maneira, de um jeito ou de outro.

Há aí, nesse caso, uma contradição extraordinária entre essas duas coisas; essa tensão natural entre os mistérios do mundo e as certezas que temos sobre o mundo não pode, em última análise, ser resolvida, porque assim é a vida humana. A vida humana é essa miséria entre todo o mistério que nos cerca, do qual não sabemos quase nada, e a necessidade de passarmos a vida encontrando algum pedaço de tábua para nos segurarmos nesse turbilhão extraordinário. Vocês compreendem que isso é uma coisa tensional e, portanto, insolúvel? Tudo aquilo que é tensional não é solúvel. O que é uma tensão? É uma situação em que há um impacto, uma pressão mútua, permanente, para a qual não é possível haver solução nenhuma. Toda a vida humana é tensional. Como é que sabemos que encontramos um grande livro? Todo grande livro, toda grande obra de arte, toda grande ópera, toda grande pintura, toda grande obra humana, de natureza artística, tem um fundo tensional, porque aí você sabe que o sujeito atingiu de verdade as profundidades essenciais da vida.

Pois a ideia de que o anel é a solução para o mundo – todo mundo querer pegar o anel – é uma tentativa de resolver o problema. Mas essa tentativa não funciona, porque você transformar o mundo, você utilizar o anel como símbolo da solução para o mundo do poder é criar uma solução perfeita, mas pequeníssima; é fechar o sistema, e não abri-lo. Portanto, no fundo, no fundo, o quê se contrapõe ao anel não é o não-anel, mas a cruz. No sentido simbólico, a cruz é uma forma geométrica que tem possibilidades para todos

os lados. O anel e a cruz estão em oposição, porque o anel é um sistema em que não há nenhuma possibilidade de sair daquela circularidade, que é fechada, e a cruz, ao contrário, tem as possibilidades todas para todos os lados. O anel corresponde à aceitação da explicação lógica como sendo a única possível, enquanto a cruz corresponde à possibilidade de conviver com o mistério. O anel corresponde ao fechamento e à exaustão das possibilidades do sistema, porque o sistema reproduz-se nele próprio. Quanto mais aberto, maiores as possibilidades e as multiplicidades de escolha; quanto mais fechado, mais unificada está uma ideia, porém, pequena.

O que o anel representa é a atitude humana de tentar enfiar o mundo na cabeça. Ou seja, você pega uma teoria qualquer para a explicação do mundo – seja qual for ela, marxista, freudiana, qualquer que seja – e tenta explicar o resto do mundo inteiro em torno dela, nos padrões dessa teoria. Pois o que acontece depois que você destrói o anel é que finalmente, não tendo mais que colocar o mundo dentro da cabeça, você pode, finalmente, colocar a cabeça no mundo. A existência do anel é a impossibilidade do conhecimento humano verdadeiro, porque ele é uma espécie de prisão de uma ideia única, é o aprisionamento do homem numa proposição fechada, como se tivéssemos a possibilidade de explicar os mistérios do mundo numa fórmula qualquer. É isso que tem de ser destruído a qualquer preço, porque, se não destruirmos isso, a Terra-Média não tem futuro. A humanidade não tem futuro.

A manutenção do anel é a manutenção da circularidade do pensamento, que pode parecer perfeito, porque a nossa razão é que faz com que as coisas sejam perfeitas. O anel é o predomínio da racionalidade no mundo, e a destruição do anel é o predomínio da imaginação. Não existe possibilidade

de vida humana fora da imaginação; dentro da racionalidade estamos todos perdidos e condenados a repetirmos como papagaios um determinado anelzinho que foi estabelecido como sendo a ideia dominante que nos cerca.

O que *O Senhor dos Anéis* está propondo é destruir essa redução da vida humana a um pequeno conjunto de explicações que os seres humanos fazem a partir da sua própria percepção deles mesmos, ou seja, sem a possibilidade de permeação dessas coisas para fora, para com o mundo fora de nós. Na verdade, o que a gente nunca deve esquecer é que tudo flutua num mar de mistérios, e toda a vez que você tenta produzir um anel, você transforma esses mistérios em arremedos de explicação para caber na sua pequena teoriazinha marxista, freudiana, etc. – que é só o que o mundo fez no século XX. O século XX passou o tempo todo criando teorias reducionistas nas quais você enfia o mundo. Então o marxismo explica o amor entre os casais, explica o amor entre pais e filhos, explica a religião... Explica-se qualquer coisa pelo critério marxista – é só você pegar o autor certo. O freudismo explicará todas as relações humanas, todas as relações econômicas, todas as relações sociais por meio de explicações freudianas, ligadas à repressão dos sentimentos, enfim, ligadas aos desejos.

Pois são essas as "anelizações" do mundo que *O Senhor dos Anéis* está nos dizendo que têm que ser jogadas na fogueira da Montanha da Perdição, pois não há modo de vivermos dentro dessas possibilidades, não há modo de vivermos assim de modo saudável. Isso simplesmente não é possível, a humanidade não funciona assim. É mais ou menos como diz Chesterton: a única proposição de vida que funciona é aquela em que você tem em

relação ao mundo uma sensação de espanto associada a uma sensação de acolhimento. E Chesterton acha que essa é a essência do cristianismo, aliás.

A única vida que funciona, que vai dar certo, em última análise, é uma vida que, ao mesmo tempo em que se tem espanto com relação a tudo que está em volta, se tem uma sensação de acolhimento nesse mundo de coisas espantosas, nesse mundo de mistérios – é a única vida humana possível, em última análise. Toda vez que você abdica de considerar o mistério, de considerar o mágico, o místico – quer dizer, toda a vez que você acha que os milagres podem ser explicados pelas leis da física, você joga fora a possibilidade de compreender o mundo. Não há vida filosófica possível dentro de uma perspectiva de que tudo pode ser explicado. A primeira condição para você poder ter vida filosófica é partir da ideia de que tudo flutua num mar de mistérios – não é possível pensar o mundo a não ser assim.

Por que se chama Terra do Meio? Porque o homem vive entre a Terra do Inferno e a Terra do Céu. A natureza humana está sempre entre um firmamento de luz e um abismo de trevas. É por isso que essa *Middle Earth* na verdade é Terra do Meio, e não Terra Média. Terra Média dá outra sensação, dá outra impressão. Terra do Meio é muito melhor, porque dá a ideia simbólica de que o ser humano vive com a possibilidade do inferno e do céu. Não tomem aqui o inferno metaforicamente, no sentido popular, mas o inferno é você aprisionar-se no próprio anel. É isso que é o inferno, você se transforma na própria redundância. Então, a gente tem que escolher entre isso e a possibilidade de abrir o sistema para botar a cara no mundo. Não vamos ter domínio do mundo colocando-o na nossa cabeça; isso é uma pretensão extraordinária. Temos que fazer o contrário: colocar a nossa

cabeça no mundo, e não o mundo na cabeça. É esse o sentido da obra; é por isso *O Senhor dos Anéis* é uma das mais notáveis obras que foram escritas.

Quando você, no final do livro, lembra que Aragorn casa com Arwen, qual é o sentido disso? No cinema é apenas um par romântico, mas no livro significa que a possibilidade de vida humana na Terra Média só funciona quando você faz o casamento da terra com o céu. Porque Arwen representa, de alguma maneira, o céu. Ela é do grupo celeste que se retira e deixa a terra para os homens. Pois o que significa o casamento da terra com o céu? É o casamento do espírito com a matéria, do espírito com as coisas humanas materiais. É a garantia de que o anel não será reforjado. Esse é o sentido simbólico do casamento dos dois no final, que no filme tem conotação muito romântica mas no livro não, no livro tem conotação apenas simbólica, para não nos deixar esquecer disto: que o casamento de Aragorn com Arwen é o casamento do Céu e da Terra, que nos torna capazes de produzir uma vida humana.

A vida humana não funciona forjando-se anéis para que nós reduzamos o mundo a eles, porque embora eles pareçam perfeitos – eles podem ter até uma circularidade perfeita, como um pistão de avião (imagino que um pistão de avião tenha uma circularidade perfeita, mais do que o de um automóvel) –, eles são pequenos. Uma perfeição de circularidade não implica que eles possam explicar alguma coisa.

O que Tolkien faz é uma mitologia que nos ajuda a entender, simbolicamente, que não é possível construir o século XX de novo como nós construímos. Estamos continuando a construir, não é? Vamos dar com os burros n'água, mas paciência. O que ele fez foi uma tentativa de demonstrar que não é

possível governar... embora... que coisa mais poderosa e atrativa não é alguém ter o domínio do anel, para que todo mundo curve-se à sua autoridade! Que maravilha não seria, para o ser humano, dominar todas as possibilidades da vida nas suas próprias mãos – essa é a razão pela qual todo o mundo resiste em entregar o anel. Até mesmo Frodo, no último minuto, resolve não jogar. Depois de ter quase se matado para chegar lá, ele finalmente percebe que destruir o anel seria uma coisa muito ruim.

Pois o anel – diz Gandalf com certeza – não pode existir. Não é que ele tenha que estar nas mãos do bem. Vejam, Saruman diz assim, num dado momento (acho que a gente não viu aqui no resumo): "Vamos usar o anel para o bem." Nós vamos só mudar o método, mas no fundo os nossos objetivos seriam os mesmos. De vez em quando aparece alguém com a ideia de usar o anel para o bem, mas ele não pode ser usado para o bem porque é essencialmente mau – é uma redução ilegítima das possibilidades humanas.

Então, no lugar da lei da natureza, vamos contar que existam milagres; no lugar das certezas, vamos pensar em espanto; é muito melhor uma vida que se espanta do que alguém que só tem certezas; é muito melhor a vida de quem consegue viver com a dúvida, do que quem só tem certezas. Alguém que consegue viver com o mistério é melhor do que quem só depende de explicações lógicas. Ser capaz de viver com esse mecanismo misterioso do mundo, e achar que isso é bom mesmo assim é a arte cristã de viver, mas também é a arte de viver de modo geral. Entender que isso tudo que existe em volta de você é alguma coisa que você nunca compreenderá; e não há nenhuma razão para prender isso em nenhum esquema.

ALUNO: *Gandalf não quer usar o anel...*

PROF. MONIR: Mas Gandalf é a maior vítima potencial. Que intelectual não gostaria que o mundo funcionasse a partir do seu modelo? Veja o quanto Marx deve ser um fantasma feliz no inferno: quantos milhões de pessoas não foram mortas para poder implantar a teoriazinha dele sobre sociedade? Imagine isso para um intelectual, que é o sujeito sem poder nenhum – porque a primeira casta, a casta intelectual, não tem poder, só autoridade moral; o poder militar está com a segunda casta, o poder militar é Aragorn. Gandalf é da primeira casta, ele é o poder espiritual. Ora, o poder espiritual vive o tempo todo precariamente, porque o que você é quando é poder espiritual, quando você é um brâmane? Você só tem autoridade moral; não pode mandar ninguém lhe obedecer.

Há uma mania, hoje em dia – essas coisas de administração de empresas – de dizer que "conhecimento é poder". Conhecimento não é poder coisa nenhuma – só se você tiver o conhecimento dos números da loto - mas isso não é conhecimento coisa nenhuma, é apenas uma informação – *insider information*, ainda por cima. Ora, o contrário: de modo geral, quem sabe alguma coisa não tem poder nenhum; o sujeito que mais sabe não está na universidade. Podem ter certeza absoluta que há uma relação inversa entre capacidade de saber alguma coisa e, por exemplo, a inserção no *establishment* intelectual das universidades. O sujeito que aprendeu alguma coisa é justamente quem não tem poder nenhum. Para alguém que está nessa situação de baixo poder, que coisa maravilhosa não seria controlar o mundo com seu ideário, com seu modelo – esse é o anel que Gandalf não quer botar no dedo dele, porque sabe que a vaidade é poderosissíma. E quem vai dizer que dá para resistir à tentação de mandar estabelecer imperialmente como as coisas são, você que teria desenhado o anel que todos querem ter, porque aquele anel representa o poder – o poder das ideias aparentemente perfeitas, e pequenas?

Olha, uma coisa fundamental na vida... Hoje há muitas pessoas jovens aqui. Entendam uma coisa sobre a sua mente: a sua mente é capaz de fazer coisas magníficas. *Ratio* significa razão; razão significa comparação. A nossa mente é capaz de dividir, separar, juntar, comparar, então a nossa mente tem poderes incríveis, por exemplo, de descobrir que há uma contradição entre os pedaços, ou seja, que um determinado conjunto de ideias está torto. A nossa mente é capaz de resolver tudo isso, mas é incapaz de perceber o que é verdade e o que é mentira. Nunca esqueçam que a palavra "mentira" vem da palavra "mente". Porque a nossa mente é capaz de produzir os esquemas mais sofisticados, com toda a aparência de verdade, mas ser completamente mentira. A nossa mente não sabe fazer a permeação de "verdade e mentira" porque é horizontal, e quem diz para você se é verdade ou mentira não é a mente, é aquilo que os antigos chamavam de intelecto. Intelecto é uma situação vertical; intelecto é aquilo que nós, de modo geral, reputamos ser nossa intuição. A gente acha que determinada coisa é assim, ou determinada coisa é assado; a gente sente que é assim ou assado. A nossa intuição, muitas e muitas vezes, é muito mais útil do que o nosso raciocínio, porque nosso raciocínio é capaz de produzir todo tipo de autoengano que você possa imaginar. A maior parte das pessoas que fazem besteiras homéricas o fazem depois de ter construído uma justificativa racional enorme para isso. Por quê? Porque não ouviram a intuição, e se basearam na razão. Pois a razão é a origem e a causa central daquilo que chamaríamos de loucura. Você imaginar que todas as relações humanas podem ser definidas pelo dinheiro, como fazem os marxistas, é simplesmente criar uma teoria louca. Ora, quando isso se torna finalmente o principal instrumento de raciocínio sobre o mundo, então Sauron pegou o anel, pô**!** O que está acontecendo no mundo é Sauron tomando conta do anel, porque não deu tempo de destruir o anel.

Quando a gente transforma essas coisas num instrumento de compreensão da vida, essas pequenas, minúsculas circularidades perfeitas, que são os anéis, nós destruímos o mistério da vida. Se você destruir o mistério da vida, você se torna absolutamente incapaz de produzir qualquer espécie de conhecimento, de viver nesse mundo. Pois o que fazemos hoje em dia é criar um mundo cheio de aneizinhos: o anelzinho ambientalista, o anelzinho marxista, o anelzinho freudiano, todos esses pequenos aneizinhos aí são aquilo que controla a nossa vida. O único jeito que tem é destruir isso tudo, como Frodo fez.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Vocês não sabem as justificativas que eu já inventei pra mim mesmo para fazer bobagem. A mais simples delas: "Amanhã é Natal". Essa é a mais simples de todas. Você não sabe o que a sua mente é capaz de produzir, de falsas justificativas para você fazer as maiores barbaridades – não que eu tenha feito muitas, grandes, mas que sejam... –, pois elas só são aceitáveis depois que a sua mente inventou uma explicação. Nunca esquecer que a palavra "mentira" vem de "mente". Mentira e mente têm a mesma origem. Então é preciso a gente desembarcar de uma vez da pretensão de construir uma vida humana com base na racionalidade. Você não vai conseguir. Você só consegue fazer bem quando você constrói uma vida humana com base na imaginação, e não na racionalidade. O único jeito de a vida humana dar certo é com base na imaginação.

E para você conseguir ter imaginação, você tem que se comportar como criança, que é capaz de perceber mundos que são invisíveis. Por isso é que Jesus diz: "Venham a mim as crianiçinhas." Ele está dizendo que o

comportamento humano humilde, que é o comportamento que vai para o céu, é o comportamento de alguém que diz assim: "Olha, eu não entendo quase nada disso. Não vou criar aqui a tirania da minha pequena ideia; vou tentar pegar uns pedacinhos, o que eu puder, e dizer: 'Eu humildemente consegui aqui essas moedinhas no meu cofrinho'". O conhecimento humano é uma espécie de cofrinho em que você põe umas moedas e, se você somar tudo, dá 30 reais – porque ninguém vai dar moedas de 1 real; dão para as crianças aquelas moedas que ninguém quer, de 1 centavo; 1 real, não se põe. Então o problema da vida humana é que você não vai para o céu – aí olhando simbolicamente para o cristianismo – se você não tiver o comportamento de criança, que é o comportamento capaz de acreditar em elfos, quer dizer, não em elfos especificamente, mas na ideia de que tudo flutua num mar de mistérios.

Dentro desse mar de mistérios temos que ter alguma certeza pra viver. Pois essa contradição que há entre essas duas coisas é uma das tensões fundamentais que presidem a estruturação da condição humana. Ora, como é que eu destruo essa tensão? Não consigo destruir. Essa tensão é indestrutível. Mas como é que eu faço? Tento transformar tudo em racionalidade, tento criar os aneizinhos redondos, pequenininhos e perfeitos – e eles são perfeitos, o anel parece uma coisa perfeita, ele é infinitamente redondo; no entanto, ele é minúsculo, não tem poder explicativo nenhum. Pois é essa atitude do homem do século XX que Tolkien está querendo modificar, explicando isso simbolicamente pela história da demanda do anel, da sociedade do anel.

Essa é a interpretação que eu acho que tem sentido e cabimento dentro das possibilidades do texto que analisamos hoje.

Então, feito isso, pessoal... passamos um pouquinho do tempo; eu *nunca* passo.

Federação das Indústrias do Estado do Paraná – FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Social da Indústria Paraná – SESI | Superintendente do Sesi Paraná

José Antônio Fares

Gerência de Projetos de Articulação Estratégica e Inovação Social

Maria Cristhina de Souza Rocha | Daniele Farfus

Gerência de Cultura | **Anna Paula Zétola |** Janaína Adão | Eliane Hoepers

Normalização | **Pandita Marchioro**

Núcleo de Educação a Distancia - NUEAD | **Raphael Hardy Fioravanti**

Revisão Ortográfica | **Helena Sztoztak Prestes**

Serviços Terceirizados

Conteudista | **José Monir Nasser**[1] (in memorian)

Revisão de transcrição | **Patrícia Nasser**[2]

Revisão Literária | **Paulo Briguet**[3]

Capa | Diagramação | **Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima**[4]

Ilustração capa | **José Monir Nasser**

1 Mentor e ministrante do projeto do SESI PR, Expedições pelo Mundo da Cultura, realizado nos anos de 2006 a 2011, homenageado nesta publicação (in memorian). Em 2013, o SESI PR adquiriu os direitos autorais das transcrições dos encontros do projeto que foram gravados em arquivos de áudio.
2 Terceira contratada, por meio da empresa Tríade Cultural, para realizar o serviço de transcrição dos encontros do projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, cujo ministrante foi José Monir Nasser.
3 Terceiro contratado, por meio da empresa Briguet Serviços de Comunicação LTDA – ME, para executar o serviço de revisão literária do conteúdo das transcrições dos dez encontros do projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, do SESI PR, que foram publicadas nesta coletânea.
4 Terceira contratada, por meio da empresa Maria Cristina Pacheco ME, para o serviço de diagramação desta publicação.